O ELEVADOR ERSATZ

SEGUINTE

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

O ELEVADOR ERSATZ

SEGUINTE

Caro Leitor,

Se você acaba de pegar este livro para ler, então não é tarde demais para colocá-lo de volta na estante. Como os livros anteriores dessas DESVENTURAS EM SÉRIE, não há nada para se encontrar nestas páginas a não ser desgraças, desespero e mal-estar, e você ainda está em tempo de escolher alguma outra coisa. Nos capítulos desta história, Violet, Klaus e Sunny Baudelaire encontram uma escadaria escura, um arenque vermelho, alguns amigos em situação desesperada, três iniciais misteriosas, um mentiroso com um plano sinistro, uma passagem secreta e refrigerante de salsa.

Jurei pôr no papel essas histórias dos órfãos Baudelaire para que o grande público venha a saber de cada uma das coisas terríveis que aconteceram com eles, mas se em vez disto você decidir ler alguma outra coisa, irá poupar-se de uma montanha de horrores e desgostos.

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?

VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.

KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.

SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

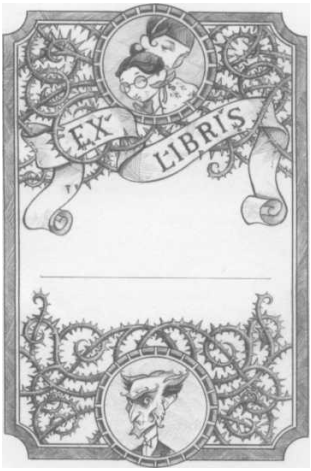
E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a

fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist,** nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times.*


EX
LIBRIS

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

Desventuras em Série

LIVRO Sexto

O ELEVADOR ERSATZ

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Carlos Sussekind

Para Beatrice —

Quando nos conhecemos, minha vida começou.

Logo depois, a sua terminou.

CAPÍTULO UM

O livro que você está segurando nas duas mãos neste momento — presumindo que esteja, de fato, segurando este livro, e que você só tem duas mãos — é um dos dois livros no mundo que mostram a diferença entre a palavra "nervoso" e a palavra "ansioso". O outro livro, é claro, é o dicionário, e eu, se fosse você, preferiria ler o outro. Como este livro, o dicionário mostra que a palavra "nervoso" significa "preocupado com alguma coisa" — você poderia ficar nervoso, por exemplo, se lhe servissem sorvete de ameixa seca de sobremesa, porque ficaria preocupado com a possibilidade de o gosto ser horrível — ao passo que a palavra "ansioso" significa "atormentado por um suspense perturbador", que é como você poderia se sentir se lhe servissem um jacaré

vivo de sobremesa, pois seria atormentado pelo silêncio perturbador contido na dúvida sobre se você vai comer a sobremesa ou se é a sobremesa que vai comer você. Porém, diferentemente deste livro, o dicionário também trata de palavras muito mais agradáveis de contemplar. A palavra “bolha” está no dicionário, por exemplo, bem como a palavra “pavão”, a palavra “férias” e as palavras “a”, “execução”, “do”, “autor”, “foi”, “suspensa”, as quais formam uma sentença que é sempre agradável de ouvir. Portanto, se você fosse ler o dicionário em vez deste livro, poderia pular as partes sobre “nervoso” e “ansioso” e ler a respeito de coisas que não o deixem sem dormir a noite toda, chorando e arrancando os cabelos.

Mas este livro não é o dicionário, e se nele você pulasse as partes sobre “nervoso” e “ansioso”, estaria pulando os trechos mais agradáveis da história toda. Em nenhum lugar deste livro você encontrará as palavras “bolha”, “pavão”, “férias”, nem, infelizmente para mim, coisa alguma sobre uma execução sendo suspensa. Em vez disso, lamento dizer, você encontrará as palavras “pesar”, “desespero” e “deplorável”, bem como as expressões “passagem escura”, “o conde Olaf disfarçado” e “os órfãos Baudelaire caíram numa armadilha”, mais uma variedade de palavras e expressões lamentáveis que não tenho coragem de escrever aqui. Em suma, ler um dicionário poderá deixá-lo nervoso, pois você se preocuparia por achá-lo muito maçante, mas ler este livro o deixará ansioso, pois será atormentado pelo suspense perturbador em que os órfãos Baudelaire se encontram, e eu, se fosse você, deixaria cair este livro das suas duas ou mais mãos e, em vez dele, me enrascaria confortavelmente para ler um dicionário, porque todas aquelas palavras lamentáveis que preciso usar para descrever aqueles infelizes acontecimentos estão prestes a chegar aos seus olhos.

“Imagino que vocês devem estar nervosos”, disse o sr. Poe. O sr. Poe era um executivo de banco que ficara encarregado dos órfãos Baudelaire logo em seguida à morte dos pais deles em um horrível incêndio. Lamento dizer que o sr. Poe não tinha feito um bom trabalho até então, e que os Baudelaire aprenderam que a única coisa com que podiam contar no que dizia respeito ao sr. Poe era o fato de que ele estava sempre com tosse. Na verdade, toda vez que terminava de falar uma frase, pegava o seu lenço branco e tossia nele.

Um vislumbre do algodão branco era praticamente a única coisa que os órfãos Baudelaire puderam ver. Violet, Klaus e Sunny estavam com o sr. Poe na frente de um enorme edifício de apartamentos na Avenida Sombria, que ficava em um dos bairros mais sofisticados da cidade. Embora a Avenida Sombria ficasse a apenas alguns quarteirões de distância do lugar onde antes se erguera a mansão Baudelaire, as três crianças nunca tinham estado antes

naquelas vizinhanças e presumiram que a palavra “sombria” na Avenida Sombria era simplesmente um nome e nada mais, assim como Bulevar George Washington não indica necessariamente que ali mora George Washington, ou Sexta Avenida não indica que as lojas ali só abrem às sextas-feiras. Mas naquela tarde os Baudelaire perceberam que Avenida Sombria era mais que um nome. Era uma descrição apropriada. Em vez de postes de luz, havia árvores enormes a intervalos regulares ao longo da calçada, de um tipo que as crianças nunca tinham visto antes — e que mal podiam ver agora. No alto de um tronco grosso e espinhento, os galhos pendiam como roupa pendurada para secar, espalhando suas folhas largas e chatas em todas as direções, como um teto baixo e folhudo por cima das cabeças dos Baudelaire. Esse teto bloqueava toda a luz que vinha de cima e com isso, muito embora fosse o meio da tarde, a rua parecia escura como se já fosse noite — se bem que um tanto esverdeada. Não se diria que era um bom jeito de fazer com que os órfãos se sentissem bem-vindos ao se aproximar do seu novo lar.

“Vocês não têm por que ficar nervosos”, disse o sr. Poe, guardando o lenço de volta no bolso. “Entendo que alguns dos seus antigos tutores lhes causaram alguns probleminhas, mas acho que o sr. e a sra. Squalor vão lhes proporcionar um lar apropriado.”

“Não estamos nervosos”, disse Violet. “Estamos ansiosos demais para estar nervosos.”

“‘Ansioso’ e ‘nervoso’ significam a mesma coisa”, disse o sr. Poe. “E de qualquer modo, que razão vocês têm para estar nervosos?”

“O conde Olaf, é claro”, respondeu Violet. Violet tinha catorze anos, o que fazia dela a mais velha das crianças Baudelaire e a que mais provavelmente se animaria a falar abertamente com adultos. Era uma excelente inventora e tenho certeza de que, se não estivesse tão ansiosa, teria prendido o cabelo com uma fita para não cair nos olhos enquanto pensava em alguma invenção que trouxesse claridade aos seus arredores.

“O conde Olaf?”, disse o sr. Poe com indiferença. “Não se preocupem com ele. Nunca encontrará vocês aqui.”

As três crianças se entreolharam e suspiraram. O conde Olaf tinha sido o primeiro tutor que o sr. Poe encontrara para os órfãos, e era uma pessoa tão tenebrosa quanto a Avenida Sombria. Tinha uma única e longa sobrancelha, um olho tatuado no tornozelo e duas mãos imundas que ele esperava usar para arrebatar a fortuna dos Baudelaire, a ser herdada pelos órfãos assim que Violet chegasse à maioridade. As crianças tinham convencido o sr. Poe a tirá-los dos cuidados de Olaf, mas desde então o conde as perseguia com uma

determinação obstinada, uma frase que aqui significa “arquitetando planos traiçoeiros e usando disfarces para tentar enganar as três crianças, onde quer que elas estivessem”.

“É difícil não se preocupar com Olaf”, disse Klaus, tirando os óculos para ver se ficava mais fácil olhar em volta na escuridão sem eles, “porque ele tem os nossos confrades em suas garras.” Embora Klaus, o Baudelaire do meio, tivesse apenas doze anos, já havia lido tantos livros que freqüentemente usava palavras como “confrades”, que é uma palavra sofisticada para “amigos”. Klaus estava se referindo aos trigêmeos Quagmire, que os Baudelaire conheceram quando estavam no colégio interno. Duncan Quagmire era um repórter, e estava sempre anotando informações úteis no seu caderno. Isadora Quagmire era uma poeta, e usava o seu caderno para escrever poesia. O terceiro gêmeo, Quigley, morrera em um incêndio antes que os órfãos Baudelaire tivessem a oportunidade de conhecê-lo, mas os Baudelaire tinham certeza de que ele teria sido tão bom amigo quanto os seus irmãos. Como os Baudelaire, os Quagmire eram órfãos e perderam os pais no mesmo incêndio que custara a vida ao irmão e, também como os Baudelaire, tinham herdado uma enorme fortuna na forma das famosas safiras Quagmire, que eram gemas muito raras e valiosas. Mas diferentemente dos Baudelaire, não conseguiram escapar das garras do conde Olaf. Justo quando os Quagmire ficaram sabendo de um terrível segredo a respeito de Olaf, ele os seqüestrou e os Baudelaire, desde então, ficaram tão preocupados que mal conseguiam dormir por um instante que fosse. Sempre que fechavam os olhos, viam apenas o longo carro preto que levara embora os Quagmire, e ouviam apenas o som dos seus amigos gritando um fragmento do terrível segredo que acabavam de conhecer. “c.S.C.!”, gritara Duncan, logo antes de o carro sair na disparada, e os Baudelaire rolavam na cama de um lado para outro, preocupados com os seus amigos, e se perguntavam que diabo queria dizer C.S.C.

“Vocês também não precisam se preocupar com os Quagmire”, disse o sr. Poe, confiante. “Pelo menos, não por muito tempo. Não sei se vocês chegaram a ler o boletim da Administração de Multas, mas tenho algumas boas novas sobre os seus amigos.”

“Gavu?”, perguntou Sunny. Sunny era a mais jovem dos órfãos Baudelaire, e também a menor. Era pouco maior que um salame. Este era um tamanho comum para a sua idade, mas ela tinha quatro dentes que eram maiores e mais afiados que os de qualquer outro bebê que eu tenha visto. Entretanto, apesar da maturidade da sua boca, Sunny em geral falava de um modo que a maioria das pessoas achava difícil de entender. Com “Gavu”, por

exemplo, ela queria dizer “Os Quagmire foram encontrados e resgatados?” ou algo do gênero, e Violet foi logo traduzindo para que o sr. Poe entendesse.

“Melhor que isso”, disse o sr. Poe. “Eu fui promovido. Agora sou Vice-Presidente Encarregado dos Assuntos de Órfãos. Isto significa que estou encarregado não só da situação de vocês, como também da dos órfãos Quagmire. Prometo a vocês que vou concentrar grande parte da minha energia em encontrar os Quagmire e trazê-los de volta à segurança, ou meu nome não é...” — aqui o sr. Poe se interrompeu para tossir mais uma vez no seu lenço, e os Baudelaire aguardaram pacientemente até ele terminar — “... Poe. Então, assim que eu deixar vocês aqui vou fazer uma viagem de helicóptero por três dias ao pico de uma montanha onde os Quagmire podem ter sido vistos. Será muito difícil falar comigo durante esse tempo, pois o helicóptero não tem telefone, mas ligarei para vocês assim que retornar com os seus jovens companheiros. Agora, dá para vocês enxergarem o número deste prédio? Para mim, está difícil ver se estamos no lugar certo.”

“Acho que é 667”, disse Klaus, apertando os olhos na tênue luz verde.

“Então, aqui estamos”, disse o sr. Poe. “O sr. e a sra. Squalor moram no apartamento de cobertura da Avenida Sombria 667. Acho que a porta é aqui.

“Não, é lá adiante”, disse uma voz aguda e rascante na escuridão. Os Baudelaire, surpresos, se sobressaltaram um pouco, se voltaram e viram um homem que usava um chapéu de aba larga e um casaco grande demais para ele. As mangas do casaco cobriam-lhe as mãos completamente, e a aba do chapéu cobria a maior parte do seu rosto. Era tão difícil de enxergar que não foi à toa que as crianças não notaram a presença dele antes. “A maioria dos nossos visitantes acha a porta difícil de encontrar”, disse o homem. “É por isso que contrataram um porteiro.”

“Bem, fico feliz por terem feito isso”, disse o sr. Poe. “Meu nome é Poe, e tenho uma hora marcada com o sr. e a sra. Squalor para deixar os novos filhos deles.”

“Ah, sim”, disse o porteiro. “Eles me disseram que vocês vinham. Entrem.” O porteiro abriu a porta do edifício e os fez entrar em uma sala tão escura quanto a rua. No lugar de lâmpadas, tudo o que havia era umas poucas velas no chão, e as crianças mal podiam distinguir se estavam em uma sala grande ou em uma sala pequena.

“Nossa! Está escuro aqui”, disse o sr. Poe. “Por que você não pede aos seus patrões que instalem aqui uma boa e forte lâmpada halógena?”

“Não podemos”, respondeu o porteiro. “Neste momento, o escuro está

in.”

“In?” perguntou Violet. “In como?”

“Apenas in”, explicou o porteiro. “Por aqui, as pessoas decidem se alguma coisa é in, o que quer dizer que está “por dentro”, tem estilo e é atraente, ou out, o que quer dizer o contrário, que está “por fora”. E fica mudando o tempo todo. Faz só um par de semanas, o escuro estava out e a luz estava in, e vocês deviam ter visto estas vizinhanças. Era preciso usar óculos escuros o tempo todo, para não ferir a vista.”

“Com que então, escuro é in”, disse o sr. Poe. “Espere só até eu contar para a minha mulher. Nesse meio-tempo, pode nos mostrar onde fica o elevador? O sr. e a sra. Squalor moram no apartamento de cobertura, e não quero subir a pé até o último andar.”

“Bem, receio que vocês tenham de fazer isso”, disse o porteiro. “Logo ali há um par de portas de elevador, mas não terão nenhuma utilidade para vocês.

“O elevador está quebrado?”, perguntou Violet. “Eu sou muito boa com dispositivos mecânicos, e ficaria feliz em dar uma olhada.”

“É uma oferta muito gentil e inusitada”, disse o porteiro. “Mas o elevador não está quebrado. Simplesmente está out. A vizinhança decidiu que os elevadores estavam out e então eles desligaram o elevador. As escadas estão in, portanto ainda resta um jeito de chegar à cobertura. Vou mostrar a vocês.”

O porteiro mostrou o caminho através do saguão e os órfãos Baudelaire olharam para cima, perscrutando uma longa escadaria curva, feita de madeira, com um corrimão de metal que acompanhava as suas curvas. Podiam ver que alguém colocara mais velas a cada poucos degraus, de modo que a escadaria parecia ser formada por nada mais que curvas de luzes bruxuleantes que iam ficando cada vez mais pálidas à medida que a escada ia subindo, até não dar para ver mais nada.

“Nunca vi nada assim”, disse Klaus.

“Parece mais uma caverna que uma escada”, disse Violet.

“Pinse!”, disse Sunny, o que queria dizer algo como “Ou o espaço cósmico!”.

“Me parece ser uma longa escalada”, disse o sr. Poe franzindo as sobrancelhas. Ele voltou-se para o porteiro. “Quantos andares tem essa escadaria?” Os ombros do porteiro se encolheram embaixo do seu casaco grande demais.

“Não me lembro”, disse ele. “Acho que são quarenta e oito, mas podem ser oitenta e quatro.”

“Eu não sabia que os edifícios podiam ser tão altos”, disse Klaus.

“Bem, sejam quarenta e oito ou oitenta e quatro”, disse o sr. Poe, “eu não tenho tempo para subir tudo isso com vocês, crianças. Vou perder o meu helicóptero. Vocês terão de subir sozinhos, e transmitir as minhas saudações ao sr. e à sra. Squalor.”

“Teremos de subir sozinhos?”, disse Violet.

“Dêem-se por felizes de não ter trazido as suas coisas com vocês”, disse o sr. Poe. “A sra. Squalor disse que não havia razão para trazer nenhuma das roupas de vocês, e eu acho que isto é porque ela queria poupá-los do esforço de arrastar malas por todas essas escadas acima.”

“O senhor não vem conosco?”, perguntou Klaus.

“Eu simplesmente não tenho tempo para acompanhá-los”, disse o sr. Poe, “e é isso.”

Os Baudelaire se entreolharam. As crianças sabiam, como estou certo de que vocês sabem, que normalmente não há motivo para ter medo do escuro, porém mesmo que a gente não sinta realmente medo de alguma coisa, pode não querer chegar perto dela, e os órfãos estavam um pouquinho nervosos com a idéia de ter de escalar tudo aquilo até o fim sem um adulto do lado.

“Se vocês estão com medo do escuro”, disse o sr. Poe, “imagino que posso adiar a minha busca pelos Quagmire e levá-los aos seus novos tutores.”

“Não, não”, Klaus apressou-se a dizer. “Não estamos com medo do escuro, e encontrar os Quagmire é muito mais importante.”

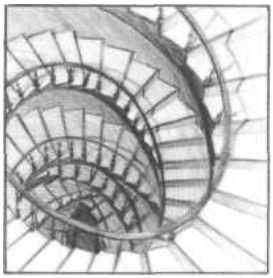
“Obog”, disse Sunny meio em dúvida.

“Apenas tente engatinhar enquanto agüentar”, disse Violet à irmã, “e então Klaus e eu nos revezaremos carregando você. Até logo, sr. Poe.”

“Até logo, crianças”, disse o sr. Poe. “Se houver qualquer problema, lembrem-se de que sempre poderão contatar a mim ou qualquer dos meus colegas na Administração de Multas — pelo menos, assim que eu descer do helicóptero.”

“Tem uma coisa de bom com essa escadaria”, brincou o porteiro, começando a acompanhar o sr. Poe de volta à porta da frente. “A partir deste ponto, é tudo ‘pra cima’.” Os órfãos Baudelaire ouviram as risadinhas do porteiro enquanto ele desaparecia nas trevas e subiram os primeiros degraus.

Como vocês com certeza já sabem, a expressão “A partir deste ponto, é tudo ‘pra cima’” não tem nada a ver com subir as escadas. Significa simplesmente que as coisas vão melhorar no futuro. As crianças tinham entendido a piada, mas estavam ansiosas demais para rir. Estavam ansiosas em relação ao conde Olaf, que poderia encontrá-los a qualquer minuto. Estavam ansiosas em relação aos trigêmeos Quagmire, que poderiam jamais voltar a ver. E agora, começando a subir a escadaria à luz de velas, estavam ansiosas em relação aos seus novos tutores. Tentavam imaginar que espécie de gente viveria em uma rua tão escura, em um prédio tão escuro, e no alto de quarenta e oito ou oitenta e quatro lances de escada muito escuros. Acharam difícil de acreditar que as coisas fossem melhorar no futuro vivendo em um ambiente tão deprimente e mal iluminado. Muito embora os aguardasse uma longa escalada, quando os órfãos Baudelaire começaram a subir na escuridão estavam ansiosos demais para acreditar que tudo seria “pra cima” a partir daquele ponto.



CAPÍTULO DOIS

A fim de ter uma idéia mais clara de exatamente como os órfãos Baudelaire se sentiram quando começaram a penosa jornada escadaria acima até o apartamento de cobertura do sr. e da sra. Squalor, você poderá achar conveniente fechar os olhos ao ler este capítulo, pois a luz que vinha das velas no chão era tão pálida que parecia que os olhos estavam fechados mesmo quando olhavam o mais intensamente que podiam. A cada curva na escada havia uma porta que levava ao apartamento de cada andar, e um par de portas deslizantes de elevador. Os jovens, naturalmente, não ouviam som algum vindo de trás das portas deslizantes, já que o elevador tinha sido desligado, mas atrás das portas dos apartamentos as crianças podiam ouvir os ruídos produzidos pelas pessoas que moravam no prédio. Quando chegaram ao sétimo andar, ouviram dois homens rindo como se alguém tivesse contado uma piada. Quando chegaram ao décimo segundo andar, ouviram o barulho da água enquanto alguém tomava banho. Quando chegaram ao décimo nono andar, ouviram uma mulher dizendo "Deixe que comam bolo" em uma voz que tinha um sotaque estranho.

"Me pergunto o que as pessoas vão ouvir quando passarem pelo apartamento de cobertura", Violet pensou em voz alta, "quando estivermos morando lá."

"Espero que me ouçam virando páginas", disse Klaus. "Talvez o sr. e a sra. Squalor tenham alguns livros interessantes para ler."

"Ou, quem sabe, as pessoas me ouvirão usando uma chave inglesa", disse Violet.

"Espero que os Squalor tenham algumas ferramentas e me deixem usá-las nas minhas invenções."

"Crife!", disse Sunny, passando cautelosamente de gatinhas por uma das velas no chão.

Violet baixou os olhos para ela e sorriu. “Não acho que isto vai ser um problema, Sunny”, disse ela. “Você normalmente acha uma coisa ou outra para morder. E avise quando quiser que nós comecemos a carregá-la.”

“Eu gostaria que alguém carregasse a mim”, disse Klaus agarrando o corrimão para se apoiar. “Estou ficando cansado.”

“Eu também”, admitiu Violet. “Daria para imaginar que estas escadas não nos cansariam, depois que o conde Olaf nos fez correr todas aquelas voltas na pista quando estava disfarçado de professor de educação física, mas não é este o caso. Aliás, em que andar estamos?”

“Não sei”, disse Klaus. “As portas não têm números, e eu perdi a conta.”

“Bem, com a cobertura não há como a gente se enganar”, disse Violet. “Ela fica no último andar, portanto vamos simplesmente continuar subindo até acabar a escada.”

“Eu queria poder inventar um dispositivo que nos carregasse escada acima”, disse Klaus.

Violet sorriu, muito embora seus irmãos não pudessem ver o sorriso no escuro.

“Esse dispositivo foi inventado muito tempo atrás”, disse ela. “Chama-se elevador. Mas os elevadores estão out, está lembrado?”

Klaus também sorriu. “E os pés cansados estão in”, disse ele.

“Você se lembra daquela vez”, disse Violet, “em que os nossos pais participaram da Décima Sexta Maratona Anual? Os pés deles estavam tão cansados que, quando chegaram em casa, papai preparou o jantar sentado no chão da cozinha, em vez de ficar em pé!”

“É claro que me lembro”, disse Klaus. “Jantamos só salada, porque eles não conseguiram ficar em pé para alcançar o fogão.”

“Teria sido uma refeição perfeita para a tia Josephine”, disse Violet, lembrando-se de uma entre os seus vários tutores anteriores. “Ela nunca quis usar o fogão, pois achava que podia explodir.”

“Pomres”, disse Sunny, tristonha. Ela queria dizer algo no gênero de “Como descobrimos no fim, o fogão era o menor dos problemas da tia Josephine”.

“É verdade”, Violet disse baixinho, quando as crianças ouviram alguém espirrar atrás de uma porta.

“Eu queria saber como serão os Squalor”, disse Klaus.

“Bem, eles devem ser ricos para morar na Avenida Sombria”, disse Violet.

“Acrofil”, disse Sunny, o que queria dizer “E eles com certeza não têm medo de altura”.

Klaus sorriu e baixou os olhos para a irmã. “Você parece cansada, Sunny”, disse ele. “Violet e eu podemos nos revezar carregando você. Vamos trocar a cada três andares.”

Violet concordou com o plano de Klaus com um movimento da cabeça, e então disse “Sim” em voz alta, pois se deu conta de que o movimento de cabeça era invisível no escuro. Eles continuaram a subir as escadas, e lamento dizer que os dois Baudelaire mais velhos se revezaram muitas e muitas vezes carregando Sunny. Se os Baudelaire estivessem subindo uma escada de tamanho normal eu escreveria “E eles subiram e subiram”, mas uma frase mais apropriada começaria com “E eles subiram, e subiram, e subiram”, e prosseguiria assim por quarenta e oito ou oitenta e quatro páginas, já que a escadaria era tão inacreditavelmente longa. Ocasionalmente, eles passavam pela figura indistinta de alguma outra pessoa descendo as escadas, mas as crianças estavam cansadas demais até para dizer “Boa tarde” — e, mais tarde, “Boa noite” — para aqueles outros residentes da Avenida Sombria 667. Os Baudelaire ficaram com fome. Eles ficaram com o corpo dolorido. E ficaram muito cansados de olhar para velas, e degraus, e portas, todos idênticos.

Quando já não podiam agüentar mais, chegaram a mais uma porta, e degrau, e vela, e cerca de cinco lances depois disso a escada finalmente acabou e depositou as crianças exaustas em uma pequena sala com uma última vela no meio do tapete. À luz da vela, os órfãos Baudelaire puderam ver a porta do seu novo lar e, do outro lado, dois pares de portas deslizantes de elevador e, ao lado, botões com setas.

“Imaginem só”, disse Violet, ofegante com a longa escalada, “se os elevadores estivessem in, teríamos chegado à cobertura dos Squalor em apenas alguns minutos.”

“Bem, talvez em breve eles voltem a ser in”, disse Klaus. “É o que espero. A outra porta deve dar para o apartamento dos Squalor. Vamos bater.” Eles bateram na porta e, quase imediatamente, ela se abriu revelando um homem alto, usando um terno com listras compridas e estreitas de cima até embaixo. Este tipo de terno é chamado de terno risca-de-giz e normalmente é usado por pessoas que, ou são astros de cinema, ou são gângsteres.

“Pensei ter ouvido alguém se aproximando da porta”, disse o homem, dando às crianças um sorriso tão grande que dava para ver até no escuro da

sala. “Por favor, entrem. Meu nome é Jerome Squalor, e estou muito contente por vocês virem morar conosco.”

“Muito prazer em conhecê-lo, sr. Squalor”, disse Violet, ainda ofegante, quando ela e seus irmãos entraram em um Vestíbulo quase tão escuro quanto a escadaria. “Eu sou Violet Baudelaire, e estes são o meu irmão Klaus e a minha irmã Sunny.”

“Deus, você parece estar sem fôlego”, disse o sr. Squalor. “Por sorte, posso pensar em duas coisas a fazer a respeito. Uma é que vocês podem parar de me chamar de sr. Squalor e começar a me chamar de Jerome. Também vou chamar vocês três só pelo primeiro nome, e assim todos nós vamos poupar fôlego. A segunda coisa é que vou preparar para vocês um delicioso martíni geladinho. Venham por aqui.”

“Um martíni?”, perguntou Klaus. “Não é uma bebida alcoólica?”‘

“Geralmente é”, concordou Jerome. “Mas neste momento os martínis alcoólicos estão out. Os martínis aquosos estão in. Um martíni aquoso é simplesmente água gelada servida em uma taça sofisticada com uma azeitona dentro, portanto é perfeitamente lícito servi-lo tanto a crianças como a adultos.”

“Nunca tomei um martíni aquoso”, disse Violet, “mas vou provar um.”

“Ah!”, disse Jerome. “Você é uma aventureira! Gosto disto em uma pessoa. A sua mãe também era uma aventureira. Você sabe, ela e eu éramos muito bons amigos tempos atrás. Escalamos o monte Fraught com alguns amigos — Deus, isso deve ter sido há uns vinte anos. O monte Fraught era conhecido pelos animais perigosos que viviam lá, mas a sua mãe não tinha medo. Mas então, mergulhando do céu...”

“Jerome, quem era na porta?”, gritou uma voz da sala ao lado, e entrou uma mulher alta e esbelta, também usando terno risca-de-giz. Tinha unhas compridas, pintadas com um esmalte tão brilhante que cintilavam até naquela luz pálida.

“As crianças Baudelaire, é claro”, respondeu Jerome.

“Mas elas não vinham hoje!”, exclamou a mulher.

“É claro que vinham”, disse Jerome. “Há dias e dias que estou esperando por isso! Vocês sabem”, disse ele voltando-se da mulher para os Baudelaire, “eu queria adotar vocês desde o momento em que ouvi contar do incêndio. Mas, infelizmente, foi impossível.”

“Os órfãos estavam out naquela época”, explicou a mulher. “Agora, eles

estão in.”

“Minha mulher está sempre atenta ao que é in e ao que é out”, disse Jerome. “Eu não ligo muito para isso, mas Esmé pensa de outro jeito. Foi ela quem insistiu em mandar remover o elevador. Esmé, eu estava indo preparar um martíni aquoso para eles. Você também quer?”

“Oh, sim!”, exclamou Esmé. “Os martínis aquosos estão in.” Ela aproximou-se rapidamente das crianças e inspecionou-as. “Eu sou Esmé Gigi Geniveve Squalor, a sexta consultora financeira mais importante da cidade”, anunciou ela, pomposa. “Apesar de eu ser inacreditavelmente rica, vocês podem me chamar de Esmé. Vou aprender os nomes de vocês depois. Estou muito feliz por estarem aqui, porque órfãos estão in, e quando todos os meus amigos ouvirem que eu tenho três órfãos vivos de verdade, vão ficar doentes de inveja, não vão, Jerome?”

“Espero que não”, disse Jerome, levando as crianças por um corredor comprido e escuro até uma sala enorme e escura onde havia diversos divas, cadeiras e mesas sofisticados. Na outra ponta da sala havia uma série de janelas, todas com as cortinas fechadas para não deixar entrar nenhuma luz. “Não gosto de ouvir dizer que alguém vai ficar doente. Bem, sentem-se, crianças, vou contar a vocês um pouco sobre o seu novo lar.”

Os Baudelaire sentaram-se em três cadeiras enormes, gratos pela oportunidade de descansar os pés. Jerome atravessou a sala até uma das mesas, onde havia uma jarra de água ao lado de uma tigela cheia de azeitonas e algumas taças sofisticadas, e preparou rapidamente os martínis aquosos. “Aqui está”, disse ele entregando uma taça sofisticada para Esmé e uma para cada criança. “Vejamos. Caso vocês se percam, lembrem-se de que o seu novo endereço é Avenida Sombria 667, apartamento de cobertura.”

“Ora, não fique contando coisas bobas como essa para elas”, disse Esmé, agitando a mão de unhas compridas na frente do rosto como se estivesse sendo atacada por uma mariposa. “Crianças, eis aqui algumas coisas que vocês precisam saber. Escuro é in. Luz é out. Escadas são in. Elevadores são out. Ternos risca-de-giz são in. Essas roupas horríveis que vocês estão usando são out.”

“O que Esmé quer dizer”, Jerome apressou-se em consertar, “é que nós queremos que vocês se sintam o mais confortáveis possível aqui.” Violet bebeu um golinho do seu martíni aquoso. Não ficou surpresa ao descobrir que tinha gosto de água pura, com um leve toque de azeitona. Não gostou muito, mas aquilo aliviou a sede causada pela longa subida pela escadaria. “Muito gentil da sua parte”, disse ela.

“O sr. Poe me contou sobre alguns dos seus antigos tutores”, disse Jerome balançando a cabeça. “Me sinto horrivelmente mal por vocês terem tido de passar por experiências tão terríveis, quando podíamos ter cuidado de vocês o tempo todo.”

“Era inevitável”, disse Esmé. “Quando alguma coisa está out, ela está out, e órfãos estavam out.”

“Eu também ouvi tudo sobre esse tal de conde Olaf”, disse Jerome. “Falei para o porteiro não deixar entrar neste prédio ninguém que se parecesse, mesmo vagamente, com aquele homem desprezível, portanto vocês estarão seguros.”

“Isto é um alívio”, disse Klaus.

“De qualquer modo, supõe-se que aquele homem horroroso esteja no alto de alguma montanha”, disse Esmé. “Lembra-se, Jerome? Aquele banqueiro sem estilo disse que estava indo de helicóptero procurar os tais gêmeos que ele raptou.”

“Na verdade”, disse Violet, “são trigêmeos. Os Quagmire são bons amigos nossos.”

“Não diga!”, disse Jerome. “Então vocês devem ter ficado terrivelmente preocupados!”

“Bem, se os encontrarem logo”, disse Esmé, “talvez nós também os adotemos. Cinco órfãos! Ficarei sendo a pessoa mais in da cidade!

“Certamente temos espaço para eles”, disse Jerome. “Este é um apartamento de setenta e um quartos, crianças, portanto vocês poderão escolher os de vocês. Klaus, Poe mencionou alguma coisa sobre o seu interesse por inventar coisas, está correto?”

“A inventora é a minha irmã”, respondeu Klaus. “Eu mesmo, sou mais um pesquisador.”

“Muito bem então”, disse Jerome. “Você pode ficar com o quarto ao lado da biblioteca, e Violet pode ficar com o que tem uma grande bancada de madeira, perfeita para guardar ferramentas. Sunny pode ficar no quarto entre vocês dois. Que tal lhes parece?”

Aquilo lhes parecia absolutamente esplêndido, é claro, mas os órfãos Baudelaire nem tiveram oportunidade de dizer isso, pois um telefone tocou bem naquele instante.

“Eu atendo! Eu atendo!”, gritou Esmé, e correu para o outro lado da sala,

para atender. “Residência Squalor”, disse ela ao fone, e então aguardou enquanto a pessoa falava do outro lado. “Sim, é a sra. Squalor. Sim. Sim. Sim? Oh, obrigada, obrigada, obrigada!” Ela desligou e voltou-se para as crianças. “Adivinhem o quê?”, perguntou ela.

“Tenho novidades fantásticas sobre o assunto de que estávamos falando!”

“Os Quagmire foram encontrados?”, perguntou Klaus, esperançoso.

“Quem?”, perguntou Esmé. “Ah, eles. Não, eles não foram encontrados. Não sejam tolos. Jerome, crianças, escutem: o escuro está out! A luz normal está in!”

“Bem, não tenho tanta certeza de que posso chamar isso de novidades fantásticas”, disse Jerome, “mas será um alívio ter um pouco de luz por aqui. Vamos, jovens Baudelaire, ajudem-me a abrir as cortinas e vocês poderão dar uma olhada na nossa vista. Dá para avistar um bocado aqui de cima.”

“Vou acender todas as lâmpadas da cobertura”, disse Esmé ofegante de excitação. “Depressa, antes que alguém veja que este apartamento ainda está escuro!” Enquanto Esmé disparava para fora da sala, Jerome deu uma pequena encolhida de ombros para os três irmãos e atravessou a sala até as janelas. Os Baudelaire os seguiram e ajudaram a abrir as pesadas cortinas que cobriam as janelas. Imediatamente a luz do sol invadiu a sala, fazendo-os apertar os olhos até que se ajustassem à luz natural. Se os Baudelaire tivessem olhado em volta agora que a sala estava apropriadamente iluminada, teriam visto o quanto os móveis todos eram sofisticados. Os divas tinham almofadas bordadas com prata. As cadeiras eram todas pintadas com tinta dourada. E as mesas eram feitas de madeira extraída de algumas das árvores mais caras do mundo. Mas os órfãos Baudelaire não estavam olhando para a sala, por luxuosa que fosse. Estavam olhando pela janela, para a cidade lá embaixo.

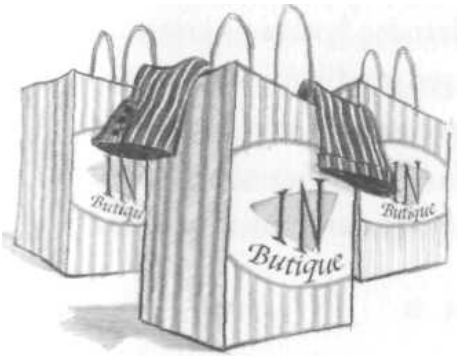
“Uma vista espetacular, vocês não acham?”, perguntou-lhes Jerome, e eles concordaram com a cabeça. Era como se estivessem olhando para uma cidade muito, muito pequenina, com caixas de fósforos em vez de edifícios e marcadores de livros em vez de ruas. Podiam ver minúsculas formas coloridas que pareciam uma porção de insetos, porém, na realidade, eram todos os carros e carruagens da cidade, circulando pelos marcadores de livros até chegar às caixas de fósforos onde moravam e trabalhavam os pontinhos que eram as pessoas. Os Baudelaire podiam ver os arredores onde tinham morado com os pais, e as partes da cidade onde moravam seus amigos; e em uma pálida e muito distante faixa azul, a praia onde tinham recebido a terrível notícia que dera início a todas as suas desventuras.

“Eu sabia que vocês iam gostar”, disse Jerome. “Sai muito caro morar em

um apartamento de cobertura, mas acho que vale a pena para ter uma vista como esta. Olhe, aquelas caixinhas minúsculas lá adiante são fábricas de suco de laranja. Aquele prédio meio arroxeado junto ao parque é o meu restaurante favorito. Ah, e olhem direto para baixo — já estão cortando aquelas árvores horrorosas que deixavam a nossa rua tão escura."

"É claro que estão cortando", disse Esmé, voltando apressada para a sala e soprando algumas velas que tinham sido postas sobre a lareira. "A luz normal está in, tão in quanto martínis aquosos, risca-de-giz e órfãos."

Violet, Klaus e Sunny olharam direto para baixo e viram que Jerome tinha razão. Aquelas árvores estranhas que bloqueavam a luz do sol na Avenida Sombria, e que vistas de tamanha altura não pareciam mais altas que clipes de papel, estavam sendo derrubadas por pontinhos-jardineiros. Muito embora as árvores tivessem feito a rua parecer tão escura, era uma pena derrubá-las todas, deixando apenas os tocos expostos que, da janela da cobertura, pareciam percevejos cravados no chão. Os três irmãos se entreolharam, depois olharam de novo para a Avenida Sombria. Aquelas árvores não eram mais in, então os jardineiros estavam se livrando delas. Os Baudelaire não queriam nem pensar no que aconteceria quando os órfãos também não estivessem mais in.



CAPÍTULO TRÊS

Se você pegasse um saco plástico e o colocasse dentro de uma grande tigela, e depois, usando uma colher de pau, mexesse bem mexido o saco dentro da tigela, poderia usar a expressão "saco remexido" para descrever o que teria diante de você, mas não estaria usando a expressão do mesmo modo como estou prestes a usá-la agora. Muito embora "saco remexido" às vezes se refira a um saco plástico que foi remexido em uma tigela, a expressão é mais freqüentemente usada para descrever uma situação que tem simultaneamente partes boas e partes ruins. Uma matinê no cinema, por exemplo, seria um saco remexido se estivesse passando o seu filme predileto, porém você tivesse de comer pedregulhos em vez de pipocas. Uma excursão ao zoológico seria um saco muito remexido se o tempo estivesse maravilhoso, porém todos os leões devoradores de homens e mulheres estivessem à solta. E, para os órfãos Baudelaire, os primeiros dias com os Squalor foram um dos sacos mais remexidos que já tinham encontrado, porque as partes boas eram muito boas, mas as partes ruins eram simplesmente horrendas.

Uma das partes boas era que os Baudelaire estavam vivendo de novo na cidade onde nasceram e foram criados. Depois que os Baudelaire pais morreram, e depois da desastrosa temporada com o conde Olaf, as três crianças tinham sido mandadas para diversos lugares remotos para morar e sentiam amargamente a falta das vizinhanças familiares de sua cidade natal. Todas as manhãs, depois que Esmé saía para o trabalho, Jerome levava as crianças para algum dos seus lugares prediletos na cidade. Violet ficou feliz ao ver que as suas exposições favoritas no Museu Verne das Invenções não tinham sido mudadas, e assim ela pôde dar mais uma olhada nas demonstrações mecânicas que a inspiraram a ser uma inventora quando tinha apenas dois anos de idade. Klaus ficou encantado ao revisitar a Livraria Akhmatova, aonde seu pai costumava levá-lo, como um prêmio especial, para

comprar um atlas ou um volume da enciclopédia. E Sunny ficou interessada em visitar o Hospital Pincus, onde nascera, embora suas lembranças daquele lugar fossem um pouco vagas.

Mas à tarde as três crianças voltavam para a Avenida Sombria 667, e esta parte da situação dos Baudelaire é que não era nem de longe tão agradável. Para começar, a cobertura era simplesmente grande demais. Além dos setenta e um quartos de dormir, havia uma porção de salas de estar, salas de jantar, salas de café-da-manhã, salas de lanche, salas de sentar, salas de ficar em pé, salões de baile, banheiros, cozinhas e uma variedade de salas que pareciam não ter nenhuma serventia. A cobertura era tão enorme que com freqüência os órfãos Baudelaire se viam irremediavelmente perdidos dentro dela. Violet saía do seu quarto para escovar os dentes e não conseguia encontrar o caminho de volta por uma hora. Klaus, inadvertidamente, esquecia os óculos em um balcão de cozinha e desperdiçava a tarde inteira tentando encontrar a cozinha certa. E Sunny conseguia encontrar um lugar muito confortável para sentar e ficar mordendo coisas, mas era incapaz de encontrá-lo de novo no dia seguinte. Muitas vezes era difícil passar algum tempo com Jerome, simplesmente porque era muito difícil achá-lo no meio de todas as salas sofisticadas do seu novo lar, e só raríssimas vezes os Baudelaire chegavam a ver Esmé. Sabiam que ela saía para trabalhar todos os dias e voltava à noite, mas mesmo nas ocasiões em que estava no apartamento com eles, as três crianças mal chegavam a vislumbrar a sexta consultora financeira mais importante da cidade. Era como se ela tivesse se esquecido completamente dos novos membros da família, ou simplesmente estivesse mais interessada em perambular pelas salas do apartamento do que em passar algum tempo com os três irmãos. Mas os órfãos Baudelaire, na verdade, não se importavam muito com o fato de Esmé estar ausente com tanta freqüência. Preferiam muito mais passar o tempo uns com os outros, ou com Jerome, em vez de participar de conversas infindáveis sobre o que era in e o que era out.

Mesmo quando os Baudelaire ficavam nos seus quartos, as três crianças não tinham momentos assim tão esplêndidos. Como ele tinha prometido, Jerome dera a Violet o quarto com uma grande bancada de madeira, que era sem dúvida perfeita para guardar ferramentas, mas Violet não conseguiu achar ferramentas em nenhum lugar da cobertura. Ela achou estranho que em um apartamento tão enorme não houvesse nem mesmo uma chave de boca, ou um mísero alicate, mas Esmé explicou altivamente, quando Violet lhe perguntou uma noite, que as ferramentas estavam out. Klaus realmente ficou com o quarto vizinho à biblioteca Squalor, que era uma sala grande e confortável com centenas de livros nas prateleiras. Mas o Baudelaire do meio ficou desapontado ao descobrir que todos os livros, sem exceção, eram descrições

do que tinha sido in e out em várias épocas da história. Klaus tentou se interessar por livros desse tipo, mas era tão maçante ler um livro pretensioso como Em 1812 as botas eram in, ou Trutas: na França elas são out, que Klaus acabou não passando praticamente tempo algum na biblioteca. E a pobre Sunny não teve melhor sorte, uma frase que aqui significa "também ficava entediada no seu quarto". Jerome, solícito, pusera uma porção de brinquedos no quarto dela, mas eram do tipo projetado para bebês com dentes mais delicados: bichinhos moles de pelúcia, bolas acolchoadas e almofadas multicores diversas; não tinha a menor graça morder nenhum deles.

Mas o que realmente remexia o saco dos Baudelaire não era o tamanho acachapante do apartamento dos Squalor, nem os desapontamentos de uma bancada sem ferramentas, uma biblioteca sem livros interessantes ou itens de entretenimento não mastigáveis. O que realmente perturbava as três crianças era o pensamento de que os trigêmeos Quagmire estavam sem dúvida vivendo coisas que eram muito, muito piores. A cada dia que passava, a preocupação com os amigos era como uma carga nos ombros dos Baudelaire, que parecia ir ficando cada vez mais pesada, pois os Squalor se recusavam a dar qualquer apoio.

"Eu estou muito, muito cansada de discutir os seus amiguinhos gêmeos", disse Esmé uma noite, enquanto os Baudelaire e os Squalor bebericavam martínis aquosos em uma sala de estar que as crianças nunca tinham visto antes. "Sei que vocês estão preocupados com eles, mas é uma chateação ficar tagarelando o tempo todo sobre isso."

"Não queríamos chateá-la", disse Violet, sem acrescentar que é terrivelmente indelicado dizer às pessoas que os seus problemas são uma chateação.

"É claro que não", disse Jerome, pescando a azeitona da sua taça sofisticada e jogando-a na boca antes de se dirigir à sua esposa. "As crianças estão preocupadas, Esmé, o que é perfeitamente compreensível. Sei que o sr. Poe está fazendo tudo o que pode, mas talvez devamos juntar as nossas cabeças e pensar em alguma outra coisa."

"Eu não tenho tempo para juntar a minha cabeça", disse Esmé. "Está chegando a hora do Leilão In e tenho de dedicar todas as minhas energias para garantir que seja um sucesso."

"O Leilão In?", perguntou Klaus.

"Um leilão", explicou Jerome, "é uma espécie de liquidação. Todo mundo se reúne em uma grande sala, e um leiloeiro mostra uma porção de coisas que estão à venda. Se você vê alguma coisa de que gosta, grita quanto

está disposto a pagar por aquilo. Isso se chama ‘lance’. Então alguma outra pessoa pode fazer um lance, depois mais alguém, e quem der o lance mais alto ganha o leilão e compra o item em questão. É tremendamente excitante. A sua mãe costumava adorar leilões! Lembro-me de uma vez...”

“Você esqueceu a parte mais importante”, interrompeu Esmé. “Chama-se Leilão in porque estamos vendendo somente coisas que estão in. Sou sempre eu quem organiza, e é um dos eventos mais arrasadores do ano!”

“Rasadores?”, perguntou Sunny.

“Neste caso”, explicou Klaus à sua irmã mais nova, “a palavra não quer dizer que as coisas são arrasadas. Significa apenas ‘fabulosos’.”

“E é mesmo fabuloso”, disse Esmé, terminando o seu martíni aquoso.

“Realizamos o leilão no Veblen Hall e só leiloamos as coisas mais in que podemos encontrar. E o melhor de tudo é que todo o dinheiro vai para uma boa causa.”

“Que boa causa?”, perguntou Violet.

Esmé bateu palmas alegremente com as suas mãos de unhas compridas. “Eu!

Até o último centavo que as pessoas pagam no leilão vem direto para mim! Não é arrasador?”

“Na verdade, querida”, disse Jerome, “eu estava pensando que este ano talvez devêssemos doar o dinheiro para outra boa causa. Por exemplo, eu há pouco estava lendo a respeito daquela família de sete pessoas. A mãe e o pai perderam seus empregos e agora estão tão pobres que não podem se dar ao luxo de morar nem mesmo em um apartamento de um dormitório. Poderíamos mandar uma parte do dinheiro do leilão para gente como eles.”

“Não fale bobagens”, disse Esmé mal-humorada. “Se nós dermos dinheiro para as pessoas pobres, elas não serão mais pobres. Além disso, este ano nós vamos ganhar montes de dinheiro. Hoje almocei com doze milionários, e onze deles afirmaram categoricamente que vão comparecer ao Leilão In. O décimo segundo precisa ir a uma festa de aniversário. Pense só no dinheiro que vou ganhar, Jerome! Talvez possamos nos mudar para um apartamento maior!”

“Mas acabamos de nos mudar para cá umas poucas semanas atrás”, disse Jerome. “Prefiro gastar algum dinheiro para pôr o elevador a funcionar de novo. É muito cansativo ter de subir as escadas até a cobertura.”

“Lá vem você, falando bobagens de novo”, disse Esmé. “Se não tenho de ficar ouvindo a tagarelice dos meus órfãos sobre os seus amigos raptados, tenho de ficar ouvindo você falar sobre coisas como elevadores. Bem, de qualquer modo não temos mais tempo para conversa fiada. Gunther vem aqui à noite e quero que você, Jerome, leve as crianças para jantar.”

“Quem é Gunther?”, perguntou Jerome.

“Gunther é o leiloeiro, é claro”, respondeu Esmé. “Ele é considerado o leiloeiro mais in da cidade, e vai me ajudar a organizar o leilão. Vem aqui à noite para discutir o catálogo do leilão, e não queremos ser perturbados. É por isso que quero que vocês saiam para jantar e nos dêem um pouco de privacidade.”

“Mas hoje eu ia ensinar as crianças a jogar xadrez”, disse Jerome.

“Não, não, não”, disse Esmé. Vocês vão sair para jantar. Já está tudo arranjado. Fiz uma reserva no Café Salmonela para as sete horas. Agora são seis, portanto é bom vocês se mexerem. Vão precisar de tempo folgado para descer a pé todas aquelas escadas. Mas antes de vocês irem, crianças, tenho um presente para cada uma de vocês.”

Com isso, as crianças Baudelaire foram pegas des-prevenidas, uma frase que aqui significa “ficaram surpresas porque uma pessoa tão egoísta tinha comprado presentes para elas”, mas Esmé realmente enfiou a mão atrás do sofá vermelho-escuro onde estava sentada e tirou de lá três sacolas com as palavras “Butique In” em sofisticadas letras rebuscadas. Com um gesto sofisticado, Esmé entregou uma sacola a cada Baudelaire.

“Achei que se comprasse alguma coisa que vocês realmente desejassem”, disse ela, “iriam parar com essa tagarelice toda sobre os Quagmire.”

“O que Esmé quer dizer”, acrescentou Jerome apressadamente, “é que nós queremos que vocês se sintam felizes aqui na nossa casa, mesmo estando preocupados com os seus amigos.”

“Não é nada disso que eu quis dizer”, disse Esmé, “mas não importa. Abram as sacolas, crianças.”

Os Baudelaire abriram os seus presentes, e lamento dizer que aquelas também eram sacolas remexidas. Existem muitas, muitas coisas difíceis nesta vida, mas uma que não é nada difícil é descobrir se uma pessoa está ou não entusiasmada ao abrir um presente. Freqüentemente, se ela está entusiasmada, porá pontos de exclamação nos finais das suas frases para indicar o tom de voz entusiasmado. Por exemplo, se ela diz

“Oh!” o ponto de exclamação indica que a pessoa está dizendo “Oh!” de um jeito entusiasmado, em vez de estar simplesmente dizendo “Oh”, com uma vírgula depois, o que indicaria que o presente é algo desapontador.

“Oh”, disse Violet ao abrir o seu presente.

“Oh”, disse Klaus ao abrir o seu.

“Oh”, disse Sunny ao rasgar a sua sacola com os dentes.

“Ternos risca-de-giz! Eu sabia que vocês iam ficar entusiasmados!”, disse Esmé.

“Vocês devem ter se sentido mortificados nos últimos dias, andando pela cidade sem ter nenhuma risca-de-giz para usar! Riscas-de-giz são in, e órfãos são in, portanto imaginem só o quanto ficarão in quando vocês, órfãos, estiverem usando risca-de-giz! Não admira que tenham ficado tão entusiasmados!”

“Eles não me pareceram entusiasmados quando abriram os presentes”, disse Jerome, “e eu não os culpo. Esmé, achei que tínhamos dito que compraríamos um jogo de ferramentas para Violet. Ela é muito entusiasmada com invenções, e pensei que íamos apoiar esse entusiasmo.”

“Mas eu também sou entusiasmada com ternos risca-de-giz”, disse Violet, sabendo que devemos sempre dizer que estamos encantados com um presente mesmo quando não gostamos dele nem um pouco. “Muito obrigada.”

“E Klaus devia ganhar um bom almanaque”, continuou Jerome. “Eu falei a você sobre o interesse dele na Linha Internacional de Mudança de Data, e um almanaque é o livro perfeito para aprender sobre isto.”

“Mas eu estou muito interessado em risca-de-giz”, disse Klaus, que era capaz de mentir tão bem quanto a irmã quando surgia uma necessidade. “Eu realmente apreciei o presente.”

“E Sunny”, disse Jerome, “devia ganhar um grande quadrado feito de bronze. Teria sido um presente atraente e facilmente mordível.”

“Aijim”, disse Sunny. Queria dizer alguma coisa na linha de “Adorei a minha roupa. Muito obrigada”, muito embora não achasse isso nem um pouco.

“Sei que discutimos a compra desses itens bobos”, disse Esmé com um aceno da mão de unhas compridas, “mas ferramentas estão out a semanas, almanaques estão out a meses, e esta tarde eu recebi um telefonema informando que não se espera que os grandes quadrados de bronze estejam in

por pelo menos mais um ano. O in agora são riscas-de-giz, Jerome, e eu não gosto que você tente ensinar às minhas crianças novas que elas devem ignorar o que é in e o que é out. Você não quer o melhor para os órfãos?”

“É claro”, suspirou Jerome. “Eu não tinha pensado nisso deste modo, Esmé. Bem, crianças, realmente espero que vocês gostem dos seus presentes apesar de eles não combinarem com os seus interesses. Por que vocês não vão vestir os seus ternos novos para o jantar?”

“Oh, sim!”, disse Esmé. “O Café Salmonela é um dos restaurantes mais in. De fato, acho que eles nem deixam você entrar lá se não estiver usando risca-de-giz, portanto vão trocar de roupa. Mas andem depressa! Gunther deve chegar a qualquer minuto.”

“Vamos andar depressa”, prometeu Klaus, “e obrigado de novo pelos nossos presentes.”

“Não tem de quê”, disse Jerome com um sorriso, e as crianças sorriram de volta para ele, saíram da sala de estar, seguiram por um longo corredor, atravessaram uma cozinha e mais uma sala de estar, passaram por quatro banheiros, et cetera, et cetera, et cetera, finalmente encontrando o caminho para os seus quartos. Ficaram um minuto parados na frente das três portas, olhando tristemente para as suas sacolas.

“Não sei como vamos usar essas coisas”, disse Violet.

“Nem eu”, disse Klaus. “E o pior é saber que nós quase ganhamos os presentes que realmente queríamos.”

“Puictiu”, concordou Sunny, soturna.

“Olhem só para nós”, disse Violet. “Parecemos crianças irremediavelmente mimadas. Estamos vivendo em um apartamento enorme. Temos cada qual o nosso quarto. O porteiro prometeu ficar alerta ao conde Olaf e pelo menos um dos nossos novos tutores é uma pessoa interessante. E nós aqui parados nos queixando.”

“Você tem razão”, disse Klaus. “Devíamos ver o lado bom das coisas. Na verdade não vale a pena a gente ficar se queixando só porque ganhou uma droga de presente — não quando os nossos amigos estão correndo um perigo tão terrível. Temos realmente muita sorte pelo simples fato de estar aqui.”

“Chittol”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como “É verdade. Temos de parar de nos queixar e tratar de vestir as nossas roupas novas.” Os Baudelaire ficaram juntos mais um momento e expressaram seu acordo acenando resolutamente com a cabeça, expressão que aqui significa

“tentaram se forçar a pôr um fim aos sentimentos de ingratidão e ir vestir os ternos”. Mas apesar de não quererem parecer mimados, apesar de saberem que a sua situação não era nem um pouco terrível, e apesar de terem menos de uma hora para trocar de roupa, encontrar Jerome e descer a pé todas aquelas centenas e centenas de degraus, as três crianças pareciam incapazes de se mexer. Simplesmente continuavam em pé na frente das portas dos seus quartos e olhavam para as suas sacolas da Butique In.

“Naturalmente”, disse Klaus afinal, “não importa quanta sorte tenhamos, resta o fato de que estes ternos risca-de-giz são absolutamente grandes demais para nós.” Klaus tinha dito a verdade. Era uma verdade que poderia ajudar você a entender por que os Baudelaire ficaram tão desapontados com o que estava nas suas sacolas. Era uma verdade que poderia ajudar você a entender por que os Baudelaire estavam tão relutantes em entrar nos seus quartos e vestir os seus ternos risca-de-giz. E era uma verdade que se tornou ainda mais óbvia quando os Baudelaire finalmente entraram nos seus quartos, e abriram as suas sacolas, e vestiram os presentes que Esmé lhes tinha dado.

Muitas vezes é difícil dizer se uma peça de vestuário vai servir ou não até que você a prove, mas as crianças Baudelaire puderam dizer no instante em que olharam pela primeira vez para dentro das sacolas que aquelas roupas os deixavam ananicados em comparação. A expressão “ananicados em comparação” não tem nada a ver com anões, que são umas criaturas chatas dos contos de fadas que passam o tempo todo assobiando e fazendo faxina na casa. “Ananicado em comparação” significa simplesmente que uma coisa parece menor quando comparada com outra coisa. Um camundongo seria ananicado em comparação com uma avestruz, que é muito maior, e uma avestruz seria ananicada em comparação com a cidade de Paris. E os Baudelaire foram ananicados em comparação com os ternos risca-de-giz. Quando Violet vestiu as calças do seu terno, as pernas das calças iam muito, muito além das pernas do seu corpo, e então ficou parecendo que ela tinha dois espaguetes enormes em vez de pés. Quando Klaus vestiu o paletó do seu terno, as mangas caíram muito, muito além das mãos, e os braços ficaram parecendo ter encolhido para dentro do corpo. E o terno de Sunny a ananicava tanto em comparação que era como se ela tivesse puxado as cobertas por cima da cabeça em vez de trocar de roupa. Quando os Baudelaire saíram dos seus quartos e se encontraram de novo no corredor, estavam tão ananicados em comparação que mal reconheceram um ao outro.

“Parece que você está esquiando”, disse Klaus, apontando para as pernas das calças da irmã mais velha. “Só que os seus esquis são feitos de pano em vez de liga de titânio.”

“Parece que você se lembrou de pôr o paletó mas esqueceu de pôr os braços”, retrucou Violet com um sorriso arreganhado.

“Mmphmmm!”, gritou Sunny, e nem mesmo os seus dois irmãos conseguiram entender o que ela estava dizendo debaixo de todo aquele pano de risca-de-giz.

“Meu Deus, Sunny”, disse Violet, “pensei que você era um calombo no tapete. Acho que é melhor a gente amarrar uma das mangas do terno em volta de você. Talvez amanhã possamos achar uma tesoura e...”

“Nnphnn!”, interrompeu Sunny.

“Ora, não seja boba, Sunny”, disse Klaus. “Já vimos você de roupa de baixo centenas de vezes. Mais uma não vai fazer diferença.” Mas Klaus estava errado. Ele não estava errado a respeito da roupa de baixo — quando você é um bebê, a família a vê de roupa de baixo muitas vezes, e não adianta ficar envergonhada com isso —, mas ele estava errado ao pensar que quando Sunny disse “Nnphnn!” ela estava se queixando por ter de tirar a roupa na frente dos irmãos. O terno exagerado de Sunny tinha abafado a palavra que ela estava realmente dizendo, e era uma palavra que ainda me persegue em sonhos todas as noites quando fico virando de um lado para o outro na cama, imagens de Beatrice e seu legado preenchendo meu cérebro cansado e aflito, não importa para onde eu viaje no mundo e não importa qual evidência importante eu descubra. Mais uma vez é necessário usar a expressão “ananicada em comparação” para me referir ao que aconteceu depois de Sunny pronunciar aquela palavra fatídica em voz alta. Pois muito embora Violet e Klaus não pudessem ouvir o que Sunny tinha dito, eles instantaneamente perceberam o que a irmã queria dizer. Porque quando Sunny pronunciou a palavra, uma longa sombra projetou-se sobre os Baudelaire, e eles ergueram os olhos para ver o que estava obstruindo a luz. E quando olharam, sentiram que tudo em suas vidas se tornara ananicado em comparação com o quanto se sentiam encurralados, pois aquela palavra, lamento dizer, era “Olaf”.

CAPÍTULO QUATRO

Se você alguma vez for forçado a assistir a uma aula de química, provavelmente verá, na frente da classe, um grande quadro dividido em retângulos com diferentes números e letras em cada um deles. Esse quadro é chamado de tabela dos elementos, e os cientistas gostam de dizer que contém todas as substâncias de que é formado o nosso mundo. Como todo mundo, os cientistas erram de tempos em tempos e é fácil ver que estão errados a respeito da tabela dos elementos. Porque muito embora essa tabela contenha um grande número de elementos, do elemento oxigênio, que é encontrado no ar, ao elemento alumínio, que é encontrado nas latas de refrigerante, a tabela dos elementos não contém um dos elementos mais poderosos que formam o nosso mundo, e este é o elemento surpresa. O elemento surpresa não é um gás, como o oxigênio, nem um sólido, como o alumínio. O elemento surpresa é uma vantagem injusta, e pode ser encontrado em situações em que uma pessoa se aproxima furtivamente de outra. A pessoa surpreendida — ou, neste triste caso, as pessoas surpreendidas — fica atordoada demais para se defender e a pessoa furtiva tem a vantagem do elemento surpresa.

"Olá, faz favor", disse o conde Olaf em sua voz rascante, e os órfãos

Baudelaire ficaram atordoados demais para se defender. Eles não gritaram. Eles não fugiram de Olaf. Eles não bradaram aos seus tutores para salvá-los. Eles simplesmente ficaram lá parados dentro de seus enormes ternos risca-de-giz, olhando para o homem terrível que, de algum modo, os encontrara mais uma vez.

Enquanto Olaf olhava para eles de cima para baixo com um sorriso sórdido, se regalando com a vantagem injusta do elemento surpresa, as crianças viram que ele envergava mais um de seus nefandos disfarces, uma expressão que aqui significa que ele não as enganou nem por um instante, não importa o que estivesse vestindo. Nos pés de Olaf havia um par de lustrosas botas de cano alto que chegavam quase até os joelhos — do tipo de botas que alguém poderia usar para andar a cavalo. Sobre um dos olhos de Olaf havia um monóculo, que é uma lente para um olho só em vez de dois — um tipo de acessório que obriga a pessoa a franzir a testa para segurá-lo no lugar. E o resto do corpo estava coberto por um terno risca-de-giz — o tipo de terno que alguém poderia usar para estar in no momento em que tem lugar esta história. Mas os Baudelaire sabiam que Olaf não fazia questão de estar in, assim como não tinha a visão imperfeita em um olho, nem estava de saída para andar a cavalo. As três crianças sabiam que Olaf estava usando as botas para encobrir o olho tatuado em seu tornozelo esquerdo. Sabiam que ele estava usando o monóculo para poder franzir a testa e tornar difícil ver que tinha uma única longa sobrancelha acima dos seus olhos muito, muito brilhantes. E sabiam que ele estava usando um terno risca-de-giz para que todos pensassem que era uma pessoa rica e in cujo lugar era a Avenida Sombria, em vez de um vilão ganancioso e traiçoeiro cujo lugar era uma prisão fortemente guardada.

“Vocês devem ser crianças, faz favor”, continuou ele, usando incorretamente a expressão “faz favor” pela segunda vez. “O nome meu está Gunther. Faz favor desculpa meu pronúncia. Faz favor, eu não está fluente no língua inglesa, faz favor.”

“Como...”, disse Violet, e parou. Ela ainda estava atordoada e era difícil terminar a frase “Como você nos encontrou tão depressa, e como passou pelo porteiro que prometeu mantê-lo longe de nós?” enquanto estava sob efeito do elemento surpresa.

“Onde...”, disse Klaus, e parou. Ele estava tão atordoado quanto a irmã e achou impossível terminar a frase “Onde você pôs os trigêmeos Quagmire?” enquanto estava sob efeito do elemento surpresa.

“Bic...”, disse Sunny, e parou. O elemento surpresa desabara sobre a mais jovem dos Baudelaire tão pesadamente quanto sobre Violet e Klaus, e Sunny

não conseguiu encontrar as palavras para terminar a frase “Bicaiado?”, que queria dizer alguma coisa como “Que novo plano malévolo você urdiu para roubar a nossa fortuna?”.

“Eu está vendo que vocês também não está fluentes no língua inglesa, faz favor”, disse o conde Olaf, continuando a fingir um jeito diferente de falar. “Onde está o mãe e a pai?”

“Nós não somos a mãe e o pai”, disse Esmé, e os Baudelaire sentiram mais um elemento surpresa quando os Squalor saíram para o corredor de uma outra porta. “Somos os tutores legais. Essas crianças são órfãs, Gunther.”

“Ah!” Atrás do seu monóculo, os olhos do conde Olaf ficaram ainda mais brilhantes, como acontecia com freqüência quando ele olhava de cima para baixo para os Baudelaire indefesos. As crianças se sentiram como se os seus olhos fossem um par de fósforos acesos, prestes a esturricá-los. “Órfãos do tipo in!”, disse ele.

“Eu sei que os órfãos são in”, disse Esmé, ignorando a formulação arrevesada de Olaf. “De fato, são tão in que deviam ser leiloados no grande evento da semana que vem!”

“Esmé!”, disse Jerome. “Estou chocado! Nós não vamos leiloar estas crianças.”

“É claro que não”, disse Esmé. “Leiloar crianças é contra a lei. Ora, vamos. Venha comigo, Gunther. Vou levá-lo em uma excursão completa pelo nosso apartamento. Jerome, leve as crianças para o Café Salmonela.”

“Mas nós ainda nem os apresentamos”, disse Jerome. “Violet, Klaus, Sunny, este é Gunther, o leiloeiro de quem estávamos falando há pouco. Gunther, estes são os mais novos membros da nossa família.”

“Eu está feliz em conhecer, faz favor”, disse Olaf estendendo uma das suas mãos descarnadas.

“Já nos conhecemos antes”, disse Violet, feliz ao ver que o elemento surpresa estava passando e que ela estava encontrando coragem para falar. “Muitas vezes antes. Jerome e Esmé, este homem é um impostor. Ele não é Gunther, e não é um leiloeiro. Este é o conde Olaf.”

“Eu não está entendendo, faz favor, o que a órfão está dizendo”, disse Olaf. “Faz favor, eu não está fluente no língua inglesa, faz favor.”

“Você é fluente, sim”, disse Klaus, que também começava a se sentir mais corajoso que surpreso. “Você fala inglês perfeitamente.”

“Ora, Klaus, estou surpreso com você!”, disse Jerome. “Uma pessoa que já leu tanto como você devia ter notado que ele cometeu alguns erros gramaticais.”

“Uaram!”, gritou Sunny.

“Minha irmã tem razão”, disse Violet. “O inglês errado é apenas parte do seu disfarce. Se vocês o fizerem tirar as botas, verão a tatuagem dele, e se o fizerem tirar o monóculo, ele vai desfranzir a testa e...”

“Gunther é um dos leiloeiros mais in do mundo”, disse Esmé, impaciente. “Ele mesmo me disse. Não vou fazê-lo se despir só para vocês se sentirem melhor. Agora apertem a mão de Gunther e saiam para jantar, e não se fala mais nisto.”

“Ele não é Gunther, estou dizendo!”, gritou Klaus. “Ele é o conde Olaf.”

“Eu não sabe o que você está dizendo, faz favor”, disse o conde Olaf, encolhendo os ombros esqueléticos.

“Esmé”, disse Jerome, hesitante. “Como podemos ter certeza de que este homem é de fato quem ele diz ser? As crianças realmente parecem muito assustadas. Talvez devêssemos...”

“Talvez devêssemos ouvir o que eu tenho a dizer”, disse Esmé, apontando um dedo de unha comprida para si mesma. “Sou Esmé Gigi Geniveve Squalor, a sexta consultora financeira mais importante da cidade. Moro na Avenida Sombria e sou inacreditavelmente rica.”

“Eu sei disso, meu bem”, disse Jerome. “Eu moro com você.”

“Bem, se você quer continuar morando comigo, vai chamar este homem pelo nome certo, e isto vale para vocês três crianças também. Eu me dou ao trabalho de comprar uns ternos risca-de-giz maravilhosos para vocês, e vocês começam a acusar as pessoas de andar disfarçadas!”

“Tudo bem, faz favor”, disse o conde Olaf. “Os crianças está confundidas.”

“Nós não estamos confusos, Olaf”, disse Violet.

Esmé voltou-se para Violet e lançou-lhe um olhar irado. “Você e os seus irmãos vão chamar este homem de Gunther”, ordenou ela, “ou vão me deixar muito, muito arrependida por trazer vocês ao meu glamouroso lar.”

Violet olhou para Klaus, depois para Sunny, e tomou uma decisão rápida. Nunca é agradável discutir com alguém, mas às vezes é útil e necessário. Outro dia, por exemplo, foi útil e necessário para mim ter uma discussão

desagradável com um estudante de medicina, porque se ele não tivesse me emprestado a sua lancha de corrida eu estaria agora acorrentado dentro de uma minúscula sala à prova d'água, em vez de estar sentado em uma fábrica de máquinas de escrever batendo esta deplorável história. Mas Violet percebeu que não era útil nem necessário discutir com Esmé, pois a sua tutora já tinha claramente se decidido quanto a Gunther. Seria mais útil e necessário sair da cobertura e tentar imaginar o que fazer a respeito do reaparecimento daquele pavoroso vilão, em vez de ficar ali parada discutindo sobre que nome usar para ele, e assim Violet respirou fundo e sorriu para o homem que tantas desgraças trouxera às vidas dos Baudelaire.

"Mil perdões, Gunther", disse ela, quase engasgando com o seu falso pedido de desculpas.

"Mas...", começou Klaus, porém Violet lançou-lhe um olhar que queria dizer que os Baudelaire iriam discutir o assunto mais tarde, quando não houvesse adultos por perto.

"Tem razão", disse ele depressa, entendendo na hora a olhada da irmã. "Nós o confundimos com outra pessoa, senhor."

Gunther ergueu a mão para o rosto e ajustou o monóculo. "Tudo bem, faz favor", disse ele.

"É tão mais agradável quando ninguém está discutindo", disse Jerome. "Vamos, crianças, vamos jantar. Gunther e Esmé têm de planejar o leilão e precisam do apartamento só para eles."

"Me dê só um minuto para enrolar as minhas mangas", replicou Klaus. "Os nossos ternos estão um pouquinho grandes."

"Primeiro vocês se queixam de que Gunther é um impostor, depois se queixam dos ternos", disse Esmé revirando os olhos. "Acho que isto serve para mostrar que os órfãos podem ser in e indelicados ao mesmo tempo. Venha, Gunther, deixe-me mostrar o resto do meu glorioso apartamento."

"Até logo, faz favor", disse Gunther às crianças, os olhos brilhando forte, e deu-lhes um pequeno aceno de mão enquanto seguia atrás de Esmé pelo corredor. Jerome acenou de volta, mas assim que Gunther desapareceu na virada do corredor ele se inclinou para perto das crianças.

"Foi muito gentil vocês terem parado de discutir com Esmé", disse ele. "Eu pude perceber que vocês não ficaram totalmente convencidos de ter se enganado a respeito de Gunther. Mas não se preocupem. Há uma coisa que podemos fazer para tranqüilizá-los." Os Baudelaire se entreolharam e sorriram de alívio. "Oh, obrigada, Jerome", disse Violet. "O que você tinha em

mente?”

Jerome sorriu e se ajoelhou para ajudar Violet a enrolar as pernas do seu terno.

“Será que você adivinha?”, disse ele.

“Poderíamos obrigar Gunther a tirar as botas”, disse ela, “aí então veríamos se a tatuagem de Olaf está lá.”

“Ou poderíamos obrigá-lo a tirar o monóculo e desfranzir a testa”, disse Klaus enquanto enrolava as mangas, “aí então poderíamos dar uma olhada melhor na situação da sua sobrancelha.”

“Resica!”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa do tipo “Ou poderíamos simplesmente dizer a ele para ir embora da cobertura e nunca mais voltar!”.

“Bem, não sei o que ‘Resica!’ quer dizer”, disse Jerome, “mas nós não vamos fazer nenhuma das outras coisas. Gunther é um convidado, e nós não queremos ser indelicados com ele.”

Na verdade, os Baudelaire queriam ser indelicados com ele, mas sabiam que seria indelicado dizer isso. “Então o que vai nos tranqüilizar?”, perguntou Violet.

“Em vez de descer todas aquelas escadas a pé”, disse Jerome, “podemos descer pelo corrimão! É muito divertido e, sempre que faço isto, tiro todos os meus problemas da cabeça, não importa quais sejam. Sigam-me!”

Descer escorregando pelo corrimão, é claro, não iria fazer os Baudelaire se sentirem nem um pouco melhor a respeito da pessoa pérfida que estava emboscada na sua casa, mas antes que qualquer um deles pudesse dizer isto, Jerome já estava mostrando o caminho para fora da cobertura. “Venham, Baudelaires!”, chamou ele, e as crianças o seguiram corredor abaixo, através de quatro salas de estar e uma cozinha, passando por nove quartos de dormir e, finalmente, para fora do apartamento. Ele levou as crianças para além dos dois pares de portas de elevador até o topo da escadaria e sentou-se no corrimão com um sorriso largo.

“Eu vou primeiro”, disse ele, “para vocês verem como se faz. Tenham cuidado nas curvas e, se estiverem indo depressa demais, podem reduzir a velocidade raspando os sapatos na parede. Não tenham medo!”

Jerome deu um impulso, e um segundo depois já tinha escorregado para fora de vista, sua risada reverberando pela escadaria enquanto ele precipitava-se corrimão abaixo para o saguão. As crianças olharam para baixo no vão da

escada e sentiram o coração encolher de medo. Não era medo de descer pelo corrimão. Os Baudelaire já tinham escorregado por um bom número de corrimãos abaixo e, apesar de nunca terem descido por um que tivesse quarenta e oito ou oitenta e quatro andares de altura, não estavam com medo de tentar, especialmente agora que a luz normal estava in e eles podiam enxergar aonde iam. Mas assim mesmo estavam com medo. Estavam com medo de que Gunther tivesse algum plano engenhoso e sórdido para pôr as mãos na fortuna dos Baudelaire, e eles não tinham a mínima idéia do que era. Estavam com medo de que algo horrível tivesse acontecido aos trigêmeos Quagmire, já que Gunther parecia ter tido tempo à vontade para achar os Baudelaire aqui, em seu novo lar. E estavam com medo de que os Squalor fossem de pouca ou nenhuma ajuda para manter as três crianças a salvo das garras perversas de Gunther.

O som das risadas de Jerome foi ficando cada vez mais fraco à medida que ele escorregava para cada vez mais longe, e enquanto eles continuavam ali parados sem dizer palavra, olhando para baixo, para a escadaria que dava voltas, e mais voltas, e mais voltas até onde os olhos podiam alcançar, os órfãos Baudelaire temiam que, a partir daquele ponto, seria tudo “pra baixo”.

CAPÍTULO CINCO

O Café Salmonela ficava no Bairro dos Peixes, que era uma parte da cidade que tinha aparência, som, cheiro e provavelmente — caso você se ajoelhasse no chão e lambesse as suas ruas — gosto de peixe. O Bairro dos Peixes tinha cheiro de peixe porque estava localizado perto das docas da cidade, onde os pescadores vendiam o peixe que pescavam todas as manhãs. Tinha som de peixe porque o calçamento estava sempre molhado por causa da brisa do mar e os pés dos passantes produziam sons borbulhantes e chapinhantes que lembravam os ruídos produzidos pelas criaturas do mar. E tinha aparência de peixe porque todos os edifícios do Bairro dos Peixes eram feitos de reluzentes

escamas prateadas em vez de tijolos ou tábuas. Quando os órfãos Baudelaire chegaram ao Bairro dos Peixes e seguiram Jerome até o Café Salmonela, tiveram de olhar para o céu noturno para se lembrar de que não estavam debaixo d'água.

O Café Salmonela não era apenas um restaurante, mas um restaurante temático, o que significa simplesmente um restaurante com comida e decoração seguindo uma certa idéia. O tema do Café Salmonela — provavelmente você é capaz de adivinhar pelo nome — era salmão. Havia retratos de salmões nas paredes, e desenhos de salmões no cardápio, e os garçons e garçonetes vestiam fantasias de salmão, o que tornava difícil para eles carregar travessas e bandejas. As mesas eram decoradas com vasos cheios de salmões em lugar de flores e, naturalmente, toda a comida servida pelo Café Salmonela tinha alguma coisa a ver com salmões. Não há nada de especialmente errado com salmões, é claro, porém, como acontece com caramelos, iogurte de morango e líquido para limpar carpetes, se você comer em exagero não vai apreciar muito a sua refeição. Foi o que aconteceu naquela noite com os órfãos Baudelaire. O garçom fantasiado primeiro trouxe para a mesa tigelas de sopa creme de salmão, depois um pouco de salada gelada de salmão e depois, como prato principal, um pouco de salmão na brasa com acompanhamento de ravióli de salmão ao molho de manteiga de salmão; e quando por fim o garçom trouxe torta de salmão com uma bola de sorvete de salmão em cima, as crianças já não queriam provar mais nem um bocadinho de salmão, nunca mais. Mas mesmo se naquela refeição tivesse sido servida uma variedade de pratos diferentes, todos deliciosamente preparados e trazidos por um garçom usando roupas simples e confortáveis, os Baudelaire não teriam apreciado o jantar, porque o pensamento de Gunther passando a noite sozinho com a tutora deles os tinha feito perder o apetite muito mais do que o exagero de peixe rosado e saboroso, e Jerome simplesmente não tinha mais vontade de discutir o assunto.

"Eu simplesmente não tenho mais vontade de discutir o assunto", disse Jerome, sorvendo um pequeno gole do seu copo d'água, no qual havia pedacinhos de salmão congelado flutuando em vez de cubos de gelo. "E francamente, jovens Baudelaire, acho que vocês deviam ter um pouco de vergonha das suas suspeitas. Sabem o que quer dizer a palavra 'xenófobo'?"

Violet e Sunny sacudiram a cabeça e olharam para o irmão, que estava tentando se lembrar se já tinha se deparado com a palavra em algum dos seus livros. "Quando uma palavra termina em 'fobo'", disse Klaus, limpando a boca com um guardanapo com forma de salmão, "isto normalmente quer dizer que alguém está com medo de alguma coisa. Então, 'xeno' significa 'Olaf'?"

“Não”, disse Jerome. “Significa ‘forasteiro’, ou ‘estrangeiro’. Um xenófobo é alguém que tem medo de pessoas só porque elas vêm de um país diferente, o que é um motivo muito tolo para se ter medo. Eu imaginava que vocês eram sensíveis demais para ser xenófobos. Afinal, Violet, Galileu veio de um país da Europa, e inventou o telescópio. Você teria medo dele?”

“Não”, disse Violet. “Eu me sentiria honrada em conhecê-lo. Mas...”

“E você, Klaus”, continuou Jerome, “certamente já ouviu falar do escritor Junichiro Tanizaki, que veio de um país da Ásia. Você teria medo dele?”

“É claro que não”, disse Klaus. “Mas...”

“E você, Sunny”, continuou Jerome. “O puma de dentes afiados pode ser encontrado em vários países da América do Norte. Você ficaria com medo se encontrasse um puma?”

“Netesh”, disse Sunny, o que queria dizer algo como “É claro que sim! Os pumas são animais selvagens”, mas Jerome continuou falando como se não tivesse ouvido nem uma palavra do que ela disse.

“Não que eu queira passar um pito em vocês”, disse ele. “Sei que passaram por momentos muito difíceis desde a morte dos seus pais, e Esmé e eu queremos fazer todo o possível para proporcionar um bom e seguro lar a vocês. Não creio que o conde Olaf se atreva a aparecer no nosso bairro sofisticado, mas caso ele o faça, o porteiro o reconhecerá e alertará as autoridades imediatamente.”

“Mas o porteiro não o reconheceu”, insistiu Violet. “Ele estava disfarçado.”

“E Olaf se atreveria a aparecer em qualquer lugar para nos achar”, acrescentou Klaus. “Não importa quão sofisticado seja o bairro.” Jerome olhou para as crianças com um jeito incomodado. “Por favor, não discutam comigo”, disse ele. “Não suporto discussões.”

“Mas às vezes discutir é útil e necessário”, disse Violet.

“Não consigo pensar em uma única discussão que pudesse ser útil e necessária”, disse Jerome. “Por exemplo, Esmé fez reservas para nós aqui no Café Salmonela, e eu não suporto o gosto de salmão. Eu podia ter discutido com ela sobre isso, é claro, mas por que seria útil e necessário?”

“Bem, você poderia ter tido um jantar agradável”, disse Klaus. Jerome sacudiu a cabeça. “Algum dia, quando você for mais velho, vai entender”, disse ele. “Enquanto isso, você se lembra qual dos salmões é o nosso garçom? Já está quase na hora de vocês irem para a cama, e eu gostaria de pagar a

conta e levá-los para casa.”

Os órfãos Baudelaire trocaram olhares de frustração e tristeza. Estavam frustrados com a tentativa de convencer Jerome da verdadeira identidade de Gunther, e estavam tristes porque sabiam que não adiantava continuar tentando. Eles mal pronunciaram mais uma palavra enquanto Jerome os levava para fora do Café Salmonela e para dentro de um táxi que os transportou do Bairro dos Peixes até a Avenida Sombria 667. A caminho, o motorista passou pela praia onde os Baudelaire ouviram pela primeira vez a terrível notícia sobre o incêndio, um momento que parecia estar em um passado muito, muito distante, embora não tivesse acontecido há tanto tempo assim; e quando as crianças olharam pela janela para as ondas do mar encrespando-se ao longo da praia muito, muito escura, elas mais do que nunca sentiram saudades dos pais. Se os Baudelaire pais estivessem vivos, teriam dado ouvidos às suas crianças. Teriam acreditado nelas quando lhe contassem quem Gunther realmente era. Mas o que deixou os Baudelaire mais tristes foi o fato de que, se os Baudelaire pais estivessem vivos, os três irmãos não saberiam sequer quem era o conde Olaf, muito menos ser objetos dos seus planos traiçoeiros e gananciosos. Violet, Klaus e Sunny, sentados no táxi, olhavam pesarosos pela janela e desejavam com toda a força poder retornar aos tempos em que as suas vidas eram alegres e despreocupadas.

“Vocês já estão de volta?”, perguntou o porteiro enquanto abria a porta do táxi com a mão ainda escondida na manga do casaco. “A sra. Squalor disse que vocês não devem voltar antes que o seu convidado saia da cobertura, e ele ainda não desceu.” Jerome olhou para o relógio e franziu a testa. “Já é muito tarde”, disse ele. “As crianças precisam ir logo para a cama. Estou certo de que se nós formos bem discretos, não vamos perturbá-los.”

“Minhas instruções são muito estritas”, disse o porteiro. “Ninguém deve entrar no apartamento de cobertura antes que o convidado saia do edifício, coisa que ele, certamente, ainda não fez.”

“Não quero discutir com você”, disse Jerome. “Mas talvez ele esteja descendo neste momento. Leva um bom tempo para descer todas aquelas escadas, a não ser que você desça escorregando pelo corrimão. Portanto acho que estará tudo em ordem se nós subirmos.”

“Eu nunca tinha pensado nisso”, disse o porteiro, coçando o queixo com a manga.

“Está certo, acho que vocês podem subir. Talvez cruzem com ele nas escadas.” As crianças Baudelaire se entreolharam. Não tinham certeza do que as deixava mais nervosas: se a idéia de que Gunther tinha passado tanto tempo

no apartamento dos Squalor, ou a idéia de que poderiam cruzar com ele quando estivesse descendo as escadas. “Talvez a gente deva esperar o Gunther sair”, disse Violet. “Não queremos causar problemas ao porteiro.”

“Não, não”, decidiu Jerome. “É melhor nós começarmos a escalada de uma vez, senão vamos ficar cansados demais para chegar até em cima. Sunny, não deixe de me avisar quando você quiser que eu a carregue.”

Eles entraram no saguão do edifício e ficaram surpresos ao ver que tinha sido completamente re-decorado enquanto estavam jantando. Todas as paredes tinham sido pintadas de azul, e o chão estava coberto de areia, com algumas conchas espalhadas pelos cantos.

“A decoração praiana está in”, explicou o porteiro. “Ainda há pouco recebi um telefonema. Até amanhã, o saguão vai estar cheio de paisagens submarinas.”

“Pena que não soubemos disso antes”, disse Je-rome. “Teríamos trazido alguma coisa do Bairro dos Peixes.”

“Ah, eu queria que tivessem mesmo trazido”, disse o porteiro. “Todo mundo está querendo decoração praiana agora, e está ficando difícil de encontrar.”

“Certamente haverá alguma decoração praiana à venda no Leilão In”, disse Jerome, quando ele e os Baudelaire chegaram ao pé da escada. “Talvez você devesse dar uma passada por lá e comprar alguma coisa para o saguão.”

“Talvez eu faça isso”, disse o porteiro, sorrindo de um jeito estranho para as crianças. “Talvez eu faça isso. Tenham uma boa noite, pessoal.” Os Baudelaire disseram boa-noite ao porteiro e começaram a longa escalada. Eles subiram, e subiram, e passaram por diversas pessoas que estavam descendo, porém, apesar de muitas delas estarem de terno risca-de-giz, nenhuma delas era Gunther. À medida que as crianças subiam mais e mais alto, as pessoas que desciam as escadas pareciam mais e mais cansadas, e toda vez que os Baudelaire passavam pela porta de um apartamento ouviam os sons das pessoas se preparando para ir dormir. No décimo sétimo andar, ouviram alguém perguntar à mãe onde estava a espuma para banho. No trigésimo oitavo andar, ouviram os sons de alguém escovando os dentes. E em um andar muito alto — as crianças tinham perdido a conta de novo, mas deve ter sido muito alto, pois Jerome estava carregando Sunny — elas ouviram alguém com uma voz muito, muito profunda lendo uma história infantil em voz alta. Todos aqueles sons os deixaram cada vez mais sonolentos, e quando chegaram ao último andar os órfãos Baudelaire estavam tão cansados que se sentiam como sonâmbulos, dormindo e andando ao mesmo tempo; ou, no caso de Sunny,

dormindo e sendo carregada ao mesmo tempo. Estavam tão cansados que quase cochilaram apoiados nos dois conjuntos de portas de elevadores enquanto Jerome destrancava a porta da frente. Estavam tão cansados que parecia que o surgimento de Gunther tinha sido um sonho, pois quando perguntaram sobre ele, Esmé respondeu que tinha ido embora há muito tempo.

"Gunther foi embora?", perguntou Violet. "Mas o porteiro disse que ele ainda estava aqui."

"Oh, não", disse Esmé. "Ele deixou aqui um catálogo de todos os itens que vão ao Leilão In. Está na biblioteca, se quiserem dar uma olhada. Repassamos alguns detalhes do leiloamento, e depois ele foi para casa."

"Mas isso não pode ser", disse Jerome.

"É claro que pode ser", retrucou Esmé. "Eu o vi saindo pela porta da frente." Os Baudelaire se entreolharam cheios de confusão e suspeita. Como Gunther conseguira sair da cobertura sem ser notado? "Ele pegou um elevador quando saiu?", disse Klaus.

Os olhos de Esmé se arregalaram e ela abriu e fechou a boca várias vezes sem dizer nada, como se estivesse vivenciando o elemento surpresa. "Não", disse ela afinal.

"O elevador foi desligado. Você sabe disso."

"Mas o porteiro disse que ele ainda estava aqui", disse Violet outra vez. "E nós não o vimos quando subimos as escadas."

"Bem, o porteiro estava enganado", disse Esmé.

"Mas vamos parar com essa conversa soporífera. Jerome, ponha-os na cama de uma vez."

Os Baudelaire se entreolharam. Eles achavam que a conversa não era nada soporífera, uma palavra sofisticada para uma coisa tão aborrecida que faz a gente dormir. Apesar da exaustiva escalada, as crianças não se sentiam nem um pouquinho cansadas quando estavam falando sobre o paradeiro de Gunther. A idéia de que ele tinha conseguido desaparecer tão misteriosamente como aparecera as deixava ansiosas demais para ter sono. Mas os três irmãos sabiam que não seriam capazes de convencer os Squalor a continuar aquela discussão, não mais do que tinham sido capazes de convencê-los de que Gunther era o conde Olaf e não um leiloeiro, então deram boa-noite a Esmé e seguiram Jerome através de três salões de baile, passaram por uma sala de café-da-manhã, atravessaram duas salas de estar e por fim chegaram aos seus

próprios quartos.

“Boa noite, crianças”, disse Jerome, e sorriu. “Vocês três provavelmente vão dormir um sono de pedra depois daquela escalada. Não quero dizer com isso que vocês sejam parecidos com pedras, é claro. Só quero dizer que, depois de caírem na cama, aposto como vão dormir imediatamente sem se mexer, assim como as pedras não se mexem.”

“Nós sabemos o que você quer dizer, Jerome”, replicou Klaus, “e espero que esteja certo. Boa noite.”

Jerome sorriu para as crianças, e as crianças sorriram de volta e depois se entreolharam mais uma vez antes de entrar nos seus quartos e fechar as portas atrás de si. As crianças sabiam que não iriam dormir como pedras, a não ser que existissem certas pedras que se agitam e se viram na cama a noite toda se perguntando coisas. Os irmãos se perguntavam onde Gunther estaria escondido, e como conseguira encontrá-los, e que traição terrível ele estaria tramando. Eles se perguntavam onde estavam os trigêmeos Quagmire, já que Gunther tivera tempo de cair em cima dos Baudelaire como ave de rapina. E se perguntavam o que poderia significar C.S.C., e se seria de alguma ajuda para eles contra Gunther caso soubessem. Os Baudelaire se agitaram e viraram e se perguntaram sobre todas essas coisas, e conforme ia ficando cada vez mais tarde, foram se sentindo cada vez menos como pedras e cada vez mais como crianças em uma conspiração sinistra e misteriosa, passando uma das menos soporíferas noites de suas jovens vidas.

CAPÍTULO SEIS

A parte da manhã é uma das melhores horas para se pensar. O momento em que uma pessoa acabou de acordar mas ainda não saiu da cama é perfeito para ficar olhando para o teto, refletindo sobre a vida e se perguntando o que o futuro irá trazer. Na manhã em que estou escrevendo este capítulo, me pergunto se o futuro trará alguma coisa que me possibilite serrar estas algemas e me arrastar para fora da janela de tranca dupla, mas no caso dos órfãos Baudelaire, quando o sol da manhã luziu através das oitocentas e quarenta e nove janelas do apartamento de cobertura dos Squalor, eles estavam se perguntando se o futuro iria permitir esclarecer as dificuldades que, sentiam, estavam fechando um círculo em volta deles. Violet ficou vendo os primeiros raios de sol iluminarem a sua bancada de trabalho reforçada e sem ferramentas enquanto tentava imaginar que espécie de plano deletério Gunther teria arquitetado. Klaus ficou vendo os raios do alvorecer criarem formas cambiantes na parede que separava o seu quarto da biblioteca dos Squalor,

enquanto dava tratos à bola para descobrir que jeito Gunther teria dado para sumir sem deixar vestígio. E Sunny ficou vendo o sol emergente iluminar todos os brinquedos de bebê impossíveis de morder enquanto tentava imaginar se eles ainda tinham tempo para discutir a questão antes que os Squalor viessem acordá-los.

Esta última dúvida era razoavelmente fácil de esclarecer. A menorzinha dos Baudelaire engatinhou para fora do seu quarto, foi buscar o irmão e abriu a porta de Violet. Encontrou-a fora da cama, sentada à sua bancada de trabalho, com os cabelos presos por uma fita para evitar que caíssem nos olhos.

"Tageb", disse Sunny.

"Bom dia", respondeu Violet. "Achei que prender o cabelo me ajudaria a pensar e sentei à bancada, como se estivesse inventando alguma coisa. Mas ainda não consegui pensar em nada."

"Já é suficientemente terrível que Olaf tenha aparecido de novo", disse Klaus, "e que tenhamos de chamá-lo de Gunther. Mas não temos o menor indício do que ele está planejando."

"Bem, ele quer pôr as mãos na nossa fortuna, isto é certo", disse Violet.

"Clofi", disse Sunny, querendo dizer "É claro. Mas como?".

"Talvez tenha algo a ver com o Leilão In", presumiu Klaus. "Por que ele haveria de se disfarçar de leiloeiro se isto não fosse parte do seu plano?" Sunny bocejou e Violet abaixou-se e ergueu a irmã para sentá-la no seu colo.

"Você acha que ele vai tentar nos leiloar?", perguntou Violet enquanto Sunny se inclinava para a frente para mordiscar a bancada, pensativa. "Ele poderia mandar um daqueles seus terríveis assistentes para dar lances cada vez mais altos por nós até ganhar, e então estaríamos nas suas garras, exatamente como os pobres Quagmire."

"Mas Esmé disse que é contra a lei leiloar crianças", lembrou Klaus. Sunny parou de mascar a bancada e olhou para os irmãos. "Nolano?", perguntou ela, o que queria dizer algo como "Você acha que os Squalor estão trabalhando junto com Gunther?".

"Não creio", disse Violet. "Eles foram muito gentis conosco — bom, pelo menos Jerome — e, de qualquer modo, não precisam da fortuna dos Baudelaire. Eles já têm tanto dinheiro!"

"Mas não muito bom senso", disse Klaus, infeliz. "Gunther os engambelou completamente, e tudo o que precisou foram umas botas pretas,

um terno risca-de-giz e um monóculo.”

“E mais, ele os engambelou para pensarem que já tinha ido embora”, disse Violet, “mas o porteiro tinha certeza que não.”

“Gunther também me engambelou”, disse Klaus. “Como ele poderia ter ido embora sem que o porteiro percebesse?”

“Não sei”, disse Violet, infeliz. “A coisa toda parece um quebra-cabeça, mas estão faltando muitas peças para completar.”

“Será que ouvi alguém falar em quebra-cabeças?”, perguntou Jerome. “Se vocês estão atrás de uns quebra-cabeças, acho que há alguns no armário de uma das salas de visitas, ou talvez em uma das salas de estar, não me lembro qual.” Os Baudelaire ergueram os olhos e viram o seu tutor na porta do quarto de Violet, com um sorriso na cara e uma bandeja de prata nas mãos.

“Bom dia, Jerome”, disse Klaus. “E obrigado, mas não estamos atrás de quebra-cabeças. Violet esta só usando uma expressão. Estamos tentando decifrar uma coisa.”

“Obrigada”, disse Violet. “É muito gentil da sua parte nos trazer o café-da-manhã.”

“Não tem de quê”, disse Jerome. “Hoje Esmé tem uma reunião importante com o Rei do Arizona, portanto teremos o dia inteiro para nós. Achei que poderíamos caminhar pela cidade até o Bairro do Vestuário e levar os seus ternos risca-de-giz a um bom alfaiate. Não adianta ter esses ternos se eles não estão bem ajustados.”

“Cniliu!”, gritou Sunny, o que queria dizer “É muito atencioso da sua parte”.

“Não sei o que significa ‘Cniliu!’”, disse Esmé, entrando no quarto, “e não me importa, mas vocês também não vão se importar quando ouvirem a notícia fantástica que acabei de receber pelo telefone! Os martínis aquosos estão out, e refrigerantes de salsa estão in!”

“Refrigerante de salsa?”, disse Jerome franzindo as sobrancelhas. “Isto me parece horrível. Acho que vou continuar com os martínis aquosos.”

“Você não está me escutando”, disse Esmé. “Agora, refrigerantes de salsa são in. Você vai ter de sair agora mesmo e comprar algumas caixas.”

“Mas eu ia levar os ternos das crianças para o alfaiate hoje”, disse Jerome.

“Então você vai ter de mudar os seus planos”, disse Esmé, impaciente.

“As crianças já têm o que vestir, mas nós não temos nenhum refrigerante de salsa.”

“Bem, eu não quero discutir”, disse Jerome.

“Então não discuta”, retorquiu Esmé. “E também não leve as crianças com você. O Bairro das Bebidas não é lugar para gente jovem. Bem, é melhor irmos andando, Jerome. Não quero chegar atrasada ao encontro com Sua Alteza do Arizona.”

“Mas você não quer passar algum tempo com os Baudelaire antes de começar o dia de trabalho?”, perguntou Jerome.

“Não em especial”, disse Esmé, e deu uma olhada rápida no relógio. “Vou só dizer bom-dia a eles. Bom dia. Bem, vamos, Jerome.”

Jerome abriu a boca como se tivesse mais alguma coisa a dizer, mas Esmé já estava marchando para fora do quarto, portanto ele apenas encolheu os ombros. “Um bom dia para vocês”, disse ele às crianças. “Há comida em todas as nossas cozinhas, então vocês podem preparar o seu almoço sozinhos. Sinto muito que os nossos planos não tenham dado certo, afinal.”

“Depressa!”, gritou Esmé já no corredor, e Jerome correu para fora do quarto. As crianças ouviram os passos do seu tutor irem ficando mais e mais distantes a caminho da porta da frente.

“Bem”, disse Klaus quando já não dava mais para ouvi-los, “o que vamos fazer hoje?”

“Vinfrei”, disse Sunny.

“Sunny tem razão”, disse Violet. “É melhor a gente passar o dia tentando descobrir o que Gunther está tramando.”

“Como podemos saber o que ele está tramando”, disse Klaus, “se não sabemos nem mesmo onde ele pode estar”.

“Bem, acho melhor descobrir”, disse Violet. “Ele já tinha a vantagem injusta do elemento surpresa, e nós não queremos que ele tenha também a vantagem injusta de um bom esconderijo.”

“Esta cobertura tem uma porção de bons esconderijos”, disse Klaus. “São tantos quartos e salas!”

“Coundix”, disse Sunny, o que quer dizer alguma coisa como “Mas ele não pode estar na cobertura. Esmé o viu sair”.

“Bem, talvez ele tenha entrado de novo sorrateiramente”, disse Violet, “e neste momento esteja à espreita por aí.”

Os Baudelaire se entreolharam e depois olharam para a porta de Violet, meio que esperando ver Gunther na soleira, olhando para eles com os seus olhos muito, muito brilhantes.

“Se ele estivesse à espreita por aí”, disse Klaus, “não teria nos agarrado no instante em que os Squalor saíram?”

“Talvez”, disse Violet. “Se fosse este o seu plano.” Os Baudelaire olharam para a soleira vazia de novo.

“Estou com medo”, disse Klaus.

“Ecrifi”, concordou Sunny.

“Eu também estou com medo”, admitiu Violet, “mas se ele está aqui na cobertura, é melhor a gente descobrir. Vamos ter de procurar pelo apartamento inteiro para ver se o encontramos.”

“Eu não quero encontrá-lo”, disse Klaus. “Em vez disso, vamos correr para baixo e ligar para o sr. Poe.”

“O sr. Poe está em um helicóptero, procurando os trigêmeos Quagmire”, disse Violet. “Quando ele voltar, vai ser tarde demais. Temos de descobrir o que Gunther está tramando — não só por nós, mas por Isadora e Duncan.”

A menção dos trigêmeos Quagmire, todos os três Baudelaire sentiram a sua determinação se endurecer, uma expressão que aqui significa “deram-se conta de que teriam de vasculhar a cobertura atrás de Gunther, mesmo sendo uma coisa assustadora para se fazer”. As crianças se lembraram de como Duncan e Isadora tinham trabalhado para salvá-los das garras de Olaf na Escola Preparatória Prufrock, fazendo absolutamente tudo o que podiam para ajudar os Baudelaire a escapar do plano sinistro de Olaf. Os Quagmire tinham saído sorrateiramente no meio da noite e se colocado em grave perigo. Os Quagmire tinham vestido disfarces, arriscando suas vidas a fim de tentar engambelar Olaf. E os Quagmire tinham feito muitas pesquisas e descobriram o segredo de C.S.C. — muito embora tivessem sido seqüestrados antes que pudessem revelar o segredo aos Baudelaire. Violet, Klaus e Sunny pensaram nos dois valentes e leais trigêmeos e perceberam que teriam de ser igualmente valentes e leais, agora que tinham uma oportunidade de salvar os amigos.

“Você tem razão”, disse Klaus a Violet, e Sunny concordou com um aceno de cabeça. “Temos de vasculhar a cobertura. Mas é um lugar tão complicado! Eu me perdi só de tentar encontrar o banheiro à noite. Como poderemos procurar sem nos perdermos?”

“Hansel!”, disse Sunny.

Os dois Baudelaire mais velhos se entreolharam. Era raro Sunny dizer alguma coisa que os irmãos não podiam entender, mas esta parecia ser uma daquelas vezes.

“Você quer dizer que temos de desenhar um mapa?”, perguntou Violet. Sunny sacudiu a cabeça. “Gretel!”, disse ela.

“Já é a segunda vez que não entendemos o que você falou”, disse Klaus.

“Hansel e Gretel? O que quer dizer isso?”

“Oh!”, exclamou Violet de repente. “Hansel e Gretel quer dizer Hansel e Gretel — você sabe, aquelas duas crianças pouco inteligentes, naquele conto de fadas.”

“É claro”, disse Klaus. “O irmão e a irmã que insistiam em ficar perambulando pelo bosque sozinhos.”

“Deixando uma trilha de migalhas de pão”, disse Violet, pegando um pedaço de torrada na bandeja de café-da-manhã que Jerome trouxera para eles, “para não se perderem. Vamos esmigalhar esta torrada e deixar algumas migalhas em cada sala, assim saberemos que naquela já procuramos. Bem pensado, Sunny.”

“Blized”, disse Sunny modestamente, o que queria dizer algo como “Isto não foi nada” ou algo do gênero, e lamento dizer que no fim ela estava certa. Porque quando as crianças saíram vagando do quarto para a sala de estar, e a sala de jantar, e a sala de café-da-manhã, e a sala de lanche, e a sala de sentar, e a sala de ficar em pé, e o salão de baile, e o banheiro, e a cozinha, e aquelas salas que pareciam não ter nenhuma serventia, e outra vez de volta, deixando trilhas de migalhas de torrada por onde passavam, não encontraram Gunther em lugar algum. Elas procuraram nos armários de cada quarto de dormir e de cada cozinha, e até puxaram a cortina do chuveiro em cada banheiro para ver se Gunther não estava escondido atrás. Elas viram prateleiras de roupas nos armários dos quartos, latas de comida nos armários da cozinha e frascos de creme rinse no chuveiro, mas quando acabou a manhã e a própria trilha de migalhas dos Baudelaire os levou de volta ao quarto de Violet, as crianças tiveram de admitir que não tinham encontrado nada.

“Onde será que o Gunther pode estar escondido?”, perguntou Klaus. “Já procuramos por toda parte.”

“Talvez ele estivesse em movimento”, disse Violet. “Poderia ter estado em uma sala atrás de nós o tempo todo, pulando para esconderijos que já tínhamos conferido.”

“Acho que não”, disse Klaus. “Com certeza o teríamos ouvido, se estivesse batendo os pés por aí com aquelas botas ridículas. Não acho que ele tenha estado nesta cobertura desde a noite passada. Esmé insiste que ele saiu do apartamento, mas o porteiro insiste que ele não saiu. Isto não faz sentido.”

“Eu estive pensando nisso”, disse Violet. “Acho que pode fazer sentido. Esmé insiste que ele saiu da cobertura. O porteiro insiste que ele não saiu do edifício. Isto significa que ele poderia estar em qualquer dos outros apartamentos da Avenida Sombria 667.”

“Você tem razão”, disse Klaus. “Talvez ele tenha alugado um dos apartamentos em outro andar, como quartel-general para o seu último plano.”

“Ou talvez um dos apartamentos pertença a alguém da sua trupe”, disse Violet, e contou nos dedos aquelas pessoas terríveis. “O homem com mão de gancho, ou o careca com nariz comprido, ou aquele que não parece nem homem nem mulher.”

“Ou talvez aquelas duas mulheres horrendas com as caras brancas — aquelas que ajudaram a raptar os Quagmire — morem juntas aqui”, disse Klaus.

“Co”, disse Sunny, o que queria dizer algo como “Ou talvez Gunther tenha conseguido enganar um dos outros residentes da Avenida Sombria 667 para deixá-lo entrar no apartamento, e então ele amarrou todo mundo e está lá sentado, escondido na cozinha” ou algo do gênero.

“Se encontrarmos Gunther no edifício”, disse Violet, “então, pelo menos, os Squalor vão saber que ele é um mentiroso. Mesmo se não acreditarem que ele na verdade é o conde Olaf, ficarão muito desconfiados caso seja pego se escondendo em outro apartamento.”

“Mas como vamos descobrir?”, perguntou Klaus. “Não podemos simplesmente ficar batendo nas portas e pedindo para ver cada apartamento.”

“Nós não precisamos *ver* cada apartamento”, disse Violet. “Podemos *ouvir*. “ Klaus e Sunny olharam confusos para a irmã por um momento, e então começaram a arreganhar um sorriso. “Você está certa!”, disse Klaus. “Se descermos as escadas e ouvirmos a cada porta, talvez consigamos saber se Gunther está lá dentro.”

“Lorigo!”, gritou Sunny, o que queria dizer “O que estamos esperando? Vamos logo!”.

“Não tão depressa”, disse Klaus. “Descer todas aquelas escadas é uma longa viagem, e a gente já teve uma boa dose de caminhada — ou

engatinhada no seu caso, Sunny. É melhor calçar os sapatos mais resistentes que temos, e levar também alguns pares de meias sobressalentes. Assim evitaremos as bolhas."

"E seria bom levar um pouco de água", disse Violet, "para não ficarmos com sede."

"Lanche!", gritou Sunny, e os órfãos Baudelaire partiram para o trabalho, tirando os pijamas e vestindo uma indumentária apropriada para descer escadas, calçando os seus sapatos mais resistentes e enfiando pares de meias sobressalentes nos bolsos. Depois que Violet e Klaus se certificaram de que Sunny tinha amarrado os sapatos direito, as crianças saíram dos seus quartos e foram seguindo as migalhas corredor abaixo, através de uma sala de estar, passando por dois quartos de dormir, descendo mais um corredor e entrando na cozinha mais próxima, mantendo-se bem juntos o tempo todo para não se perderem um do outro na enorme cobertura. Na cozinha, encontraram algumas uvas, uma caixa de biscoitos e um pote de manteiga de maca, além de uma garrafa d'água que os Squalor usavam para fazer martínis aquosos mas que os Baudelaire usariam para saciar a sede durante a longa descida. Finalmente, saíram do apartamento de cobertura, passaram as portas deslizantes de elevador e pararam no alto da escadaria curva, sentindo-se mais como se estivessem prestes a escalar uma montanha e não descer escadas.

"Teremos de descer na ponta dos pés", disse Violet, "para que possamos ouvir Gunther mas ele não possa nos ouvir."

"E provavelmente teremos de cochichar", cochichou Klaus, "para que possamos bisbilhotar sem que as pessoas possam nos bisbilhotar."

"Philavem", disse Sunny, o que queria dizer "Vamos indo", e os Baudelaire foram indo, descendo na ponta dos pés a primeira curva da escadaria e parando para escutar junto à porta do apartamento logo abaixo da cobertura. Nada ouviram durante alguns segundos, mas então, muito claramente, ouviram uma mulher falando ao telefone.

"Bem, esta não é Gunther", cochichou Violet. "Ele não é mulher." Klaus e Sunny assentiram e as crianças desceram na ponta dos pés a curva seguinte até o andar de baixo. Assim que chegaram à próxima porta ela se abriu de repente revelando um homem muito baixo de terno risca-de-giz. "Até mais ver, Avery!", exclamou ele e, com um aceno de cabeça para as crianças, fechou a porta e começou a descer as escadas.

"Este também não é Gunther", cochichou Klaus. "Ele não é tão baixo e, no momento, não se chama Avery."

Violet e Sunny concordaram, e as crianças desceram na ponta dos pés a curva seguinte até o andar de baixo do andar de baixo. Pararam e escutaram junto àquela porta, e ouviram uma voz de homem exclamando “Mãe, vou tomar uma ducha!” e Sunny sacudiu a cabeça.

“Mineac”, cochichou ela, o que queria dizer “Gunther jamais tomaria uma ducha. Ele é imundo”.

Violet e Klaus concordaram, e as crianças desceram na ponta dos pés a curva seguinte, depois a seguinte, e a seguinte, e muitas mais depois disto, escutando a cada porta, cochichando rapidamente entre si e seguindo adiante. A medida que iam descendo e descendo a escadaria, começaram a ficar cansadas, como sempre acontecia quando estavam indo para o apartamento dos Squalor, ou voltando dele, mas desta vez ainda tinham algumas novas tribulações. As pontas dos pés ficaram cansadas de tanto andar na ponta dos pés. As gargantas ficaram roucas de tanto cochichar. Os ouvidos doíam de tanto ficar escutando junto a todas aquelas portas, e os queixos caíram de tanto balançar a cabeça concordando que nada do que ouviram soava como sendo Gunther. A manhã foi passando, e os Baudelaire desciam na ponta dos pés e escutavam, cochichavam e concordavam, e quando chegaram ao saguão do edifício parecia que todos os aspectos físicos dos órfãos Baudelaire estavam sofrendo de algum modo por causa da longa descida.

“Isto foi exaustivo”, disse Violet, sentando-se no primeiro degrau e passando a garrafa d’água para os outros. “Exaustivo e infrutífero.”

“Uva!”, disse Sunny.

“Não, não, Sunny”, disse Violet. “Eu não quis dizer que nós não temos nenhuma fruta. Só quis dizer que não descobrimos nada. Vocês acham que deixamos passar alguma porta?”

“Não”, disse Klaus, sacudindo a cabeça e passando a caixa de biscoitos para os outros. “Eu me certifiquei. Até contei os andares desta vez, para que pudéssemos conferir de novo na volta. Não são quarenta e oito, nem oitenta e quatro. São sessenta e seis, que por coincidência é a média desses dois números. Sessenta e seis andares e sessenta e seis portas, e nem um pio de Gunther atrás de nenhuma delas.”

“Eu não entendo”, disse Violet, infeliz. “Se ele não está na cobertura, e não está em nenhum dos outros apartamentos, e não saiu do edifício, onde poderia estar?”

“Talvez ele esteja na cobertura”, disse Klaus, “e nós simplesmente não o localizamos.”

“Bichui”, disse Sunny, o que queria dizer “Talvez ele esteja em um dos outros apartamentos, e nós simplesmente não o ouvimos”.

“Ou talvez ele tenha saído do edifício”, disse Violet, passando manteiga de maçã em um biscoito e dando a Sunny. “Podemos perguntar ao porteiro. Aí está ele.” De fato, o porteiro estava em seu posto costumeiro e acabava de reparar nas três crianças exaustas sentadas no primeiro degrau da escada. “Olá”, disse ele, andando na direção delas e sorrindo embaixo da aba larga do seu chapéu. Uma pequena estrela-do-mar esculpida em madeira e uma garrafa de cola projetavam-se para fora das suas longas mangas. “Eu estava indo aplicar esta decoração praiana quando pensei ter ouvido alguém descendo as escadas.”

“Nós só estávamos pensando em almoçar aqui no saguão”, disse Violet, não querendo admitir que ela e os irmãos estiveram escutando atrás das portas, “e depois subir de volta.”

“Me desculpem, mas isto significa que vocês não podem voltar para a cobertura”, disse o porteiro, e encolheu os ombros dentro do seu casaco grande demais. “Vocês vão ter de ficar aqui no saguão. Afinal, as minhas instruções foram muito claras: vocês não podem voltar à cobertura dos Squalor antes do convidado sair. Deixei vocês subirem ontem à noite porque o sr. Squalor disse que o seu convidado provavelmente estava descendo, mas ele estava errado, pois Gunther não chegou a aparecer no saguão.”

“Você quer dizer que Gunther ainda não saiu do edifício?”, perguntou Violet.

“Claro que não”, disse o porteiro. “Fiquei aqui o dia todo e a noite toda, e não o vi sair. Garanto para vocês que Gunther não chegou a passar por esta porta.”

“Quando você dorme?”, perguntou Klaus.

“Eu bebo muito café”, respondeu o porteiro.

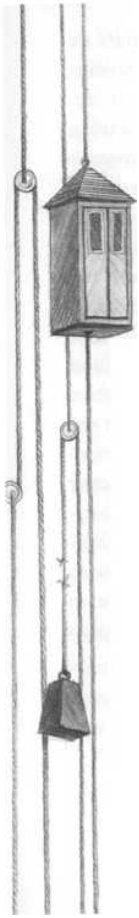
“Isto não faz nenhum sentido”, disse Violet.

“É claro que faz”, disse o porteiro. “O café contém cafeína, que é um estimulante químico. Os estimulantes mantêm a pessoa acordada.”

“Eu não quis dizer a parte sobre café”, disse Violet. “Eu quis dizer a parte sobre Gunther. Esmé... isto é, a sra. Squalor, está segura de que ele saiu da cobertura ontem à noite, enquanto estávamos no restaurante. Mas você está igualmente seguro de que ele não saiu do edifício. É um problema que parece não ter solução.”

“Todo problema tem a sua solução”, disse o porteiro. “Pelo menos, é isto o que diz um parceiro muito chegado meu. Só que às vezes leva um bom tempo para achar a solução — mesmo que ela esteja bem diante do seu nariz.”

O porteiro sorriu para os Baudelaire, que ficaram olhando enquanto ele caminhava para as portas deslizantes do elevador. Ele abriu a garrafa de cola, que espalhou por uma pequena área formando uma nódoa globular sobre uma das portas, depois segurou a estrela-do-mar de madeira contra a cola a fim de fixá-la. Colar coisas em uma porta não é uma coisa muito emocionante de assistir, e depois de um momento Violet e Sunny voltaram a atenção de novo para o seu almoço e o problema do desaparecimento de Gunther. Somente Klaus ficou olhando na direção do porteiro enquanto ele continuava a decorar o saguão. O Baudelaire do meio ficou olhando, e olhando, e olhando, e continuou olhando até depois que a cola secou e o porteiro voltou ao seu posto junto à porta. Klaus ficou encarando a decoração praiana que estava agora firmemente afixada a uma das portas de elevador porque agora, depois daquela manhã cansativa vasculhando a cobertura e daquela tarde exaustiva bisbilhotando nas escadas, se dera conta de que o porteiro estava com a razão. Klaus não desviou o rosto nem um tiquinho porque se dera conta de que a solução estava, realmente, bem diante do seu nariz.



CAPÍTULO SETE

Quando você conhece alguém há muito tempo, acostuma-se com as suas idiossincrasias, que é uma palavra sofisticada para os seus hábitos peculiares. Por exemplo, Sunny Baudelaire conhecia a sua irmã Violet há um bocado de tempo, e estava acostumada com a idiossincrasia dela de prender os cabelos com uma fita para não cair nos olhos sempre que estivesse inventando alguma coisa. Violet conhecia Sunny exatamente pelo mesmo período de tempo, e estava acostumada com a idiossincrasia dela de dizer "Freijip?" quando queria fazer a pergunta "Como você pode pensar em elevadores em um momento como este?". E ambas as jovens Baudelaire conheciam muito bem o seu irmão Klaus, e estavam acostumadas com a idiossincrasia dele de não prestar a mínima atenção às coisas que o cercavam quando estava pensando muito intensamente em alguma coisa, como estava muito claramente fazendo enquanto a tarde se esvaía.

Como o porteiro continuava a insistir que os órfãos Baudelaire não podiam voltar à cobertura, as três crianças sentaram-se no primeiro degrau da longa escadaria da Avenida Sombria 667, comeram a comida que tinham trazido e descansaram as pernas fatigadas, que não sentiam tão doloridas desde que Olaf, em um disfarce anterior, as forçara a correr centenas e centenas de voltas como parte do seu plano para roubar a fortuna delas. Uma coisa boa para fazer enquanto se está sentado comendo ou descansando é ter uma conversa, e Violet e Sunny estavam ambas ansiosas por conversar sobre o mistério do aparecimento e desaparecimento de Gunther, e o que poderiam ser capazes de fazer a respeito, mas Klaus mal participou da discussão. Era só quando suas duas irmãs lhe faziam uma pergunta direta, tal como "Mas onde diacho Gunther poderia estar?" ou "O que você acha que Gunther está planejando?" ou "Topoing?", que Klaus murmurava alguma resposta, e Violet e Sunny logo deduziram que Klaus devia estar pensando muito, muito intensamente em alguma coisa, portanto o deixaram com a sua idiossincrasia e ficaram conversando discretamente uma com a outra até o porteiro introduzir Jerome e Esmé no saguão.

"Olá, Jerome", disse Violet. "Olá, Esmé."

"Tretchev!", gritou Sunny, o que queria dizer "Bem-vindos ao lar!". Klaus murmurou alguma coisa.

"Que surpresa agradável ver vocês todos aqui embaixo!", disse Jerome. "Vai ser mais fácil subir todas aquelas escadas tendo três pessoas encantadoras como vocês por companhia."

"E vocês poderão carregar os caixotes de refrigerante de salsa que estão empilhados lá fora", disse Esmé. "Assim não terei de me preocupar com a possibilidade de quebrar uma das minhas unhas."

"Nós ficaríamos felizes em carregar grandes caixotes por toda essa escadaria acima", mentiu Violet, "mas o porteiro disse que não podemos voltar para a cobertura."

"Não podem?", Jerome franziu a testa. "O que você quer dizer?"

"A senhora me deu instruções específicas para não deixar as crianças voltarem, sra. Squalor", disse o porteiro. "Pelo menos até Gunther sair do edifício. E ele ainda não saiu."

"Não diga absurdos", disse Esmé. "Ele saiu da cobertura na noite passada. Que espécie de porteiro e você?

"Na verdade, eu sou um ator", disse o porteiro, "mas ainda assim fui capaz de seguir as suas instruções."

Esmé lançou ao porteiro um olhar severo que provavelmente usava quando estava dando consultoria financeira às pessoas. “As suas instruções mudaram”, disse ela.

“As suas novas instruções são para deixar eu e os meus órfãos irmos diretamente para o meu apartamento de setenta e um dormitórios. Sacou, cara?”

“Saquei”, disse o porteiro, humilde.

“Bom”, disse Esmé, e então voltou-se para as crianças. “Depressa, crianças”, disse ela. “Violet e como-é-que-chama podem levar um caixote de refrigerante cada um, e Jerome levará o resto. Acho que o bebê não vai ser de muita utilidade, mas isto era de esperar. Vamos andando.”

Os Baudelaire foram andando, e em poucos momentos as três crianças e os dois adultos estavam fazendo a dura escalada da escadaria de sessenta e seis andares. Os jovens tinham esperanças de que Esmé afinal ajudasse a carregar os pesados caixotes de refrigerante, mas a sexta consultora financeira mais importante da cidade estava muito mais interessada em contar a todos sobre o seu encontro com o rei do Arizona do que em bajular órfãos. “Ele me contou toda uma longa lista de coisas novas que são in”, informou Esmé. “Para começar, pomelos. Também tigelas para cereais em azul-vivo. Quadros de avisos com fotografias de doninhas afixadas, e muitas outras coisas que vou listar para vocês agora mesmo.” Durante todo o percurso até a cobertura, Esmé listou os novos itens in que aprendera com Sua Alteza do Arizona, e as duas irmãs Baudelaire escutaram com muita atenção o tempo todo. Não é que elas escutaram com muita atenção o discurso assaz maçante de Esmé, é claro, mas escutaram com muita atenção a cada curva da escada, conferindo de novo o que já tinham bisbilhotado antes para ouvir se Gunther estava realmente atrás de uma das portas dos apartamentos. Nem Violet nem Sunny ouviram nada de suspeito, e elas teriam perguntado a Klaus, falando baixinho para que os Squalor não ouvissem, se ele tinha ouvido algum tipo de ruído de Gunther, mas perceberam pela sua idiossincrasia que ele ainda estava pensando muito intensamente sobre alguma coisa e não estava ouvindo os ruídos nos outros apartamentos mais do que estava ouvindo a lista de pneus de automóvel, competições de esqui, filmes com cachoeiras e o resto das coisas in que Esmé estava desfiando.

“Ah, e papel de parede carmesim!”, disse Esmé quando os Baudelaire e os Squalor estavam acabando de comer um jantar regado a refrigerante de salsa, que tinha um gosto ainda mais detestável do que o nome sugeria. “E porta-retratos triangulares, e caprichosos suportes de copos, e latas de lixo

com letras do alfabeto aplicadas em toda a volta, e...”

“Desculpe”, disse Klaus, e suas irmãs, surpresas, se sobressaltaram um pouco. Era a primeira vez que Klaus falava sem ser em um murmúrio desde quando eles estavam lá embaixo no saguão. “Não quero interromper, mas é que minhas irmãs e eu estamos muito cansados. Será que podemos ir para a cama?”

“É claro”, disse Jerome. “Vocês precisam descansar bastante para o leilão de amanhã. Vou levá-los ao Veblen Hall às dez e meia em ponto, então...”

“Não, você não vai”, disse Esmé. “Clipes de papel amarelos estão in, Jerome, portanto, assim que o sol despontar, você vai ter de ir ao Bairro das Papelarias e comprar um pouco. Eu levarei as crianças.”

“Bem, não quero discutir”, disse Jerome, encolhendo os ombros e dando um sorrisinho para as crianças. “Esmé, você não quer pôr as crianças na cama?”

“Nada disso”, respondeu Esmé, franzindo as sobrancelhas ao tomar um gole do seu refrigerante de salsa. “Ajeitar cobertores em volta de três crianças se contorcendo me parece ser muito mais aborrecimento do que vale a pena. Vejo vocês amanhã, crianças.”

“Espero que sim”, disse Violet, e bocejou. Ela sabia que Klaus estava pedindo licença para levantar da mesa a fim de poder contar a ela e a Sunny o que estivera pensando, mas depois de ficar acordada a noite anterior vasculhando a cobertura inteira e descendo todas aquelas escadas na ponta dos pés, a mais velha dos Baudelaire estava realmente muito cansada. “Boa noite, Esmé. Boa noite, Jerome.”

“Boa noite, crianças”, disse Jerome. “E por favor, se vocês acordarem no meio da noite para fazer um lanche, tentem não deixar a comida cair no chão. Parece haver um bocado de migalhas espalhadas pela cobertura ultimamente.” Os Baudelaire se entreolharam e sorriram com o segredo compartilhado. “Nos desculpem por isso”, disse Violet. “Amanhã passaremos o aspirador, se vocês quiserem.”

“Aspiradores!”, disse Esmé. “Eu sabia que ele tinha me contado mais alguma coisa que está in. Ah, e bolas de algodão, e qualquer coisa com pedacinhos de chocolate, e...”

Os Baudelaire não queriam ficar por perto para ouvir mais nada da lista de Esmé, então levaram os seus pratos para a cozinha mais próxima e desceram o corredor decorado com galhadas de animais diversos,

atravessaram uma sala de visitas, passaram por cinco banheiros, entraram à esquerda em outra cozinha e, por fim, chegaram ao quarto de Violet.

“Muito bem, Klaus”, disse Violet ao irmão quando as três crianças encontraram um canto confortável para conversar. “Sei que você esteve pensando muito intensamente sobre alguma coisa, porque estava se comportando de acordo com aquele seu hábito singular de não prestar a mínima atenção no que está à sua volta.”

“Hábitos singulares como este são chamados de idiossincrasias”, disse Klaus.

“Stiblo!”, exclamou Sunny, o que queria dizer “Podemos melhorar o nosso vocabulário depois. Conte-nos o que tem em mente!”.

“Desculpe, Sunny”, disse Klaus. “É só que eu acho que descobri onde Gunther está escondido, mas ainda não tenho certeza. Primeiro, Violet, preciso perguntar uma coisa. O que você sabe sobre elevadores?”

“Elevadores?”, disse Violet. “Um bocado, para dizer a verdade. Meu amigo Ben uma vez me deu de aniversário alguns projetos de elevadores, e eu os estudei muito atentamente. Eles foram destruídos no incêndio, é claro, mas eu me lembro de que um elevador é essencialmente uma plataforma, rodeada por um invólucro, que se movimenta ao longo de um eixo vertical por meio de uma correia sem fim e uma série de cabos. E controlado por um painel com botões que governam um sistema de freio eletromagnético de modo a que a seqüência de transporte possa ser interrompida em qualquer ponto de acesso que o passageiro deseje. Em outras palavras, é uma caixa que se movimenta para cima ou para baixo, dependendo de aonde você quer ir. Mas e daí?”

“Freijip?”, perguntou Sunny, o que, como vocês sabem, era o seu modo idiossincrático de dizer “Como você pode pensar em elevadores em um momento como este?”.

“Bem, foi o porteiro que me fez ficar pensando em elevadores”, disse Klaus.

“Lembram-se quando ele disse que às vezes a solução está bem debaixo do seu nariz?

Bem, ele estava grudando aquela estrela-do-mar de madeira nas portas do elevador no momento em que disse aquilo.”

“Eu também notei”, disse Violet. “Era meio feiosa.”

“Era mesmo feiosa”, concordou Klaus. “Mas não era isso que eu queria dizer. Eu comecei a pensar nas portas do elevador. Do lado de fora da porta

desta cobertura há dois pares de portas de elevador. Mas em todos os outros andares há apenas um par.”

“É verdade”, disse Violet, “e isso também é estranho, agora que pensei nisso. E significa que um dos elevadores só pode parar no último andar.”

“Ieliverc!”, disse Sunny, o que queria dizer “Aquele segundo elevador é quase completamente inútil!”.

“Eu não acho que seja inútil”, disse Klaus, “porque não acho que o elevador esteja realmente ali.”

“Não está realmente ali?”, perguntou Violet. “Mas então só sobra um poço de elevador vazio!”

“Midiou?”, perguntou Sunny.

“Um poço de elevador é o caminho que um elevador usa para se movimentar para cima e para baixo”, explicou Violet à irmã. “É assim como um corredor, só que vai para cima e para baixo em vez de ir de um lado para o outro.”

“É um corredor”, disse Klaus, “pode levar a um esconderijo.”

“Aha!”, exclamou Sunny.

“Aha está certo”, concordou Klaus. “Pense só, se ele usou um poço de elevador vazio em vez das escadas, ninguém jamais saberia onde ele estava. Não acho que o elevador tenha sido desligado porque está out. Acho que é lá que Gunther está escondido.”

“Mas por que está escondido? O que está tramando?”, perguntou Violet.

“Esta é a parte que ainda não sabemos”, admitiu Klaus, “mas aposto que as respostas podem ser encontradas atrás daquelas portas deslizantes. Vamos dar uma olhada no que está atrás do segundo par de portas de elevador. Se enxergarmos os cabos e as coisas que você estava descrevendo, saberemos que é um elevador de verdade. Mas se não enxergarmos...”

“Então saberemos que estamos na pista certa”, concluiu Violet por ele. “Vamos lá, neste minuto.”

“Se formos neste minuto”, disse Klaus, “teremos de fazer isto muito discretamente. Os Squalor não vão deixar que três crianças fiquem bisbilhotando num poço de elevador.”

“Vale o risco, se isto nos ajudar a desvendar o plano de Gunther”, disse Violet. Lamento dizer que aquilo acabou não valendo o risco nem um pouco, mas é claro que os Baudelaire não tinham como saber, então eles

simplesmente assentiram com as cabeças e se dirigiram na ponta dos pés para a saída da cobertura, espiando para dentro de cada quarto e sala antes de atravessar, para ver se os Squalor estavam por ali. Mas aparentemente Jerome e Esmé estavam passando a noite em algum quarto em outra parte do apartamento, pois os Baudelaire não viram nem sinal deles — a expressão "nem sinal" aqui significa "nem um vislumbre da sexta consultora financeira mais importante da cidade, ou de seu marido" — a caminho da porta da frente. Eles esperavam que a porta não rangesse ao ser aberta, mas aparentemente as dobradiças silenciosas estavam in, pois os Baudelaire não fizerem nenhum ruído quando saíram do apartamento e foram na ponta dos pés até os dois pares de portas deslizantes de elevador.

"Como vamos saber qual elevador é quai?", cochichou Violet. "Os pares de portas parecem exatamente iguais."

"Eu não tinha pensado nisso", respondeu Klaus. "Se uma delas é realmente uma passagem secreta, deve haver algum jeito de perceber."

Sunny puxou as pernas das calças dos irmãos, o que era um bom jeito de atrair a atenção deles sem fazer nenhum barulho, e quando Violet e Klaus olharam para baixo para ver o que a irmã queria, ela respondeu de um modo igualmente silencioso. Sem falar, estendeu um dos seus dedinhos e apontou para os botões que estavam junto a cada conjunto de portas deslizantes. Junto a um dos pares de portas havia um único botão, com uma seta gravada que apontava para baixo. Mas junto ao segundo par de portas, havia dois botões: um com uma seta Descer e um com uma seta Subir. As três crianças olharam para os botões e refletiram.

"Para que você precisa de um botão Subir", cochichou Violet, "se já está no último andar?", e, sem esperar resposta à sua pergunta, ela estendeu o braço e apertou o botão. Com um som abafado, as portas deslizantes se abriram. As crianças se inclinaram cautelosamente para dentro do vão e ficaram sem fôlego com o que viram.

"Lacri", disse Sunny, o que queria dizer algo como "Não há cabos", ou coisa do gênero.

"Não só não há cabos", disse Violet, "como não há correia sem fim, painel de botões ou sistema de freio eletromagnético. Não vejo nem mesmo uma plataforma rodeada por um invólucro."

"Eu sabia", disse Klaus contendo a excitação. "Eu sabia que o elevador era ersatz!"

"Ersatz" é uma palavra que descreve uma situação em que uma coisa está

fingindo que é outra, do mesmo modo como a passagem secreta para a qual os Baudelaire estavam olhando fingia ser um elevador, mas a palavra poderia bem ter significado "o lugar mais aterrorizante que os Baudelaire já tinham visto". Em pé no vão da porta e olhando para dentro do poço de elevador, era como se as crianças estivessem à beira de um enorme penhasco, olhando para as profundezas vertiginosas lá embaixo. Mas o que tornava essas profundezas aterrorizantes, além de vertiginosas, era o fato de que eram tão, tão escuras. O poço parecia mais um abismo que uma passagem, levando diretamente a um negrume como os jovens jamais tinham visto. Era mais escuro do que qualquer noite jamais fora, nem mesmo aquelas noites em que não havia lua. Era mais escuro que a Avenida Sombria no dia em que chegaram. Era mais escuro que uma pantera negra como azeviche, coberta de piche, comendo alcaçuz preto no ponto mais profundo da parte mais funda do Mar Negro. Os órfãos Baudelaire nunca nem sonharam que alguma coisa pudesse ser tão escura, nem mesmo em seus pesadelos mais assustadores; e ali em pé, na beirada daquele abismo de inimaginável negror, tinham a impressão de que o poço de elevador iria simplesmente engoli-los, e eles nunca mais voltariam a ver um lampejo que fosse de luz.

"Temos de ir lá embaixo", disse Violet, mal acreditando nas palavras que pronunciava.

"Não estou muito certo de que vou ter coragem de ir lá embaixo", disse Klaus. "Olhe só como está escuro. É aterrorizante."

"Prollit", disse Sunny, o que queria dizer "Mas não tão aterrorizante quanto o que Gunther vai fazer conosco se não descobrirmos qual é o seu plano!".

"Por que simplesmente não contamos aos Squalor sobre isto?", perguntou Klaus.

"Aí eles poderão descer pela passagem secreta."

"Não temos tempo para discutir com os Squalor", disse Violet. "Cada minuto que perdemos é um minuto a mais que os Quagmire estão passando nas garras de Gunther."

"Mas como vamos descer?", perguntou Klaus. "Não estou vendo nenhuma escada de marinheiro, nenhuma escada em caracol. Não estou vendo absolutamente nada."

"Vamos ter de descer por uma corda", disse Violet. "Mas onde encontrar uma corda a esta hora da noite? A maioria das lojas de ferragens fecha às seis."

“Os Squalor devem ter alguma corda em algum lugar na cobertura deles”, disse Klaus. “Vamos nos separar e procurar. Nos encontraremos aqui de novo em quinze minutos.”

Violet e Sunny concordaram. Os Baudelaire se afastaram cautelosamente do poço de elevador e voltaram na ponta dos pés para a cobertura dos Squalor. Sentiram-se como larápios quando se separaram e começaram a vasculhar o apartamento, muito embora tenham existido na história dos ladrões apenas cinco larápios que se especializaram em cordas. Todos os cinco foram pegos e mandados para a prisão, e é por isso que as pessoas raramente trancam as suas cordas para maior segurança; mas para sua frustração, os Baudelaire descobriram que os seus tutores não mantinham suas cordas trancadas pela simples razão de que não possuíam corda nenhuma.

“Não consegui encontrar corda nenhuma”, admitiu Violet quando reuniu-se aos irmãos. “Mas achei estas extensões elétricas, que podem dar certo.”

“Eu tirei estes puxadores de cortina de algumas janelas”, disse Klaus. São meio parecidos com cordas, então achei que poderiam ser úteis.”

“Armani”, ofereceu Sunny, apresentando uma braçada de gravatas de Jerome.

“Bem, temos algumas cordas ersatz”, disse Violet, “para descer pelo poço de elevador ersatz. Vamos amarrá-las todas umas nas outras com a língua-do-diabo.”

“Língua-do-diabo?”, perguntou Klaus.

“É um nó”, explicou Violet. “Foi inventado por mulheres piratas finlandesas, no século XV. Eu usei para fazer o meu arpéu, quando Olaf prendeu Sunny naquela gaiola, pendurada na janela da torre, e vai funcionar aqui também. Precisamos fazer uma corda o mais comprida possível — até onde sabemos, a passagem vai direto até o andar mais baixo do edifício.”

“Parece que vai direto até o centro da terra”, disse Klaus. “Nós passamos tanto tempo tentando escapar do conde Olaf. Nem posso acreditar que agora estamos tentando encontrá-lo.”

“Nem eu”, concordou Violet. “Se não fosse pelos Quagmire, eu não desceria até lá de jeito nenhum.”

“Bangemp”, Sunny lembrou aos irmãos. Queria dizer alguma coisa na linha de

“Se não fosse pelos Quagmire, estaríamos nas garras dele há muito tempo”, e os dois Baudelaire mais velhos concordaram com a cabeça. Violet

mostrou aos irmãos como fazer a língua-do-diabo e as três crianças amarraram às pressas as extensões elétricas aos puxadores de cortina, e os puxadores de cortina às gravatas, e a última gravata à coisa mais firme e resistente que puderam encontrar, que era a maçaneta da porta da cobertura dos Squalor. Violet conferiu o trabalho dos irmãos e finalmente deu um puxão na corda inteira, dando-se por satisfeita.

"Acho que isto vai nos agüentar", disse ela. "Só espero que seja comprida o bastante."

"Por que não deixamos a corda cair pelo poço", disse Klaus, "e ouvimos o som que faz, para ver se chega até o fundo? Então saberemos com certeza."

"Boa idéia", retrucou Violet, e foi até a beirada da passagem. Ela atirou para baixo a última extensão elétrica e as crianças ficaram olhando enquanto ela desaparecia na escuridão, arrastando consigo o restante da corda dos Baudelaire. As voltas do rolo de extensões, puxadores e gravatas se desenrolaram rapidamente, como uma longa serpente acordando e deslizando para dentro do poço. Ela deslizou, e deslizou, e deslizou, e as crianças se inclinaram para a frente o máximo que ousaram e escutaram o mais atentamente que puderam. Finalmente, ouviram um leve, leve plim!, como se a extensão elétrica tivesse atingido um pedaço de metal, e os três órfãos se entreolharam. Só de pensar em descer toda aquela distância no escuro, por uma corda ersatz que eles mesmos tinham confeccionado, dava vontade de dar meia-volta, sair correndo direto para a cama e puxar as cobertas por cima da cabeça. Os irmãos, em pé à beira daquele lugar escuro e aterrador, se perguntavam se realmente teriam coragem de começar a descida. A corda dos Baudelaire chegara ao fundo. Mas chegariam também as crianças Baudelaire?

"Estão prontos?", perguntou Klaus, por fim.

"Não", respondeu Sunny.

"Nem eu", disse Violet, "mas se esperarmos até estar prontos, vamos esperar pelo resto das nossas vidas. Vamos."

Violet deu um último puxão na corda e, cautelosamente, muito cautelosamente, começou a descer pela passagem. Klaus e Sunny a viram desaparecer na escuridão, como se alguma criatura enorme e faminta a tivesse engolido. "Venham", ouviram-na sussurrar do meio das trevas. "Está tudo bem."

Klaus cuspiu nas mãos e Sunny cuspiu nas dela, e os dois Baudelaire mais jovens seguiram a irmã para dentro da escuridão total do poço de elevador, só para descobrir que Violet não tinha contado a verdade. Não

estava tudo bem. Não estava nem meio tudo bem. Não estava nem um vinte e sete avôs tudo bem. A descida pela passagem sombria dava a sensação de estar caindo em um buraco profundo no fundo de um fosso profundo no fundo de um porão enterrado muito fundo debaixo da terra, e era a situação menos tudo bem que os Baudelaire já tinham encontrado. As mãos agarrando a corda eram a única coisa que podiam ver, pois mesmo depois que os olhos se acostumaram com o escuro, eles tinham medo de olhar para qualquer outro lugar, especialmente para baixo. O distante plim! na extremidade da corda era o único som que ouviam, pois os Baudelaire estavam assustados demais para falar. E a única coisa que sentiam era o mais puro terror, tão profundo e escuro quanto a passagem em si, um terror tão profundo que eu tenho dormido com quatro luzes noturnas acesas desde que visitei a Avenida Sombria 667 e vi aquele abismo profundo por onde os Baudelaire desceram. Mas também vi, durante a minha visita, o que os Baudelaire viram quando chegaram ao fundo, depois de uma descida de mais de três horas aterrorizantes. Àquela altura, seus olhos já tinham se acostumado com a escuridão, e eles puderam ver no que a ponta da corda estava batendo para fazer aquele leve som de plim. A extremidade da extensão elétrica mais distante estava realmente batendo contra um pedaço de metal — um cadeado de metal. O cadeado estava preso em volta de uma porta de metal e a porta de metal estava presa a uma série de barras de metal que formavam uma ferrugenta jaula de metal. No momento em que a minha pesquisa me levou a essa passagem a jaula estava vazia, e já estava vazia há muito, muito tempo. Mas ela não estava vazia quando os Baudelaire a encontraram. Quando eles chegaram ao fundo daquele profundo e aterrorizante lugar, os órfãos Baudelaire olharam para dentro da jaula e viram as figuras agachadas, encolhidas e trêmulas, de Duncan e Isadora Quagmire.

CAPÍTULO Oito

"Eu estou sonhando", disse Duncan Quagmire. Sua voz era um sussurro rouco de choque total. "Eu devo estar sonhando."

"Mas como você pode estar sonhando", perguntou-lhe Isadora, "se eu estou tendo o mesmo sonho?"

"Uma vez eu li sobre uma jornalista", sussurrou Duncan, "que estava cobrindo uma guerra, foi capturada pelo inimigo e ficou presa durante três anos. Todas as manhãs, ela olhava pela janela da sua cela e pensava ter visto os avós chegando para salvá-la. Mas eles não estavam lá de verdade. Era uma alucinação."

"Eu me lembro de ter lido a respeito de um poeta", disse Isadora, "que via seis adoráveis donzelas na sua cozinha nas noites de terça-feira, mas a cozinha na verdade estava vazia. Era uma aparição."

"Não", disse Violet, e estendeu a mão por entre as barras da jaula. Os trigêmeos Quagmire se encolheram no canto oposto da jaula, como se Violet fosse uma aranha venenosa em vez de uma amiga há muito perdida. "Não é uma alucinação. Sou eu, Violet Baudelaire."

"E eu sou realmente Klaus", disse Klaus. "Não sou uma aparição."

"Sunny!", disse Sunny.

Os órfãos Baudelaire piscaram na escuridão, forçando os olhos para ver o

máximo possível. Agora que não estavam mais pendurados na ponta de uma corda, conseguiram dar uma boa olhada no ambiente tenebroso à sua volta. Sua longa descida terminara em uma sala minúscula e imunda, sem nada dentro a não ser a jaula enferrujada contra a qual batera a extensão elétrica, mas os Baudelaire viram que a passagem continuava em um corredor comprido, tão escuro quanto o poço de elevador, que virava e se desviava para dentro das trevas. As crianças também deram uma boa olhada nos Quagmire, e o que viram não era menos tenebroso. Eles estavam vestidos em trapos e os rostos estavam tão lambuzados de sujeira que os Baudelaire poderiam não tê-los reconhecido se os dois trigêmeos não estivessem segurando os cadernos que levavam com eles aonde quer que fossem. Mas não era só a sujeira nos rostos deles, ou as roupas em seus corpos, que faziam os Quagmire parecerem tão diferentes. Era o olhar. Os trigêmeos Quagmire pareciam exaustos, e pareciam famintos, e pareciam muito, muito assustados. Porém, mais que tudo, Isadora e Duncan pareciam assombrados. A palavra "assombrado", tenho certeza que vocês sabem, geralmente se aplica a uma casa, cemitério ou supermercado onde vivem fantasmas, mas a palavra também pode ser usada para descrever pessoas que viram e ouviram coisas tão horríveis que se sentem como se houvesse fantasmas vivendo dentro delas, assombrando a cabeça e o coração com desgraças e desespero. Os Quagmire estavam com essa aparência, e ver os seus amigos tão desesperadamente tristes partiu o coração dos Baudelaire.

"São mesmo vocês?", disse Duncan, apertando os olhos para os Baudelaire lá do canto oposto da jaula. "Podem mesmo ser vocês?"

"Somos nós, sim", disse Violet, e descobriu que os seus olhos estavam se enchendo de lágrimas.

"São realmente os Baudelaire", disse Isadora, esticando a mão para tocar a de Violet. "Não estamos sonhando, Duncan. Eles estão realmente aqui." Klaus e Sunny também estenderam as mãos para dentro da jaula, e Duncan saiu do seu canto para tocar os Baudelaire o melhor possível por trás das grades. As cinco crianças se abraçaram na medida do possível, meio rindo e meio chorando porque estavam todas juntas mais uma vez.

"Como diabo vocês sabiam onde nós estávamos?", disse Isadora. "Nem nós mesmos sabemos onde estamos."

"Vocês estão dentro de uma passagem secreta na Avenida Sombria 667", disse Klaus, "mas não sabíamos que vocês estavam aqui. Estávamos só tentando descobrir o que Gunther — é como Olaf chama a si mesmo agora — estava tramando, e a nossa busca nos trouxe todos aqui para baixo."

“Eu sei como ele está chamando a si mesmo”, disse Duncan, “e sei o que ele está tramando.” Ele encolheu os ombros e abriu o seu caderno que, pelo que se lembravam os Baudelaire, era verde-escuro, mas parecia preto na penumbra. “Tudo o que ele faz em todos os segundos que passamos com ele é se gabar dos seus planos horríveis e, quando ele não está olhando, tomo nota de tudo o que ele conta, para não esquecer. Apesar de ser uma vítima de seqüestro, ainda sou um jornalista.”

“E eu ainda sou uma poeta”, disse Isadora, e abriu o seu caderno que, pelo que se lembravam os Baudelaire, era preto, mas agora parecia ainda mais preto. “Escutem isto:

No Dia do Leilão, na hora crepuscular Gunther, sorrateiro, irá nos levar?

“Como ele vai fazer isso?”, perguntou Violet. “A polícia foi informada do seqüestro, e está de prontidão.”

“Eu sei”, disse Duncan. “Gunther quer nos levar clandestinamente para fora da cidade e nos esconder em alguma ilha onde a polícia não possa nos achar. Vai nos manter prisioneiros na ilha até chegarmos à maioridade, para poder roubar as safiras Quagmire. Assim que estiver com a nossa fortuna, diz ele, nos pegará e...”

“Não diga nada”, exclamou Isadora, tampando os ouvidos. “Ele nos disse tantas coisas horríveis. Eu não poderia suportar ouvi-las de novo.”

“Não se preocupe, Isadora”, disse Klaus. “Vamos alertar as autoridades, e elas o prenderão antes que possa fazer qualquer coisa.”

“Mas já é quase tarde demais”, disse Duncan. “O Leilão In é amanhã de manhã. Ele vai nos esconder dentro de um dos itens que vão ser leiloados e fazer com que um dos seus ajudantes dê o lance mais alto.”

“Que item?”, perguntou Violet.

Duncan folheou as páginas do caderno e seus olhos se arregalaram quando releu algumas das coisas deploráveis que Gunther dissera. “Eu não sei”, disse ele. “Ele nos contou tantos segredos tão angustiantes, Violet. Tantos planos horríveis — todas as traições que ele cometeu no passado, e todas as que está planejando cometer no futuro. Está tudo aqui neste caderno. De C.S.C. até este terrível plano do leilão.”

“Teremos tempo à vontade para discutir tudo isso”, disse Klaus, “mas nesse meio-tempo, vamos tirar vocês desta jaula antes que Gunther volte. Violet, você acha que consegue forçar este cadeado?”

Violet segurou o cadeado nas mãos e apertou os olhos para enxergar no

escuro.

“É bastante complicado”, disse ela. “Ele deve ter comprado alguns cadeados superdifíceis, depois que eu forcei aquela mala dele quando estávamos morando com o tio Monty. Se eu tivesse algumas ferramentas, talvez pudesse inventar alguma coisa, mas não há absolutamente nada aqui embaixo.”

“Aguen?”, perguntou Sunny, o que queria dizer qualquer coisa como “Você conseguiria serrar as barras da jaula?”.

“Não serrar”, disse Violet tão baixinho que era como se estivesse falando sozinha.

“Não tenho tempo para fazer uma serra. Mas quem sabe...” Sua voz foi sumindo, mas as outras crianças puderam ver na penumbra que ela estava prendendo o cabelo com uma fita, para impedi-lo de cair nos olhos.

“Olhe, Duncan”, disse Isadora, “ela está bolando alguma invenção! Vamos sair daqui em três tempos!”

“Todas as noites, desde que fomos raptados”, disse Duncan, “sonhamos com o dia em que veríamos Violet Baudelaire inventando alguma coisa para nos salvar.”

“Se quisermos salvá-los a tempo”, disse Violet, pensando furiosamente, “então meus irmãos e eu teremos de subir de volta para a cobertura imediatamente.” Isadora correu nervosamente os olhos pelo compartimento minúsculo e escuro.

“Vocês vão nos deixar sozinhos?”, perguntou ela.

“Se é para eu inventar alguma coisa que tire vocês desta jaula”, retrucou Violet, “vou precisar de toda a ajuda que puder conseguir, portanto Klaus e Sunny terão de vir comigo. Sunny, comece a subir. Klaus e eu seguiremos logo atrás de você.”

“Onossu”, disse Sunny, o que queria dizer “Sim, senhora”, e Klaus ergueu-a até a ponta da corda, para que pudesse começar a longa e tenebrosa escalada de volta ao apartamento dos Squalor. Klaus começou a subir logo atrás dela e Violet segurou as mãos dos amigos.

“Estaremos de volta assim que pudermos”, prometeu ela. “Não se preocupem. Vocês estarão fora de perigo antes que se dêem conta.”

“No caso de alguma coisa dar errado”, disse Duncan, folheando o caderno até uma determinada página, “como aconteceu da última vez, deixe-

me contar a você...” Violet pôs o dedo na boca de Duncan. “Psiu”, disse ela. “Nada vai dar errado desta vez. Eu juro.”

“Mas se der”, disse Duncan, “você precisa saber a respeito de C.S.C. antes que o leilão comece.”

“Não me conte agora”, disse Violet. “Não temos tempo. Você pode contar quando estivermos todos sãos e salvos.” A mais velha dos Baudelaire agarrou a ponta da extensão elétrica e começou a seguir os irmãos. “Vejo vocês logo mais”, disse ela aos Quagmire, que já estavam começando a desaparecer na escuridão enquanto ela começava a sua ascensão.

“Vejo vocês logo mais”, disse ela de novo, bem no momento em que os perdeu totalmente de vista.

A subida de volta pela passagem secreta foi muito mais cansativa, porém muito menos aterrorizante, simplesmente porque eles sabiam o que iriam encontrar na outra ponta da sua corda ersatz. Quando estavam descendo pelo poço de elevador, os Baudelaire não tinham idéia do que os estaria aguardando no fundo, ao final de uma jornada tão escura e cavernosa, mas Violet, Klaus e Sunny sabiam que todos os setenta e um quartos de dormir da cobertura dos Squalor estariam no topo. E eram aqueles quartos de dormir — juntamente com as salas de estar, salas de jantar, salas de café-da-manhã, salas de lanche, salas de sentar, salas de ficar em pé, salões de baile, banheiros, cozinhas e um sortimento de salas que pareciam não ter nenhuma serventia — que seriam úteis para o salvamento dos Quagmire.

“Escutem”, disse Violet aos irmãos depois que eles subiram por alguns minutos.

“Quando chegarmos lá em cima, quero que vocês dois vasculhem a cobertura.”

“Agoula?”, perguntou Sunny, o que queria dizer rara que? .

“Acho que o jeito mais fácil de tirar os Quagmire daquela jaula será usando um dispositivo de solda”, disse Violet. “Solda é quando você usa alguma coisa muito quente para derreter metal. Se cortarmos algumas das barras da jaula com um soldador, poderemos criar uma porta e tirar Duncan e Isadora de lá.”

“Esta é uma boa idéia”, concordou Klaus. “Mas eu pensava que para soldar era necessário um monte de equipamentos complicados.”

“Normalmente sim”, disse Violet. “Numa situação comum de soldagem eu usaria um maçarico, que é um dispositivo que produz uma chama muito

pequena para derreter o metal. Mas os Squalor não têm um maçarico — trata-se de uma ferramenta, e as ferramentas estão out. Portanto vou inventar algum outro método. Quando vocês acharem objetos compridos e finos feitos de ferro, me encontrem na cozinha mais próxima à porta da frente."

"Selrep", disse Sunny, o que queria dizer algo como "É aquela que tem um forno azul-claro".

"Certo", disse Violet, "e eu vou usar aquele forno azul-claro para esquentar os objetos de ferro e deixá-los o mais quentes possível. Quando eles estiverem ardendo, ardendo de quentes, vamos levá-los até a jaula e usá-los para derreter as barras."

"Será que vão ficar quentes por tempo suficiente para funcionar, depois de uma descida tão longa?", perguntou Klaus.

"É melhor que fiquem", respondeu Violet, soturna. "É a nossa única esperança." Ouvir a frase "nossa única esperança" sempre deixa uma pessoa ansiosa, porque significa que se a única esperança não der certo, não resta mais nada, e nunca é agradável pensar isto, por mais verdadeiro que possa ser. Os três Baudelaire ficaram ansiosos com o fato de que a invenção de Violet era a sua única esperança de salvar os Quagmire, e eles se mantiveram em silêncio durante o resto de sua ascensão pelo poço de elevador, sem querer considerar o que poderia acontecer com Duncan e Isadora caso essa única esperança não desse certo. Por fim, começaram a ver a luz pálida que vinha das portas deslizantes abertas, e afinal se viram novamente diante da porta da frente do apartamento dos Squalor.

"Lembrem-se", sussurrou Violet, "objetos compridos e finos feitos de ferro. Não podemos usar bronze ou prata, nem mesmo ouro, porque esses metais se derreteriam no forno. Vejo vocês na cozinha."

Os Baudelaire mais jovens assentiram movendo a cabeça solenemente e seguiram duas trilhas diferentes de migalhas em direções opostas, enquanto Violet seguia direto para a cozinha com o forno azul-claro e olhava em volta, indecisa. Cozinhar nunca fora o seu forte — uma frase que aqui significa "era algo que ela não sabia fazer muito bem, com exceção de torradas, e às vezes não era capaz de fazer nem isso sem deixá-las esturricadas" — e ela estava um pouco nervosa com a idéia de usar o forno sem a supervisão de nenhum adulto. Mas então ela pensou nas coisas que fizera recentemente sem supervisão de adultos — espalhar migalhas pelo chão, comer manteiga de maçã, descer por um poço vazio de elevador usando uma corda ersatz feita de extensões elétricas, puxadores de cortina e gravatas amarrados uns nos outros com a língua-do-diabo — e sentiu a sua determinação se endurecer. Ela girou

o botão azul-claro da temperatura do forno para o máximo — 250 graus centígrados — e então, enquanto o forno se aquecia lentamente, começou a abrir e fechar silenciosamente as gavetas da cozinha, à procura de três luvas térmicas reforçadas. Luvas térmicas, como vocês provavelmente sabem, são acessórios de cozinha que servem como mãos ersatz que permitem pegar objetos que queimariam os seus dedos se vocês os tocassem diretamente. Violet deu-se conta de que os Baudelaire teriam de usar luvas térmicas quando os objetos compridos e finos estivessem quentes o bastante para usar como maçaricos. Bem quando os seus irmãos iam entrando na cozinha, Violet encontrou três luvas térmicas adornadas com as letras sofisticadas e rebuscadas da Butique In, enfiadas no fundo da nona gaveta que ela abrira.

"Acertamos na mosca", sussurrou Klaus, e Sunny assentiu com a cabeça. Os dois Baudelaire mais jovens estavam usando uma expressão que aqui significa "Olhe para estes atiçadores de lareira — são perfeitos!" e estavam absolutamente certos. "Em alguma época, as lareiras devem ter estado in", explicou Klaus, apresentando três pedaços de ferro finos e compridos, "porque Sunny se lembrou daquela sala de estar com seis lareiras entre o salão de baile com paredes verdes e o banheiro com aquela pia engraçada. Junto às lareiras havia seis atiçadores — você sabe, aqueles pedaços de ferro compridos que as pessoas usam para mexer nas achas de lenha e manter o fogo aceso. Imaginei que, se eles podem tocar em lenha ardente, podem também sobreviver a um forno quente."

"Vocês realmente acertaram na mosca", disse Violet. "Atiçadores de fogo são perfeitos. Agora, quando eu abrir a porta do forno, você os põe lá dentro, Klaus. Sunny, afaste-se. Bebês não devem ficar perto de fornos quentes."

"Pravotol", disse Sunny. Ela queria dizer algo como "As crianças mais velhas também não devem ficar perto de fornos quentes, especialmente sem a supervisão de um adulto" ou coisa do gênero, mas entendeu que se tratava de uma emergência e engatinhou para o lado oposto da cozinha, de onde poderia observar com segurança enquanto os irmãos mais velhos punham os atiçadores compridos e finos dentro do forno quente. Como a maioria dos fornos, o forno azul-claro dos Squalor tinha sido projetado para assar bolos e gratinados, não atiçadores de fogo, e era impossível fechar a porta do forno com os compridos pedaços de ferro dentro. Assim, enquanto os órfãos Baudelaire aguardavam que os pedaços de ferro se aquecessem a ponto de poder ser usados como maçaricos, a cozinha toda também se aqueceu, pois uma parte do ar quente do forno escapou pela porta aberta. Quando Klaus perguntou se os soldadores já estavam prontos, parecia que a cozinha era um

forno, em vez de simplesmente conter um.

“Ainda não”, respondeu Violet, espiando cautelosamente pela porta aberta do forno. “As pontas dos atiçadores estão só começando a ficar amarelas. Precisamos que elas fiquem brancas com o calor, portanto ainda vai levar alguns minutos.”

“Estou nervoso”, disse Klaus, e logo se corrigiu. “Quero dizer, estou ansioso. Não gosto de deixar os Quagmire sozinhos lá embaixo.”

“Eu também estou ansiosa”, disse Violet, “mas a única coisa que podemos fazer agora é esperar. Se tirarmos o ferro do forno agora, não vai servir para nada depois que tivermos feito toda a descida até a jaula.”

Klaus e Sunny suspiraram, mas assentiram concordando com a irmã e se acomodaram para esperar até que os dispositivos de solda estivessem prontos e, enquanto esperavam, sentiram-se como se aquela cozinha em particular na cobertura dos Squalor estivesse sendo reformada bem na frente dos seus olhos. Quando os Baudelaire vasculharam o apartamento para ver se Gunther estava escondido lá, deixaram cair migalhas em uma variedade de quartos de dormir, salas de estar, salas de jantar, salas de café-da-manhã, salas de lanche, salas de sentar, salas de ficar em pé, banheiros, salões de baile e cozinhas, bem como naquelas salas que pareciam não ter nenhuma serventia, mas o único tipo de sala que faltava na cobertura dos Squalor era uma sala de espera. Salas de espera, como tenho certeza de que vocês sabem, são pequenas salas com uma porção de cadeiras para esperar, bem como pilhas de revistas velhas e chatas para ler e algumas pinturas insípidas — a palavra “insípidas” aqui significa “normalmente retratando cavalos num campo ou cachorrinhos numa cesta” — enquanto você agüenta o tédio que os médicos e dentistas infligem aos seus pacientes antes de fazê-los entrar para cutucá-los e picá-los e fazer todas aquelas coisas malvadas que essas pessoas são pagas para fazer. É muito raro alguém ter uma sala de espera em casa, porque nem mesmo uma casa tão enorme quanto a dos Squalor contém um consultório de médico ou dentista, e também porque as salas de espera são tão desinteressantes que você nunca ia querer uma no lugar onde mora. Os Baudelaire com certeza nunca tinham desejado que os Squalor tivessem uma sala de espera na sua cobertura, mas enquanto ficavam sentados aguardando que a invenção de Violet ficasse pronta para o uso, sentiram-se como se as salas de espera de repente estivessem in e Esmé tivesse mandado construir uma bem ali na cozinha. Os armários da cozinha não tinham pinturas de cavalos num campo ou de cachorrinhos numa cesta, e não havia artigos de revistas velhas e chatas impressos no fogão azul-claro, mas enquanto as três crianças esperavam que os objetos de ferro se tornassem amarelos e depois cor de laranja e depois

vermelhos à medida que ficavam cada vez mais quentes, elas sentiram o mesmo nervosismo incômodo que sentiam quando estavam aguardando ser atendidas por um profissional médico treinado. Mas por fim os atiçadores de fogo ficaram brancos de quentes e prontos para a sua missão nas grossas barras de ferro da jaula. Violet entregou uma luva térmica para cada um dos irmãos e depois colocou a terceira na sua própria mão para remover cautelosamente os atiçadores do forno. “Segurem com muito, muito cuidado”, disse ela, entregando um soldador ersatz para cada um dos seus irmãos. “Eles estão suficientemente quentes para derreter metal, então imaginem só o que poderão fazer se encostarem em nós. Mas tenho certeza de que daremos um jeito.”

“Desta vez será mais difícil descer”, disse Klaus, acompanhando as irmãs para a porta da frente da cobertura. Estava segurando o seu atiçador apontado para cima, como se fosse uma tocha e não um soldador, de olho na parte que estava branca de tão quente, para que ela não esbarrasse em nada nem em ninguém. “Cada um de nós terá de ficar com uma das mãos livre para segurar o atiçador. Mas tenho certeza de que conseguiremos.”

“Zelestim”, disse Sunny quando as crianças chegaram às portas deslizantes do elevador ersatz. Ela estava querendo dizer alguma coisa no gênero de “Vai ser assustador ter de descer por aquela passagem horrível de novo”, mas depois de dizer

“Zelestim” ela acrescentou a palavra “Enipi”, que significava “Mas tenho certeza de que conseguiremos”, e a mais nova dos Baudelaire tinha tanta certeza disso quanto os irmãos. As três crianças estavam em pé à beira da passagem escura, mas não pararam para pegar coragem, como fizeram antes da sua primeira descida pelo poço cavernoso. Seus soldadores estavam quentes, como dissera Violet, e a descida seria difícil, como dissera Klaus, e a subida seria aterrorizante, como dissera Sunny, mas os irmãos se entreolharam e tiveram certeza de que conseguiriam. Os trigêmeos Quagmire contavam com eles, e os órfãos Baudelaire estavam seguros de que esta única esperança ia dar certo, afinal.

CAPÍTULO NOVE

Um dos maiores mitos do mundo — e a expressão “maiores mitos” é apenas um jeito sofisticado de dizer “grandes mentiras deslavadas” — é que as coisas desagradáveis vão ficando cada vez menos desagradáveis se você as repete mais e mais. Por exemplo, as pessoas dizem esse mito quando estão ensinando crianças a andar de bicicleta, como se cair de uma bicicleta e ralar o joelho fosse menos desagradável na décima quarta vez em que você faz isso do que na primeira. A verdade é que as coisas desagradáveis tendem a continuar desagradáveis não importa quantas vezes você as faça, e que deve-se evitar fazê-las a não ser que sejam absolutamente urgentes. Claro, era absolutamente urgente que os órfãos Baudelaire levassem mais três horas para descer pela escuridão assustadora do poço de elevador. As crianças sabiam que os

trigêmeos Quagmire estavam em sério perigo, e que usar a invenção de Violet para derreter as barras da jaula era o único jeito de os seus amigos escaparem antes que Gunther os escondesse dentro de um dos itens do Leilão In e os levasse clandestinamente para fora da cidade. Porém lamento dizer que a urgência absoluta da segunda descida dos Baudelaire não a tornou nem um pouco menos desagradável. A passagem ainda era escura como um tablete de chocolate extra-escuro dentro de um planetário coberto por um cobertor grosso e preto, mesmo com a pequenina incandescência das pontas aquecidas ao branco dos atiçadores de fogo, e a sensação de descer pelo poço de elevador ainda era como a de estar descendo pela boca adentro de alguma criatura terrível. Tendo para orientá-los apenas o plim! da última extensão elétrica batendo no cadeado da jaula, os três irmãos desceram pela corda ersatz com uma das mãos, segurando os seus soldadores com a outra, e a descida até o compartimento minúsculo e imundo onde os trigêmeos estavam presos ainda não estava nem um vinte e sete avôs tudo bem.

Mas a pavorosa repetição da desagradável descida dos Baudelaire foi ananicada em comparação com a surpresa sinistra que encontraram no fundo, uma surpresa tão terrível que as três crianças simplesmente se recusaram a acreditar. Violet chegou ao término da extensão elétrica final e pensou que era uma alucinação. Klaus ficou olhando para a jaula e pensou que era uma aparição. E Sunny espiou para dentro através das barras e rezou para que fosse alguma combinação das duas coisas. Os jovens olharam para o compartimento minúsculo e imundo, e olharam para a jaula, mas precisaram de vários minutos até acreditar que os Quagmire não estavam mais lá dentro.

“Eles se foram”, disse Violet. “Eles se foram, e a culpa é toda minha!” Ela jogou o seu soldador num canto da sala minúscula, e ele chiou em contato com o chão. Voltou-se para os irmãos e eles puderam ver, à luz da incandescência branca dos seus atiçadores, que a sua irmã mais velha estava começando a chorar. “Minha invenção deveria salvá-los”, disse ela lamentosa, “e agora Gunther os arrebatou. Sou uma péssima inventora e uma amiga horrorosa.”

Klaus jogou o seu soldador no canto e deu um abraço na irmã. “Você é a melhor inventora que eu conheço”, disse ele, “e a sua invenção foi muito boa. Escute só como aqueles soldadores estão chiando. A ocasião não estava madura para a sua invenção, é só isso.”

“O que você quer dizer com isso?”, disse Violet, sentindo-se arrasada. Sunny jogou o último soldador no canto e tirou a sua luva térmica para poder consolar a irmã com palmadinhas no tornozelo. “Noque, noque”, disse ela, o que significava “Tudo bem, tudo bem”.

“Tudo o que isto quer dizer”, disse Klaus, “é que você inventou uma coisa que não foi muito prática nesta ocasião em particular. A culpa não é sua se nós não os salvamos — é de Gunther.”

“Acho que sei disso”, disse Violet, enxugando os olhos. “Só estou triste porque a ocasião não estava madura para a minha invenção. Quem sabe se vamos voltar a ver nossos amigos?”

“Vamos, sim”, disse Klaus. “Só porque esta não é a ocasião certa para as suas habilidades de inventora, não quer dizer que não esteja madura para as minhas habilidades de pesquisador.”

“Duestau”, disse Sunny tristemente, o que queria dizer “Nem todas as pesquisas do mundo poderão ajudar Isadora e Duncan agora”.

“É aí que você está errada, Sunny”, retrucou Klaus. “Gunther pode tê-los arrebatado, mas nós sabemos aonde os está levando — ao Veblen Hall. Ele vai escondê-los dentro de um dos itens do Leilão In, está lembrada?”

“Sim”, disse Violet, “mas qual?”

“Se subirmos de volta à cobertura”, disse Klaus, “e formos até a biblioteca dos Squalor, acho que posso descobrir.”

“Meotze”, disse Sunny, o que queria dizer “Mas a biblioteca dos Squalor só tem aqueles livros emproados sobre o que é in e o que é out”.

“Você está esquecendo o mais recente acréscimo à biblioteca”, disse Klaus.

“Esmé nos contou que Gunther deixou uma cópia do catálogo do Leilão In está lembrada?

Onde quer que ele esteja planejando esconder os Quagmire, esse esconderijo há de estar listado no catálogo. Se conseguirmos descobrir em qual dos itens ele os está escondendo...”

“Poderemos tirá-los de lá”, terminou Violet, “antes que ele os leiloe. É uma idéia brilhante, Klaus!”

“Não é mais brilhante do que inventar dispositivos de solda”, disse Klaus. “Só espero que a ocasião esteja madura desta vez.”

“Eu também”, disse Violet. “Afinal, é a nossa única...

“Vinung”, disse Sunny, o que queria dizer “Não diga nada”, e a sua irmã concordou. Não ajudava em nada dizer que aquela era a sua única esperança, deixando-os tão ansiosos quanto antes, razão pela qual os Baudelaire, sem mais palavra, içaram-se de volta à sua corda improvisada e começaram a subir

de novo para a cobertura dos Squalor. As trevas fecharam-se mais uma vez sobre eles, e as crianças começaram a se sentir como se tivessem passado a vida toda naquele buraco profundo e sombrio, e não em uma variedade de lugares que iam desde uma serraria em Paltryville até uma caverna à margem do Lago Lacrimoso e a mansão Baudelaire, cujos restos carbonizados jaziam a apenas alguns quarteirões da Avenida Sombria. Mas em vez de ficar pensando em todos os lugares sombrios do passado dos Baudelaire, ou no lugar ainda mais sombrio que estavam escalando agora, os três irmãos tentaram se concentrar nos lugares mais luminosos do futuro dos Baudelaire. Eles pensaram no apartamento de cobertura, que ia ficando cada vez mais perto deles à medida que iam subindo. Pensaram na biblioteca dos Squalor, que podia conter a informação certa de que precisavam para derrotar o plano de Gunther. E pensaram em tempos gloriosos ainda por vir, em que os Baudelaire e os Quagmire poderiam desfrutar sua amizade sem a sombra arrepiante do mal e da ganância que pairava sobre eles agora. Os órfãos Baudelaire tentaram manter suas cabeças naqueles pensamentos luminosos do futuro enquanto subiam pelo tenebroso poço de elevador, e no momento em que chegaram às portas deslizantes sentiram que talvez aqueles tempos gloriosos não estivessem assim tão distantes.

"Já deve ser quase de manhã", disse Violet, ajudando Sunny a içar-se para fora das portas do elevador. "É melhor a gente desamarrar a nossa corda da maçaneta da porta, e fechar essas portas, senão os Squalor vão ver o que estávamos fazendo."

"E por que não poderiam ver?", perguntou Klaus. "Talvez assim acreditem no que dizemos sobre Gunther."

"Ninguém nunca acredita no que dizemos sobre Gunther, ou qualquer um dos outros disfarces de Olaf", disse Violet, "a não ser que tenhamos alguma prova. Tudo o que temos agora é um elevador ersatz, uma jaula vazia e três atiçadores de fogo esfriando. Isto não é prova de coisa nenhuma."

"Você deve estar certa", disse Klaus. "Bem, por que vocês duas não desamarram a corda enquanto eu vou direto para a biblioteca começar a ler o catálogo?"

"É um bom plano", disse Violet.

"Reauhop!", disse Sunny, o que queria dizer "E boa sorte!". Klaus abriu silenciosamente a porta da cobertura e entrou, e as irmãs Baudelaire começaram a puxar a corda de dentro do poço. A ponta da última extensão elétrica fazia plim!plim! contra as paredes da passagem enquanto Sunny enrolava a corda ersatz até formar um rolo de extensões elétricas, puxadores

de cortina e gravatas sofisticadas. Violet desfez o último nó duplo para soltá-lo da maçaneta da porta e voltou-se para a irmã.

“Vamos guardar isto debaixo da minha cama”, disse ela, “para o caso de precisarmos mais tarde. De qualquer jeito, fica a caminho da biblioteca.”

“Iallrel”, acrescentou Sunny, o que queria dizer “E vamos fechar as portas deslizantes do elevador, para que os Squalor não vejam que estivemos bisbilhotando dentro de um poço de elevador”.

“Bem pensado”, disse Violet, e apertou o botão de Subir. As portas deslizaram fechando-se de novo e, depois de dar uma boa olhada em volta para ver se não tinham deixado nada para trás, as duas Baudelaire entraram na cobertura e seguiram a trilha de migalhas passando por uma sala de café-da-manhã, descendo um corredor, atravessando uma sala de ficar em pé, descendo um corredor e, por fim, chegando ao quarto de Violet, onde guardaram a corda ersatz debaixo da cama. Estavam prestes a seguir direto para a biblioteca quando Sunny reparou num bilhete que tinha sido deixado em cima do travesseiro extrafofo de Violet.

‘“Querida Violet’”, leu Violet, “‘não consegui encontrá-la nem aos seus irmãos esta manhã para dizer até logo. Tive de sair cedo para comprar clipes de papel amarelos antes de ir para o Leilão In. Esmé levará vocês ao Veblen Hall às dez e meia em ponto, portanto estejam prontos para sair, senão ela ficará muito aborrecida. Vejo vocês lá! Atenciosamente, Jerome Squalor.’”

“Iiques!”, disse Sunny, apontando para o mais próximo dos 612 relógios que os Squalor possuíam.

“Iiques mesmo”, disse Violet. “Já são dez horas. Todas aquelas subidas e descidas pelo poço do elevador levaram muito mais tempo do que eu pensei.”

“Vrech”, acrescentou Sunny, o que queria dizer algo do tipo “Para não falar em fazer aqueles soldadores”.

“É melhor a gente ir para a biblioteca imediatamente”, disse Violet. “Talvez possamos de alguma maneira ajudar Klaus a apressar o processo de pesquisa.” Sunny assentiu com a cabeça e as duas irmãs desceram o corredor até a biblioteca dos Squalor. Desde que Jerome a mostrara a elas pela primeira vez, Violeta e Sunny tinham entrado lá raras vezes e parecia que mais ninguém a usara muito. Uma boa biblioteca nunca está muito arrumadinha, nem muito empoeirada, porque sempre há alguém lá tirando livros das estantes e ficando acordado lendo até tarde. Até as bibliotecas que não eram do gosto dos Baudelaire — a biblioteca da tia Josephine, por exemplo, só continha livros sobre gramática — eram lugares confortáveis para estar,

porque os donos das bibliotecas as usavam muito. Mas a biblioteca dos Squalor era tão arrumadinha e empoeirada quanto é possível. Todos os livros chatos sobre o que era in e o que era out estavam em fileiras metódicas nas estantes, com camadas de poeira em cima, como se não tivessem sido perturbados desde a primeira vez em que foram postos lá. Os Baudelaire ficaram um pouco tristes de ver todos aqueles livros arrumados na biblioteca sem ser lidos nem notados, como vira-latas ou crianças perdidas que ninguém queria levar para casa. O único sinal de vida na biblioteca era o irmão delas, que estava lendo o catálogo tão atentamente que não ergueu os olhos até as irmãs estarem bem ao seu lado.

"Detesto perturbar você quando está pesquisando", disse Violet, "mas havia um bilhete de Jerome sobre o meu travesseiro. Esmé vai nos levar para o Veblen Hall às dez e meia em ponto, e agora já são pouco mais de dez horas. Será que podemos ajudá-lo de algum modo?"

"Não vejo como", disse Klaus, os olhos com uma expressão preocupada atrás dos óculos. Só há um exemplar do catálogo, e ele é bastante complicado. Cada um dos itens do leilão é chamado de um lote, e o catálogo lista cada lote com uma descrição e um palpite de qual poderá ser o lance mais alto. Li até o Lote 49, que é um valioso selo do correio."

"Bem, Gunther não pode esconder os Quagmire em um selo do correio", disse Violet. "Você pode pular esse lote."

"Estive pulando uma porção de lotes", disse Klaus, "mas ainda não estou mais perto de descobrir onde poderão estar os trigêmeos. Será que Gunther os esconderia no Lote 14 — um globo enorme? Os esconderia debaixo da tampa do Lote 25 — um raro e valioso piano? Ele os esconderia no Lote 48 — a enorme estátua de um peixe escarlate?" Klaus parou e virou uma página do catálogo. "Ou será que ele os esconderia no Lote 50, que é..."

Klaus terminou a sentença inspirando de repente e sufocando um grito, mas as suas irmãs entenderam imediatamente que ele não queria dizer que o qüinquagésimo item a ser vendido no Leilão In era uma brusca introdução de ar nos pulmões. Ele queria dizer que descobrira uma coisa insólita no catálogo, e elas se inclinaram para a frente para ler por cima do ombro dele e ver o que era.

"Eu não acredito", disse Violet. "Eu simplesmente não acredito."

"Tunsc", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Deve ser aí que os Quagmire vão ser escondidos".

"Concordo com Sunny", disse Klaus, "apesar de não haver uma

descrição do item. Eles não escrevem nem mesmo o que significam as letras.”

“Vamos descobrir o que elas significam”, disse Violet, “porque vamos encontrar Esmé neste minuto e contar a ela o que está acontecendo. Quando ela descobrir, vai finalmente acreditar no que dizemos sobre Gunther, e vamos tirar os Quagmire do Lote 50 antes que eles saiam da cidade. Você estava certo, Klaus — a ocasião estava madura para as suas habilidades de pesquisador.”

“Acho mesmo que estava certo”, disse Klaus. “Mal posso acreditar na nossa sorte.”

Os Baudelaire olharam de novo para a página do catálogo, certificando-se de que não era uma alucinação, nem uma aparição. E não era. Bem ali, em caracteres pretos e nítidos debaixo do título “Lote 50”, havia três letras e três sinais de pontuação que pareciam indicar a solução dos problemas dos Baudelaire. As crianças se entreolharam e sorriram. Os três irmãos mal podiam acreditar na sua sorte. Os três órfãos Baudelaire mal podiam acreditar que naquelas três letras podiam ler o local onde estavam escondidos os Quagmire tão claramente quanto podiam ler “C.S.C.”.

CAPÍTULO DEZ

"... e um dos itens do catálogo está listado como 'C.S.C.', que é o segredo que os Quagmire tentaram nos contar logo antes de ser seqüestrados", concluiu Klaus. "Isto é terrível", disse Esmé, e tomou um gole do refrigerante de salsa que insistira em servir para si mesma antes que os órfãos Baudelaire pudessem contar tudo o que tinham descoberto. Ela então insistira em acomodar-se no sofá mais in da sua sala de estar favorita e em fazer com que as três crianças se sentassem em três cadeiras arrumadas em semicírculo em volta dela, antes de deixá-las relatar a história da verdadeira identidade de Gunther, da passagem secreta por trás das portas deslizantes do elevador, da trama para levar os Quagmire clandestinamente para fora da cidade, e do surpreendente aparecimento daquelas três iniciais misteriosas como descrição do Lote 50. Os três irmãos ficaram contentes por a sua tutora não ter feito

pouco das suas descobertas, ou discutido com eles a respeito de Gunther, ou dos Quagmire, ou qualquer outra coisa, mas que, em vez disso, tivesse escutado cada detalhe calma e silenciosamente. De fato, Esmé ficou tão silenciosa e calma que chegou a ser desconcertante, uma palavra que aqui significa "um aviso ao qual as crianças Baudelaire não prestaram atenção a tempo".

"Esta é a coisa menos acachapante que já ouvi", disse Esmé, tomando mais um gole da sua bebida. "Vejamos se entendi tudo o que vocês disseram. Gunther é, de fato, o conde Olaf disfarçado."

"Sim", disse Violet. "As botas dele estão cobrindo a sua tatuagem, e o monóculo faz com que ele contraia o rosto para esconder a sobrancelha única."

"E ele escondeu os Quagmire em uma jaula no fundo do poço do meu elevador", disse Esmé, pondo o seu copo em cima de uma mesa próxima.

"Sim", disse Klaus. "Não existe elevador atrás daquelas portas. De algum modo, Gunther o removeu, para poder usar o poço como uma passagem secreta."

"E agora ele tirou os Quagmire da jaula", continuou Esmé, "e vai levá-los clandestinamente para fora da cidade, escondendo-os dentro do Lote 50 do Leilão In."

"Caxret", disse Sunny, o que queria dizer "Você sacou, Esmé".

"Esta é certamente uma trama complicada", disse Esmé. "Estou surpresa por criancinhas como vocês terem sido capazes de descobrir isto, mas estou contente por terem descoberto." Ela fez uma pequena pausa para remover um grão de pó de uma das suas unhas. "E agora só resta uma coisa a fazer. Temos de ir diretamente ao Vebien Hall, e depressa, para pôr um paradeiro a este plano terrível. Vamos mandar prender Gunther e libertar os Quagmire. É melhor irmos embora, neste minuto."

Esmé pôs-se em pé e acenou para as crianças com um leve sorriso. As crianças a seguiram para fora da sala de estar, trocando olhares intrigados. Sua tutora estava certa, é claro, ao dizer que tinham de ir ao Vebien Hall e expor Gunther e sua traição, mas não podiam deixar de se perguntar por que a sexta consultora financeira mais importante da cidade estava tão calma ao dizer isso. As crianças estavam tão ansiosas por causa dos Quagmire que se sentiam como se fossem pular para fora da própria pele, mas Esmé as levou para fora da cobertura como se estivessem indo à mercearia comprar farinha de trigo, em vez de correr a um leilão para deter um crime horrível. Quando ela fechou

a porta do apartamento e se voltou sorrindo de novo para as crianças, os três irmãos não puderam ver nem sinal de ansiedade em seu rosto, e isto era desconcertante.

“Klaus e eu vamos nos revezar para carregá-la, Sunny”, disse Violet, erguendo a irmã. “Assim a descida pelas escadas ficará mais fácil para você.”

“Ora, não teremos de descer todas essas escadas a pé”, disse Esmé.

“É verdade”, disse Klaus. “Escorregar pelo corrimão será muito mais rápido.” Esmé passou um braço em volta das crianças e começou a levá-las para longe da porta da frente. Era bom receber um gesto de afeição da sua tutora, mas o braço dela os envolvia tão apertado que mal podiam se mexer, o que também era desconcertante.

“Também não teremos de escorregar pelo corrimão”, disse ela.

“Então como vamos descer da cobertura?”, perguntou Violet. Esmé esticou o outro braço e usou uma das suas unhas compridas para apertar o botão de Subir ao lado das portas deslizantes. Esta foi a coisa mais desconcertante de todas, mas àquela altura, lamento dizer, era tarde demais. “Tomaremos o elevador”, disse ela quando as portas se abriram deslizando, e então, com um último sorriso, ela fez um movimento para a frente com o braço e empurrou os órfãos Baudelaire para dentro da escuridão do poço do elevador.

Às vezes as palavras não são o bastante. Existem algumas circunstâncias tão completamente deploráveis que não consigo descrevê-las em sentenças ou parágrafos, nem mesmo em toda uma série de livros, e o terror e desgosto que os órfãos Baudelaire sentiram depois que Esmé os empurrou para dentro do poço do elevador é uma daquelas circunstâncias que podem ser representadas unicamente com duas páginas de negridão total. Não tenho palavras para o profundo horror que as crianças sentiram quando despencaram nas trevas. Não posso pensar em nenhuma frase que transmita como elas gritaram alto, ou como era frio o ar que zunia em volta delas enquanto caíam. E não existe parágrafo que eu seja capaz de datilografar que possa fazer vocês imaginarem como os Baudelaire ficaram apavorados enquanto mergulhavam para uma morte certa. Mas posso contar a vocês que elas não morreram. Nem um só cabelo de suas cabeças tinha sido tocado quando as crianças finalmente pararam de cair na escuridão. Elas sobreviveram à queda do alto do poço pela simples razão de que não chegaram ao fundo. Alguma coisa interrompeu sua queda, uma frase que aqui significa que o mergulho dos Baudelaire parou a meio caminho entre as portas deslizantes do elevador e a jaula de metal onde os Quagmire tinham estado trancados. Alguma coisa interrompeu sua queda

sem sequer machucá-los e, embora de início parecesse um milagre, quando as crianças entenderam que estavam vivas e não estavam mais caindo, estenderam as mãos e logo perceberam que aquela coisa parecia uma rede. Enquanto os Baudelaire estavam lendo o catálogo do Leilão In, e contando a Esmé o que tinham descoberto, alguém estendera uma rede de cordas atravessando a passagem inteira, e tinha sido essa rede que impedira as crianças de mergulhar para a morte certa. Muito, muito acima dos órfãos estava a cobertura dos Squalor, e muito, muito abaixo deles estava a jaula no compartimento minúsculo e imundo com o corredor que levava para fora dele. Os órfãos Baudelaire tinham caído numa armadilha.

Mas é muito melhor cair numa armadilha do que morrer, e as três crianças se abraçaram aliviadas porque alguma coisa interrompera a sua queda. "Spenset", disse Sunny em uma voz rouca de tanto gritar.

"Sim, Sunny", disse Violet, abraçando-a apertado. "Estamos vivos." Sua voz soava como se ela estivesse falando tanto consigo mesma como com a irmã.

"Estamos vivos", disse Klaus, abraçando as duas. "Estamos vivos e estamos bem."

"Eu não diria que vocês estão bem", a voz de Esmé chegou a eles, vinda do alto da passagem. A voz dela reverberou pelas paredes da passagem, mas mesmo assim as crianças puderam ouvir cada palavra cruel. "Vocês estão vivos, mas decididamente não estão bem. Assim que terminar o leilão e os Quagmire estiverem a caminho para fora da cidade, Gunther virá pegá-los, e posso garantir que vocês três nunca mais estarão bem. Que dia maravilhoso e lucrativo! Meu antigo professor de arte dramática finalmente porá as mãos, não em uma, mas em duas enormes fortunas!"

"Seu antigo professor de arte dramática?", perguntou Violet, horrorizada. "Você quer dizer que sabia qual era a verdadeira identidade de Gunther o tempo todo?"

"É claro que sabia", disse Esmé. "Eu só tinha de enganar vocês, crianças, e o meu marido debilóide para pensarem que ele era realmente um leiloeiro. Por sorte sou uma atriz fabulosa, portanto foi fácil enganar vocês."

"Então você esteve trabalhando junto com aquele terrível vilão?", gritou Klaus para ela lá de baixo. "Como pôde fazer isso conosco?"

"Ele não é um terrível vilão", disse Esmé. "Ele é um gênio! Eu dei instruções ao porteiro para não deixar vocês saírem da cobertura até que Gunther viesse buscá-los, mas Gunther me convenceu de que jogar vocês para

baixo seria uma idéia melhor, e ele tinha razão! Agora não há como vocês irem ao leilão para estragar nossos planos!”

“Zisalem!”, gritou Sunny.

“Minha irmã está certa!”, gritou Violet. “Você é a nossa tutora! Devia estar cuidando da nossa segurança, e não nos atirando em poços de elevador e roubando a nossa fortuna!”

“Mas eu quero roubar de vocês”, disse Esmé. “Quero roubar de vocês do mesmo modo como Beatrice roubou de mim.”

“Do que você está falando?”, perguntou Klaus. “Você já é incrivelmente rica. Por que quer mais dinheiro ainda?”

“Porque isto é in, é claro”, disse Esmé. “Muito bem, bai-bai pra vocês, crianças. Bai-bai é o jeito in de dizer adeus a três fedelhos órfãos que a pessoa nunca mais vai ver de novo.”

“Por quê?”, gritou Violet. “Por que você está nos tratando de um jeito tão horrível?”

A resposta de Esmé a essa pergunta foi a mais cruel de todas e, como uma queda por um poço de elevador, não havia palavras para essa resposta. Ela simplesmente riu, um cacarejo alto e grosseiro que reverberou pelas paredes da passagem e depois sumiu no silêncio quando a tutora deles foi embora. Os órfãos Baudelaire se entreolharam — ou tentaram se entreolhar na escuridão — e tremeram de repugnância e medo, sacudindo a rede que os capturara e salvara ao mesmo tempo.

“Dieli?”, disse Sunny muito infeliz, e seus irmãos entenderam que ela queria dizer

“O que vamos fazer?”

“Não sei”, disse Klaus, “mas temos de fazer alguma coisa.”

“E temos de fazer depressa”, acrescentou Violet, “mas esta é uma situação muito difícil. Não adianta tentar subir ou descer — as paredes parecem ser lisas demais.”

“E não adianta tentar fazer um grande barulho para atrair a atenção de alguém”, disse Klaus. “Mesmo que alguém ouça, vai pensar que é só alguém gritando em um dos apartamentos.”

Violet fechou os olhos, pensativa, embora estivesse tão escuro que na verdade não fazia diferença se os olhos estavam abertos ou fechados. “Klaus, talvez a ocasião esteja madura para as suas habilidades de pesquisador”, disse

ela depois de um momento. “Você pode pensar em algum momento na história em que as pessoas escaparam de uma armadilha como esta?”

“Acho que não”, respondeu Klaus tristemente. “No mito de Hércules, ele cai numa armadilha entre dois monstros chamados Scylla e Charybdes, do mesmo modo como caímos em uma armadilha entre as portas deslizantes e o chão. Mas ele escapou da armadilha transformando-os em redemoinhos.”

“Glaucus”, disse Sunny, o que queria dizer algo como “Mas nós não podemos fazer isto”.

“Eu sei”, disse Klaus, soturno. “Às vezes os mitos são divertidos, mas nunca ajudam muito. Talvez a ocasião esteja madura para uma das invenções de Violet.”

“Mas eu não tenho nenhum material para trabalhar”, disse Violet, estendendo a mão para apalpar as bordas da rede. “Não posso usar esta rede para uma invenção porque, se eu começar a rasgá-la, nós vamos cair. A rede parece estar presa por pequenas cavilhas de metal cravadas nas paredes, mas também não posso arrancá-las e usá-las.”

“Gizan?”, perguntou Sunny.

“Sim”, respondeu Violet, “cavilhas. Apalpe bem aqui, Sunny. Gunther provavelmente subiu em uma escada comprida para cravar estas cavilhas nas paredes da passagem, e então amarrou a rede entre as cavilhas. Acho que as paredes do poço do elevador são suficientemente moles para permitir que sejam fincados objetos pequenos e pontudos.”

“Tholc?”, perguntou Sunny, o que queria dizer “Que nem dentes?”, e imediatamente seus irmãos perceberam o que ela estava pensando.

“Não, Sunny”, disse Violet. “Você não pode escalar o poço do elevador usando os seus dentes. É perigoso demais.”

“Ioigt”, observou Sunny, o que queria dizer algo como “Mas se eu cair, vou simplesmente cair na rede de novo”.

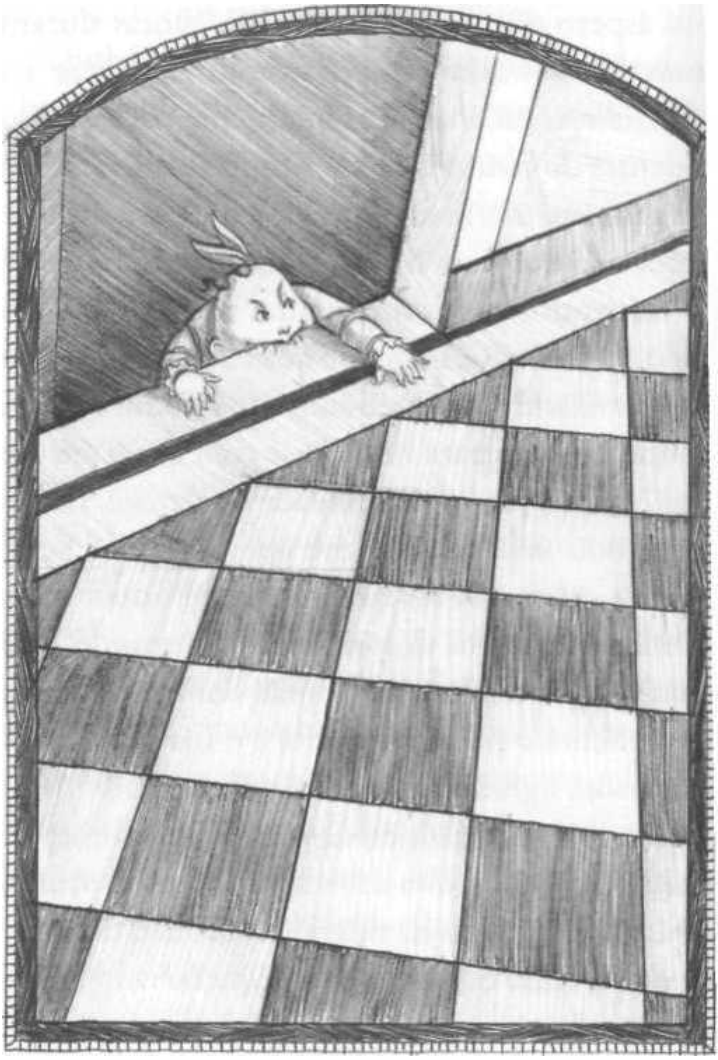
“Mas e se você ficar encalhada no meio do caminho?”, perguntou Klaus. “Ou se perder um dente?”

“Vasta”, disse Sunny, o que queria dizer “Vou ter de arriscar. E a nossa única esperança”, e os irmãos concordaram relutantemente. Eles não gostaram da idéia de ver a irmãzinha bebê escalando o poço até as portas deslizantes do elevador ersatz usando apenas os dentes, mas não conseguiam pensar em nenhum outro jeito de escapar a tempo de frustrar o plano de Gunther. A ocasião não estava madura para as habilidades de inventora de Violet, nem

para os conhecimentos que Klaus adquirira com suas leituras, mas a ocasião estava madura para os dentes afiados de Sunny, e a mais jovem dos Baudelaire inclinou a cabeça para trás e depois jogou-a para a frente, cravando um dos dentes na parede com um som áspero que faria um dentista chorar durante horas. Mas os Baudelaire não eram dentistas, e as três crianças escutaram atentamente para ouvir se os dentes de Sunny tinham ficado tão firmemente cravados quanto as cavilhas da rede. Para sua satisfação, não ouviram nada — nenhum som de coisas raspando, ou escorregando, ou rachando, ou qualquer coisa que indicasse que os dentes de Sunny não estavam segurando. Sunny até sacudiu um pouquinho a cabeça para verificar se com isso o seu dente não se soltaria com facilidade da parede, mas ele continuou sendo um firme apoio dental. Sunny jogou a cabeça de leve e fincou um outro dente, ligeiramente acima do primeiro. O segundo dente ficou firmemente cravado, então Sunny soltou cautelosamente o primeiro dente e o inseriu de novo na parede, ligeiramente acima do segundo dente. Cravando os dentes a espaços ligeiramente separados, Sunny conseguira subir alguns centímetros pela parede e, quando ela fincou o primeiro dente acima do segundo outra vez, seu pequeno corpo já não tocava mais a rede.

"Boa sorte, Sunny", disse Violet.

"Estamos torcendo por você, Sunny", disse Klaus.



Sunny não respondeu, mas seus irmãos não ficaram assustados pois imaginaram que devia mesmo ser difícil dizer muita coisa quando se está com a boca cheia de parede. Assim, Violet e Klaus simplesmente ficaram sentados na rede e continuaram a gritar palavras de encorajamento para a irmãzinha. Se Sunny fosse capaz de escalar e falar ao mesmo tempo, poderia ter dito "Soried", o que significava algo como

"Até aqui, tudo bem" ou coisa do gênero, ou então "Iaff", que queria dizer "Acho que cheguei à metade do caminho", mas os dois Baudelaire mais velhos não ouviram nada a não ser o som dos dentes se enfiando e se soltando na escuridão, até que Sunny gritou triunfante a palavra "Topo!".

“Oh, Sunny!”, exclamou Klaus. “Você conseguiu!”

“Bravo!”, gritou Violet. “Agora, vá buscar a nossa corda improvisada embaixo da cama, e subiremos para junto de você.”

“Ganba”, Sunny gritou de volta, e engatinhou para fora. Os dois irmãos mais velhos ficaram sentados aguardando na escuridão por algum tempo, maravilhados com as habilidades da irmã.

“Eu não poderia ter escalado até lá em cima por esta passagem”, disse Violet, “nem quando eu tinha a idade de Sunny.”

“Nem eu”, disse Klaus, “apesar de nós dois termos dentes de um tamanho razoável.”

“Não é só o tamanho dos dentes”, disse Violet, “é o tamanho da coragem, e o tamanho da preocupação dela com os irmãos.”

“E o tamanho da encrenca em que estamos metidos”, acrescentou Klaus, “e o tamanho da traição da nossa tutora. Eu nem posso acreditar que Esmé estava tramando junto com Gunther o tempo todo. Ela é tão ersatz quanto o elevador dela.”

“Esmé é uma atriz muito boa”, disse Violet só para consolar, “mesmo sendo uma pessoa horrorosa. Ela nos enganou completamente, nos fazendo pensar que Gunther a enganara completamente. Mas do que estava ela falando quando disse...?”

“Tada!”, gritou Sunny lá das portas deslizantes.

“Ela está com a corda”, disse Violet, alvoroçada. “Amarre na maçaneta da porta, Sunny, usando a língua-do-diabo.”

“Não”, disse Klaus, “eu tenho uma idéia melhor.”

“Uma idéia melhor do que usar a corda para sair daqui?”, perguntou Violet.

“Eu quero usar a corda para sair daqui”, disse Klaus, “mas acho que não devemos subir por ela. Se subirmos, simplesmente estaremos de volta à cobertura.”

“Mas da cobertura”, disse Violet, “poderemos ir ao Veblen Hall. Poderemos até escorregar pelo corrimão para ganhar tempo.”

“Mas no fim do corrimão”, disse Klaus, “está o saguão do prédio, e no saguão está um porteiro com instruções estritas de não nos deixar sair.”

“Eu não tinha pensado nele”, disse Violet. “Ele sempre segue as

instruções.”

“É por isso que temos de sair da Avenida Sombria 667 por outro caminho”, disse Klaus.

“Ditemu”, gritou Sunny, o que queria dizer alguma coisa como “Que outro caminho existe?”.

“Para baixo”, disse Klaus. “O compartimento minúsculo no fundo do poço do elevador tem um corredor que leva para fora dele, está lembrada? Fica logo ao lado da jaula.”

“É verdade”, disse Violet. “Deve ter sido assim que Gunther arrebatou os Quagmire antes que pudéssemos salvá-los. Mas quem sabe aonde ele conduz?”

“Bem, se Gunther levou os Quagmire por aquele corredor”, disse Klaus, “então ele deve conduzir a algum lugar por perto do Veblen Hall. E é precisamente para lá que queremos ir.”

“Você tem razão”, disse Violet. “Sunny, esqueça o que eu disse sobre amarrar a corda na maçaneta.

De qualquer jeito, alguém poderia ver e perceber que escapamos. Só traga a corda para cá. Você acha que consegue ir mordendo parede abaixo até aqui?”

“Jerônimo!”, gritou Sunny, o que queria dizer qualquer coisa como “Não preciso ir mordendo parede abaixo”, e a mais jovem dos Baudelaire estava certa. Ela inspirou fundo e se jogou na passagem escura, com o rolo de corda ersatz caindo atrás dela. Desta vez, o mergulho não precisa ser representado por páginas de escuridão, pois o terror da longa e tenebrosa queda foi aliviado — a expressão “foi aliviado” significando aqui “não estava especialmente presente na cabeça de Sunny” — porque a mais jovem dos Baudelaire sabia que uma rede, e seus irmãos, estariam esperando por ela no fundo. Sunny caiu na rede com um ruído surdo e, com um ruído um pouco mais leve, o rolo de corda caiu ao lado dela. Depois de se certificar de que a irmã não se machucara na queda, Violet começou a amarrar uma ponta da corda em uma das cavilhas que seguravam a rede no lugar.

“Vou me certificar de que esta ponta da corda está firme”, disse Violet. “Sunny, se os seus dentes não estiverem muito doloridos por causa da escalada, use-os para cortar um buraco na rede, para que possamos passar por ele.”

“O que eu posso fazer?”, perguntou Klaus.

“Você pode rezar para isto dar certo”, disse Violet, mas as irmãs Baudelaire foram tão rápidas em suas tarefas que não sobrou tempo nem para a mais breve das cerimônias religiosas. Em questão de momentos, Violet já tinha prendido a corda na cavilha com alguns nós complicados e poderosos, e Sunny já tinha cortado um buraco tamanho criança no meio da rede. Violet deixou cair a corda pelo buraco e as três crianças ficaram atentas até ouvir o plim! familiar da corda ersatz batendo na jaula de metal. Os órfãos Baudelaire hesitaram por um momento junto ao buraco na rede, olhando para as trevas lá embaixo.

“Não acredito que vamos descer por essa passagem de novo”, disse Violet.

“Sei o que você quer dizer”, disse Klaus. “Se naquele dia, na praia, alguém tivesse me perguntado se eu já tinha pensado alguma vez que estaríamos subindo e descendo por um poço de elevador vazio numa tentativa de resgatar um par de trigêmeos, eu teria dito nunca, nem em um milhão de anos. E agora estamos fazendo isso pela quinta vez em vinte e quatro horas. O que aconteceu conosco? O que nos trouxe a este lugar horrível para onde olhamos agora?”

“Desventura”, disse Violet mansamente.

“Um terrível incêndio”, disse Klaus.

“Olaf”, disse Sunny decidida, e começou a engatinhar pela corda abaixo. Klaus seguiu a irmã através do buraco na rede e Violet seguiu Klaus, e os três Baudelaire fizeram a longa jornada pela metade de baixo da passagem até chegar ao compartimento minúsculo e imundo, à jaula vazia e ao corredor que, esperavam eles, os levaria ao Leilão In. Sunny apertou os olhos, focalizando a corda acima dela, para ter certeza de que os irmãos tinham chegado ao fundo em segurança. Klaus apertou os olhos, focalizando o corredor, a fim de ver qual era o seu comprimento, e se havia alguém ou alguma coisa à espreita lá dentro. E Violet apertou os olhos, focalizando o canto onde estavam os soldadores que as crianças tinham jogado lá quando a ocasião não estava madura para usá-los.

“Devíamos levar aquilo conosco”, disse ela.

“Mas por quê?”, perguntou Klaus. “Com certeza já esfriaram há muito tempo.”

“Esfriaram mesmo”, disse Violet pegando um deles. “E as pontas ficaram todas dobradas quando foram jogados no canto. Mas ainda poderão ser úteis para alguma coisa. Não sabemos o que vamos encontrar naquele corredor, e

não quero que sejamos pegos despreparados. Aqui, Klaus. Aqui está o seu, e aqui está o de Sunny.” Os Baudelaire mais jovens pegaram os atiçadores de fogo tortos e frios, e então todas as três crianças, mantendo-se bem juntas umas das outras, deram os primeiros passos pelo corredor. Lamento dizer que a mais velha dos Baudelaire estava absolutamente certa. As três crianças não podiam se permitir avançar totalmente despreparadas, não com a vantagem injusta que os espreitava ao fim da caminhada. Enquanto davam um passo cauteloso após outro, os órfãos Baudelaire precisavam estar com as mãos firmes segurando alguma coisa que os protegesse o melhor possível contra o elemento surpresa que os aguardava quando o corredor escuro chegasse ao fim.

CAPÍTULO ONZE

A expressão francesa "cul-de-sac" descreve o que os órfãos Baudelaire encontraram quando chegaram ao fim do corredor escuro e, como todas as expressões francesas, é mais facilmente compreendida quando você traduz as palavras francesas uma por uma. A palavra "de", por exemplo, é uma palavra francesa muito comum, portanto mesmo não sabendo nem uma palavra em francês eu teria certeza de que "de" significa "de". A palavra "sac" é menos comum, mas estou razoavelmente certo de que significa alguma coisa como "circunstâncias misteriosas". E a palavra "cul" é uma palavra francesa tão rara que sou forçado a adivinhar a sua tradução, e o meu palpite é que, neste caso, significaria "No final do corredor escuro, as crianças Baudelaire encontraram uma variedade", portanto a expressão "cul-de-sac" aqui significa "No final do corredor escuro, as crianças Baudelaire encontraram uma variedade de circunstâncias misteriosas".

Se os Baudelaire tivessem sido capazes de escolher uma expressão francesa que estivesse aguardando por eles no final do corredor, podiam ter escolhido uma que significasse "Quando as três crianças dobraram o último canto escuro do corredor, a polícia já tinha capturado Gunther e salvado os trigêmeos Quagmire", ou pelo menos "Os Baudelaire ficaram encantados ao ver que o corredor levava diretamente ao Veblen Hall, onde estava acontecendo o Leilão In". Mas o final do corredor revelou-se tão misterioso e preocupante quanto o resto dele. Toda a extensão do corredor era muito escura, e tinha tantas viradas e curvas que as três crianças se viram freqüentemente indo de encontro às paredes. O teto do corredor era muito baixo — Gunther deve ter tido que se abaixar quando o usou para os seus planos traiçoeiros — e acima das suas cabeças as três crianças puderam ouvir uma série de ruídos que lhes forneciam pistas sobre aonde o corredor provavelmente as levava. Depois das primeiras curvas, ouviram a voz abafada do porteiro e os seus passos quando andava acima delas, e os Baudelaire se deram conta de que deviam estar embaixo do saguão do edifício de

apartamentos dos Squalor. Depois de mais algumas curvas, ouviram dois homens discutindo decorações praianas, e se deram conta de que deviam estar caminhando embaixo da Avenida Sombria. Depois de mais algumas curvas, ouviram o estrépito desconjuntado de um velho bonde que passava acima das suas cabeças, e as crianças souberam que o corredor as levava por baixo de uma das paradas de bonde da cidade. O corredor fazia curvas e mais curvas, e os Baudelaire ouviram uma variedade de sons urbanos — o bater de cascos de cavalos, o ranger estridente de equipamentos industriais, o repicar de sinos de igrejas e o estardalhaço de pessoas derrubando coisas —, mas quando finalmente chegaram ao final do corredor não havia som absolutamente nenhum acima das suas cabeças. Os Baudelaire ficaram parados, imóveis, e tentaram imaginar um lugar da cidade que fosse absolutamente silencioso.

"Onde vocês acham que estamos?", perguntou Violet aguçando os ouvidos para escutar ainda mais atentamente. "Está silencioso como um túmulo lá em cima."

"Não é com isso que estou preocupado", respondeu Klaus cutucando a parede com o seu atiçador de fogo. "Não consigo descobrir para que lado o corredor vira. Acho que podemos estar em um beco sem saída."

"Um beco sem saída!", disse Violet, e cutucou a parede oposta com o seu atiçador. "Não pode ser um beco sem saída. Ninguém constrói um corredor que não leva a lugar nenhum."

"Pratjic", disse Sunny, o que queria dizer "Se Gunther usou esta passagem, ele deve ter saído em algum lugar".

"Estou cutucando cada centímetro dessas paredes", disse Klaus, soturno, "e não existe porta, nem escadaria, nem curva, nem nada. É um beco sem saída, com certeza. Não existe outra palavra para isto. Na verdade, há uma expressão francesa para beco sem saída, mas não consigo me lembrar qual é.

"Acho que teremos de voltar sobre os nossos passos", disse Violet muito infeliz.

"Acho que teremos de fazer meia-volta, e andar todo o corredor de novo, e escalar até a rede, e fazer com que Sunny morda a parede até a cobertura, e encontre mais alguns materiais para fazer uma corda ersatz, e escalar tudo de novo até o último andar, e escorregar pelo corrimão até o saguão, e sair sorrateiramente sem que o porteiro nos veja, e correr até o Veblen Hall."

"Pietian", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Nunca chegaremos lá a tempo de expor Gunther e salvar os Quagmire".

"Eu sei", suspirou Violet. "Mas não sei o que mais poderíamos fazer.

Parece que estamos despreparados, mesmo com estes atiçadores."

"Se tivéssemos umas pás", disse Klaus, "poderíamos abrir caminho cavando para fora do corredor, mas não podemos usar os atiçadores como pás."

"Tenti", disse Sunny, o que queria dizer "Se tivéssemos um pouco de dinamite, poderíamos abrir caminho para fora do corredor com uma explosão, mas não podemos usar os atiçadores como dinamite".

"Mas talvez possamos usá-los para fazer barulho", disse Violet de repente.

"Vamos bater no teto com os nossos atiçadores e ver se conseguimos atrair a atenção de alguém que esteja passando lá em cima."

"Não me soa como se houvesse alguém passando lá em cima", disse Klaus, "mas vale a tentativa. Vem cá, Sunny, vou erguer você para que o seu atiçador também alcance o teto."

Klaus ergueu a irmã e as três crianças começaram a bater no teto, planejando fazer um estardalhaço que durasse vários minutos. Mas assim que os atiçadores atingiram o teto pela primeira vez, uma chuvarada de poeira preta caiu sobre os Baudelaire. O pó choveu em cima deles como uma tempestade seca e imunda, e as crianças tiveram de interromper o seu estardalhaço para tossir, esfregar os olhos e cuspir o pó que tinha caído dentro das suas bocas.

"Eca!", fez Violet, cuspindo. "Que gosto horrível!"

"Tem gosto de torrada queimada", disse Klaus.

"Peflob!", gritou Sunny.

Diante disto, Violet parou de tossir e lambeu a ponta do dedo, pensativa. "São cinzas", disse ela. "Talvez estejamos embaixo de uma lareira."

"Eu não acho", disse Klaus. "Olhe para cima." Os Baudelaire olharam para cima e viram que o pó preto tinha revelado uma faixa de luz muito pequena, mal chegando à largura de um lápis. As crianças olharam fixamente para ela e puderam ver o sol da manhã olhando fixamente de volta.

"Tisdu?", disse Sunny, o que queria dizer "Em que lugar da cidade pode-se encontrar cinzas do lado de fora?".

"Talvez estejamos embaixo de uma churrasqueira", disse Klaus.

"Bem, logo vamos descobrir", retrucou Violet, e começou a limpar mais pó do teto com a mão. Enquanto o pó caía sobre as crianças em uma nuvem

espessa e escura, a faixa magrinha de luz foi se transformando em quatro faixas magrinhas de luz, como o desenho de um quadrado no teto. A luz do quadrado, os Baudelaire puderam ver um par de dobradiças. “Olhem”, disse Violet, “é um alçapão. Não dava para ver na escuridão do corredor, mas lá está ele.”

Klaus pressionou o seu atiçador contra o alçapão tentando abri-lo, mas ele não cedeu. “Está trancado, é claro”, disse ele. “Aposto que Gunther o trancou atrás dele, quando levou embora os Quagmire.”

Violet encarou o alçapão e as outras crianças puderam ver, à luz do sol que se infiltrava, que ela estava amarrando o cabelo com uma fita, para impedir que caísse nos olhos. “Não é uma fechadura que vai nos deter”, disse ela. “Não agora, que já chegamos até aqui. Acho que a ocasião está finalmente madura para estes atiçadores — não como soldadores, nem para fazer barulho.” Ela sorriu e voltou sua atenção para os irmãos.

“Podemos usá-los como pés-de-cabra”, disse ela, animada.

“Herdiset?”, perguntou Sunny.

“Um pé-de-cabra é uma espécie de alavanca portátil”, disse Violet, “e estes atiçadores vão funcionar perfeitamente. Vamos enfiar a ponta torta na parte onde a luz está brilhando, e depois empurrar o resto do atiçador com força para baixo. Entenderam?”

“Acho que sim”, disse Klaus. “Vamos tentar.” Os Baudelaire tentaram. Cuidadosamente, enfiaram a parte dos atiçadores que tinha sido aquecida no forno em um lado do quadrado de luz. E então, gemendo com o esforço, empurraram a ponta reta dos atiçadores para baixo o mais forte que puderam, e fico feliz em relatar que os pés-de-cabra funcionaram perfeitamente. Com um tremendo som crepitante e mais uma nuvem de cinzas, o alçapão girou nas dobradiças e se abriu na direção das crianças, que tiveram de se esquivar quando ele passou por cima das suas cabeças. A luz do sol invadiu o corredor, e os Baudelaire viram que tinham finalmente chegado ao fim da sua longa, tenebrosa jornada.

“Funcionou!”, gritou Violet. “Funcionou de verdade!”

“A ocasião estava madura para as suas habilidades de inventora!”, exclamou Klaus. “A solução estava bem na ponta dos nossos atiçadores!”

“Upa!”, gritou Sunny, e as crianças concordaram.

Ficando na ponta dos pés, os Baudelaire conseguiram se agarrar às dobradiças, içando-se para fora do corredor e deixando para trás os seus pés-

de-cabra. Um momento depois, as três crianças estavam apertando os olhos à luz do sol. Uma das coisas que mais aprecio entre os meus bens é uma pequena caixa de madeira com uma fechadura especial, que tem mais de quinhentos anos de idade e funciona usando um código secreto que o meu avô me ensinou. Meu avô aprendeu com o avô dele, e o avô dele aprendeu com o avô dele, e eu ensinaria ao meu neto se achasse que ainda viria a ter uma família que fosse minha, em vez de viver o resto dos meus dias sozinho neste mundo. A pequena caixa de madeira é uma das coisas que mais aprecio entre os meus bens, porque quando a fechadura é aberta usando o código, uma pequena chave de prata pode ser encontrada lá dentro, e essa chave serve na fechadura de um dos meus outros bens que mais aprecio, que é uma caixa de madeira ligeiramente maior, a qual me foi dada por uma mulher, a respeito da qual meu avô sempre se recusou a falar. Dentro dessa caixa de madeira ligeiramente maior está um rolo de pergaminho, palavra que aqui quer dizer "um pedaço de papel muito velho trazendo impresso um mapa da cidade na época em que os órfãos Baudelaire nela viviam". O mapa tem cada detalhe da cidade anotado em tinta azul-escura, com as medidas dos edifícios, esboços de vestimentas e gráficos das mudanças no tempo, tudo acrescentado às margens do mapa pelos doze donos anteriores, todos agora falecidos. Passei mais horas do que jamais poderei contar examinando cada centímetro desse mapa tão atentamente quanto possível, para que tudo o que pode ser aprendido ali fosse copiado para os meus arquivos e depois para livros como este, na esperança de que o grande público finalmente fique sabendo cada detalhe da conspiração traiçoeira da qual passei a vida tentando escapar. O mapa contém milhares de coisas fascinantes que foram descobertas por todo tipo de exploradores, investigadores criminais e artistas de circo no decorrer dos anos, mas a coisa mais fascinante que o mapa contém foi descoberta bem naquele momento pelas três crianças Baudelaire. Às vezes, na calada da noite, quando não consigo dormir, levanto-me da cama e, usando o código, abro a pequena caixa de madeira para retirar a chave de prata que abre a caixa de madeira ligeiramente maior, para que eu possa me sentar à minha escrivaninha e examinar mais uma vez, à luz de vela, as duas linhas pontilhadas que indicam o corredor subterrâneo que começa no fundo do poço do elevador na Avenida Sombria 667 e termina no alçapão que os Baudelaire conseguiram abrir com os seus pés-de-cabra ersatz. Fico olhando demoradamente para aquela parte da cidade onde os órfãos se içaram para fora daquele corredor horroroso mas, não importa quanto tempo eu olhe, mal posso acreditar nos meus próprios olhos, do mesmo modo como os jovens não podiam acreditar nos deles.

Os irmãos tinham ficado no escuro por tanto tempo que seus olhos demoraram um bocado para se acostumar com os arredores adequadamente

iluminados, e eles ficaram parados um momento, esfregando os olhos e tentando ver aonde o alçapão os levara. Mas no súbito resplendor do sol da manhã, a única coisa que as crianças conseguiram ver foi a sombra gorducha de um homem perto delas.

"Com licença", disse Violet enquanto seus olhos ainda estavam se ajustando à luz. "Precisamos chegar ao Veblen Hall. É uma emergência. Pode me dizer onde é?"

"S-só dois qua-quarteirões naquela direção", gaguejou a sombra, e as crianças pouco a pouco se deram conta de que se tratava de um carteiro com um ligeiro excesso de peso, apontando rua abaixo e olhando assustado para as crianças. "Por favor, não me machuquem", acrescentou o carteiro se afastando um passo das crianças.

"Não vamos machucá-lo", disse Klaus, limpando as cinzas dos óculos.

"Os fantasmas sempre dizem isso", disse o carteiro, "mas depois machucam a gente, de um jeito ou de outro."

"Mas nós não somos fantasmas", disse Violet.

"Não me digam que vocês não são fantasmas", retrucou o carteiro. "Eu vi vocês se levantarem das cinzas com estes olhos, como se tivessem vindo do centro da terra. As pessoas sempre disseram que era mal-assombrado este terreno aqui, onde a mansão Baudelaire pegou fogo, e agora sei que isto é verdade."

O carteiro saiu correndo antes que os Baudelaire pudessem responder, mas de qualquer modo as três crianças estavam espantadas demais com as palavras dele para conversar. Elas piscaram e piscaram muito sob o sol da manhã e, finalmente, seus olhos se ajustaram o suficiente para ver que o carteiro tinha razão. Era verdade. Não era verdade que as três crianças fossem fantasmas, é claro. Elas não eram criaturas espectrais que se ergueram do centro da terra, mas três órfãos que tinham se içado para fora do corredor. Mas o carteiro falara a verdade quando contou onde estavam. Os órfãos Baudelaire olharam em volta e se agarraram uns nos outros como se ainda estivessem em um corredor escuro, e não do lado de fora à plena luz do dia, em pé no meio das ruínas e cinzas do seu lar destruído.

CAPÍTULO DOZE

Vários anos antes de os Baudelaire nascerem, o Veblen Hall ganhara o prestigioso Galardão da Porta, um prêmio oferecido todos os anos à abertura mais bem construída da cidade, e se você algum dia estiver diante do Veblen Hall, como os órfãos Baudelaire estavam naquela manha, perceberá imediatamente por que o comitê concedeu o lustroso troféu cor-de-rosa àquela porta, com suas tábuas de madeira polida, suas requintadas dobradiças de latão e sua esplêndida, rebrilhante maçaneta feita com o segundo cristal mais fino do mundo. Mas os três irmãos não estavam em condições de apreciar detalhes arquitetônicos. Violet subiu na frente as escadas do Veblen Hall e agarrou a maçaneta sem sequer pensar na mancha de cinza gordurosa que iria

deixar na sua superfície polida. Se eu estivesse com os Baudelaire, jamais teria aberto a porta premiada. Teria me considerado um sortudo por ter conseguido sair da rede suspensa no meio do poço do elevador, e por ter escapado do plano perverso de Gunther, e teria fugido para algum canto remoto do mundo e me escondido de Gunther e seus asseclas pelo resto da vida para não arriscar outro encontro com esse vilão traiçoeiro — um encontro que, lamento dizer, só trará mais desventuras às vidas dos três órfãos. Mas essas três crianças eram de longe mais corajosas do que eu jamais serei, e pararam só por um momento para reunir toda essa coragem e usá-la.

"Para além desta maçaneta", disse Violet, "está a nossa última chance de revelar a verdadeira identidade de Gunther e os seus planos terríveis."

"Passando estas dobradiças de latão", disse Klaus, "está a nossa oportunidade final de salvar os Quagmire de serem levados clandestinamente para fora do país."

"Sorusu", disse Sunny, o que queria dizer "Atrás destas tábuas polidas jaz a resposta ao mistério do C.S.C., e o porquê de a passagem secreta ter nos trazido ao lugar onde a mansão Baudelaire se incendiou até ficar reduzida a cinzas, matando os nossos pais e dando início às desventuras em série que nos perseguem onde quer que estejamos".

Os Baudelaire se entreolharam e endireitaram o corpo o máximo que conseguiram, como se a sua espinha dorsal fosse tão forte quanto a sua coragem, e Violet abriu a porta do Veblen Hall; e de repente os órfãos se viram no meio de um burburinho, uma palavra que aqui significa "uma enorme multidão de pessoas em um salão gigantesco e sofisticado". O Veblen Hall tinha um teto muito alto, um chão muito lustroso, e uma janela imponente que tinha sido a segunda colocada no Galardão da Janela do ano anterior. Pendurados no teto, havia três enormes estandartes, um com a palavra "Leilão", outro com a palavra "In", e um último, duas vezes maior que os outros, com um enorme retrato de Gunther. Havia pelo menos duzentas pessoas em pé no salão, e os Baudelaire podiam notar que era uma multidão muito in. Quase todo mundo estava usando ternos risca-de-giz, bebericando refrigerante de salsa em copos altos e gelados e comendo folhados de salmão oferecidos por alguns garçons fantasiados do Café Salmonela, que aparentemente tinham sido contratados para fornecer seus serviços ao leilão. Os Baudelaire estavam usando roupas comuns em vez de risca-de-giz, e estavam cobertos de sujeira do compartimento minúsculo e imundo no fundo do poço do elevador, e de cinzas do terreno dos Baudelaire, aonde tinham sido levados pelo corredor. A multidão in teria franzido o nariz para tal indumentária se as pessoas tivessem reparado nas crianças, mas estavam todas

ocupadas demais olhando para o outro lado do salão, incapazes de fazer meia-volta e olhar quem tinha acabado de passar pela porta premiada. Pois do outro lado do Veblen Hall, embaixo do estandarte maior e na frente da janela imponente, Gunther, em pé no meio de um pequeno palco, falava ao microfone. De um lado dele havia um pequeno vaso de vidro com flores azuis pintadas, e do outro lado estava Esmé, sentada em uma cadeira sofisticada e olhando fixamente para Gunther como se ele estivesse usando a pele do cordeiro, expressão que aqui significa "como se ele fosse um cavalheiro elegante e encantador em vez de um vilão cruel e desonesto".

"Lote 46, faz favor", Gunther estava falando ao microfone. Com toda aquela exploração de passagens escuras, os Baudelaire tinham quase esquecido que Gunther estava fingindo não ser fluente em inglês. "Faz favor, cavalheiros e damas, vejam vaso com flores azuis. Vasos in. Flores in, faz favor, especialmente flores que são azuis. Quem faz lance?"

"Cem", gritou uma voz na multidão.

"Cento e cinqüenta", disse outra voz.

"Duzentos", disse mais uma.

"Duzentos e cinqüenta", rebateu a pessoa que fizera o primeiro lance.

"Duzentos e cinqüenta e três", disse outra.

"Chegamos bem a tempo", sussurrou Klaus para Violet. "C.S.C. é o Lote 50. Vamos esperar até chegar a hora, ou confrontamos Gunther agora mesmo?"

"Não sei", sussurrou Violet em resposta. "Estávamos tão concentrados em chegar ao Veblen Hall a tempo que esquecemos de pensar em um plano de ação."

"Duzentos e cinqüenta e três é último lance de pessoas, faz favor?", perguntou Gunther ao microfone. "Faz favor. Aqui está vaso, faz favor. Entregar dinheiro, faz favor, para sra. Squalor." Uma mulher de risca-de-giz foi até perto do palco e entregou um maço de notas a Esmé, que sorriu gananciosa e entregou-lhe o vaso em troca. Ver Esmé contar a pilha de notas e depois colocá-la calmamente em sua bolsa risca-de-giz, enquanto em algum lugar nos bastidores os Quagmire estavam presos dentro do que quer que fosse C.S.C., deixou os Baudelaire nauseados.

"Evomer", disse Sunny, o que queria dizer "Não posso agüentar mais. Vamos contar a todos neste salão o que está realmente acontecendo".

"Com licença", disse alguém, e as três crianças olharam para cima e

viram um homem de aparência severa, olhando para elas de cima para baixo atrás de uns óculos escuros muito grandes. Estava segurando um folhado de salmão com uma das mãos e apontando para os Baudelaire com a outra. “Vou ter de pedir a vocês que saiam imediatamente do Veblen Hall”, disse ele. “Este é o Leilão In. Não é lugar para criancinhas encardidas como vocês.”

“Mas nós temos de estar aqui”, disse Violet, pensando depressa. “Viemos nos encontrar com os nossos tutores.”

“Não me façam rir”, disse o homem, embora desse a impressão de que jamais rira na vida. “Que espécie de gente cuidaria de crianças tão sujas?”

“Jerome e Esmé Squalor”, disse Klaus. “Estamos morando na cobertura deles.”

“Isto é o que nós vamos ver”, disse o homem. “Jerry, venha cá!” Ao som da voz exaltada do homem, algumas pessoas se voltaram e olharam para as crianças, mas quase todas continuaram ouvindo Gunther dar início ao leilão do Lote 47, que ele explicou ser um par de sapatilhas de balé, faz favor, feitas de chocolate. Jerome separou-se de um pequeno círculo de pessoas e veio na direção do homem severo para ver o que estava havendo. Quando avistou os órfãos, ele só faltou cair de costas, expressão que aqui significa que ele pareceu feliz porém extremamente surpreso em vê-los.

“Estou muito feliz em vê-los”, disse ele, “porém extremamente surpreso. Esmé me contou que vocês não estavam se sentindo muito bem.”

“Então você conhece estas crianças, Jerome?”, disse o homem de óculos escuros.

“É claro que os conheço”, replicou Jerome. “Eles são os Baudelaire. Estava contando a você sobre eles agora há pouco.”

“Ah, sim”, disse o homem, perdendo o interesse. “Bem, se eles são órfãos, acho que tudo bem eles estarem aqui. Mas Jerry, você precisa comprar umas roupas novas para eles!”

O homem afastou-se antes que Jerome pudesse responder. “Não gosto de ser chamado de Jerry”, admitiu ele para as crianças, “mas também não gosto de discutir com ele. Bem, jovens Baudelaire, estão se sentindo melhor?”

As crianças ficaram um momento olhando para o seu tutor. Notaram que ele tinha um folhado de salmão meio comido na mão, mesmo tendo contado a eles que não gostava de salmão. Jerome provavelmente também não queria discutir com os garçons vestidos de salmão. Os Baudelaire olharam para ele, depois se entreolharam. Eles não se sentiam nem um pouco melhor. Sabiam

que Jerome não iria querer discutir com eles se lhe contassem mais uma vez sobre a verdadeira identidade de Gunther. Ele não iria querer discutir com Esmé se lhe contassem sobre a parte dela no plano traiçoeiro. E ele não iria querer discutir com Gunther se lhe contassem que os Quagmire estavam presos dentro de um dos itens do Leilão In. Os Baudelaire não se sentiram nem um pouco melhor quando se deram conta de que a única pessoa que poderia ajudá-los era de uma fragilidade que só faltava cair para trás.

"Menrov?", disse Sunny.

"Menrov?", repetiu Jerome, sorrindo para a menorzinha dos Baudelaire. "O que

'Menrov?' quer dizer?"

"Vou lhe explicar o que quer dizer", disse Klaus, pensando depressa. Talvez houvesse um meio de fazer com que Jerome os ajudasse, sem fazê-lo discutir com ninguém. "Quer dizer 'Você nos faria um favor, Jerome?'" Violet e Sunny olharam para o irmão, curiosas. "Menrov?" não significava "Você nos faria um favor, Jerome?" e Klaus muito certamente sabia disso. "Menrov?" significava alguma coisa mais parecida com "Devemos tentar contar a Jerome sobre Gunther e Esmé, e os trigêmeos Quagmire?", mas as irmãs ficaram quietas, pois sabiam que Klaus devia ter uma boa razão para mentir ao seu tutor.

"É claro que eu faria um favor a você", disse Jerome. "O que é?"

"Minhas irmãs e eu realmente gostaríamos de possuir um dos lotes deste leilão", disse Klaus. "Estávamos nos perguntando se você não o compraria para nós, de presente."

"Imagino que sim", disse Jerome. "Eu não sabia que vocês se interessavam por itens in."

"Oh, sim", disse Violet, entendendo imediatamente o que Klaus tinha em mente.

"Estamos muito ansiosos por possuir o Lote 50 — C.S.C."

"C.S.C?" perguntou Jerome. "O que quer dizer isso?"

"É uma surpresa", disse Klaus depressa. "Você daria um lance por ele?"

"Se é tão importante para vocês", disse Jerome, "suponho que sim, mas não quero vê-los mimados demais. Vocês certamente chegaram a tempo. Parece que Gunther está a ponto de encerrar os lances para aquelas sapatilhas de balé, portanto estamos quase chegando ao Lote 50. Vamos assistir ao leilão

do lugar onde eu estava. Teremos uma excelente vista do palco, e há um amigo de vocês lá comigo.”

“Um amigo nosso?”, perguntou Violet.

“Vocês vão ver”, disse Jerome, e eles viram. Quando seguiram Jerome através do salão enorme para assistir ao leilão embaixo do estandarte “In”, encontraram o sr. Poe, segurando um copo de refrigerante de salsa e tossindo no seu lenço branco.

“Vocês quase me fizeram cair para trás”, disse o sr. Poe, depois que acabou de tossir. “O que vocês Baudelaire estão fazendo aqui?”

“O que o senhor está. fazendo aqui?”, perguntou Klaus. “O senhor nos disse que estaria fazendo uma viagem de helicóptero para o pico de uma montanha.” O sr. Poe fez uma pausa para tossir de novo no seu lenço branco. “Descobriram que os relatos a respeito do pico da montanha eram falsos”, disse o sr. Poe, depois que passou o ataque de tosse. “Agora sei com certeza que os gêmeos Quagmire estão sendo forçados a trabalhar em uma fábrica de cola aqui por perto. Estou indo para lá mais tarde, mas queria dar uma passada no Leilão In. Agora que sou Vice-Presidente Encarregado dos Assuntos de Órfãos, estou ganhando mais dinheiro, e a minha mulher queria ver se dava para eu comprar um pouco de decoração praiana.”

“Mas...”, começou Violet, mas o sr. Poe a interrompeu pedindo silêncio.

“Silêncio”, disse ele. “Gunther está começando com o Lote 48, e é para este que quero dar um lance.”

“Lote 48, faz favor”, anunciou Gunther. Seus olhos brilhantes encaravam a multidão por trás do monóculo, mas ele aparentemente não reparou nos Baudelaire. “Está grande estátua de peixe, pintada de vermelha, faz favor. Muito grande, muito in. Tão grande que dá para dormir dentro desta peixe, se você tem vontade, faz favor. Quem dá lance?”

“Eu quero dar um lance, Gunther”, gritou o sr. Poe. “Cem.”

“Duzentos”, gritou outra voz na multidão.

Klaus inclinou-se para o sr. Poe, de modo a falar com ele sem que Jerome ouvisse. “Sr. Poe, tem uma coisa que o senhor precisa saber a respeito de Gunther”, disse ele, achando que, caso conseguisse convencer o sr. Poe, os Baudelaire não precisariam continuar com aquela farsa, uma palavra que aqui significa “mentira de querer possuir Ç.S.C., para que Jerome desse um lance e salvasse os Quagmire sem perceber”.

“Na verdade, ele é...”

“Um leiloeiro in! o sr. Poe completou para ele, e deu outro lance. “Duzentos e seis.”

“Trezentos”, replicou a outra voz.

“Não, não”, disse Violet. “Na verdade, ele não é leiloeiro nenhum. Ele é o conde Olaf disfarçado.”

“Trezentos e doze”, o sr. Poe gritou e depois franziu o cenho para as crianças.

“Não sejam ridículos”, ele lhes disse. “O conde Olaf é um criminoso. Gunther é apenas um estrangeiro. Não consigo me lembrar da palavra certa para o medo de estrangeiros, mas fico surpreso por vocês crianças terem esse medo.”

“Quatrocentos”, gritou a outra voz.

“A palavra é ‘xenofobia’”, disse Klaus, “mas ela não se aplica neste caso, porque Gunther não é realmente um estrangeiro. Ele não é realmente nem mesmo Gunther!” O sr. Poe pegou o seu lenço de novo, e os Baudelaire ficaram esperando enquanto ele tossia no lenço antes de responder. “O que vocês estão dizendo não faz nenhum sentido”, disse ele afinal. “Podemos por favor discutir isto depois que eu comprar essa decoração praiana? Meu lance é quatrocentos e nove!”

“Quinhentos”, gritou a outra voz.

“Desisto”, disse o sr. Poe, e tossiu no seu lenço. “Quinhentos é demais pela estátua de um grande arenque.”

“Quinhentos é o lance mais alto, faz favor”, disse Gunther, e sorriu para alguém na multidão. “Ganhador entregar dinheiro para sra. Squalor, faz favor.”

“Ora, vejam só, crianças”, disse Jerome. “O porteiro comprou aquele grande peixe vermelho.”

“O porteiro?”, disse o sr. Poe quando o porteiro entregou a Esmé um saco de moedas e, com dificuldade, ergueu do palco aquela enorme estátua de peixe, as mãos ainda escondidas pelas mangas muito, muito compridas. “Me surpreende que um porteiro possa se dar ao luxo de comprar o que quer que seja no Leilão In.”

“Uma vez ele me contou que também era ator”, disse Jerome. “É um sujeito interessante. Gostaria de conhecê-lo?”

“Muito gentil da sua parte”, disse o sr. Poe, e tossiu no seu lenço.

“Certamente tenho conhecido todo tipo de pessoas interessantes desde a minha promoção.” O porteiro estava tentando passar pelas crianças com o seu arenque escarlate quando Jerome bateu de leve nas costas dele. “Venha conhecer o sr. Poe”, disse ele.

“Não tenho tempo para conhecer ninguém”, retrucou o porteiro. “Preciso levar isto para a caminhonete do chefe e...” O porteiro se interrompeu no meio da frase ao avistar as crianças Baudelaire. “Vocês não deviam estar aqui!”, disse ele. “Vocês não deviam nem ter saído da cobertura.”

“Ah, mas eles estão se sentindo melhor agora”, disse Jerome, porém o porteiro não estava ouvindo. Ele tinha feito meia volta — atingindo diversos presentes de risca-de-giz com a sua estátua de peixe ao fazer isso — e estava gritando para as pessoas no palco. “Ei, chefe!”, disse ele, e tanto Esmé quanto Gunther se voltaram para olhar quando ele apontou para os três Baudelaire. “Os órfãos estão aqui!

Esmé engasgou, e ficou tão perturbada com o elemento surpresa que quase derrubou o saco de moedas, mas Gunther apenas virou a cabeça e olhou diretamente para as crianças. Seus olhos brilharam muito, muito forte, inclusive o que estava atrás do monóculo, e os Baudelaire ficaram horrorizados ao reconhecer a sua expressão. Gunther estava sorrindo como se tivesse acabado de contar uma piada, e aquela era uma expressão que ele usava quando a sua mente traiçoeira estava trabalhando a todo vapor.

“Órfãos in”, disse ele, e insistindo em fingir que não sabia falar inglês direito:

“Tudo bem para órfãos estar aqui, faz favor”. Esmé olhou para Gunther, curiosa, depois deu de ombros e fez um gesto com a mão de unhas compridas para o porteiro de que estava tudo bem. O porteiro encolheu os ombros para ela em resposta e depois deu um estranho sorriso aos Baudelaire e saiu pela porta premiada. “Vamos pular Lote 49, faz favor”, continuou Gunther. “Vamos dar lance para Lote 50, faz favor, e depois, faz favor, leilão acabou.”

“Mas, e todos os outros itens?”, gritou alguém.

“Esqueçam”, disse Esmé desdenhosamente. “Já ganhei dinheiro que chegue por hoje.”

“Nunca pensei que ainda ouviria Esmé dizer isso”, murmurou Jerome.

“Lote 50, faz favor”, anunciou Gunther, e empurrou uma enorme caixa de papelão para o palco. Era tão grande quanto a estátua de peixe — o tamanho exato para guardar duas crianças pequenas. Na caixa, estavam desenhadas em grandes caracteres pretos as letras “C.S.C.”, e os Baudelaire

viram que no topo tinham sido furadas algumas pequenas aberturas para entrada de ar. Os três irmãos podiam imaginar os amigos, presos dentro daquela caixa e aterrorizados por estar prestes a ser levados clandestinamente para fora da cidade. “C.S.C, faz favor”, disse Gunther. “Quem dá lance?”

“Dou vinte”, disse Jerome, e piscou para as crianças.

“Que diabo é ‘C.S.C.’?”, perguntou o sr. Poe.

Violet sabia que não tinha tempo para tentar explicar ao sr. Poe. “É uma surpresa”, disse ela. “Fique por aqui e verá.”

“Cinqüenta”, disse outra voz, e os Baudelaire se voltaram e viram que aquele segundo lance tinha vindo do homem de óculos escuros que os mandara sair.

“Aquele não parece ser um dos assistentes de Gunther”, sussurrou Klaus para as irmãs.

“Nunca se sabe”, retrucou Violet. “Eles são difíceis de reconhecer.”

“Cinqüenta e cinco”, gritou Jerome. Esmé fez uma carranca para ele e lançou um olhar cheio de perversidade aos Baudelaire.

“Cem”, disse o homem de óculos escuros.

“Meu Deus, crianças”, disse Jerome. “Isto está ficando muito caro. Vocês têm certeza de que querem esse C.S.C?”

“Está comprando isso para as crianças?”, disse o sr. Poe. “Por favor, sr. Squalor, não mime estes jovens.”

“Ele não está nos mimando!”, disse Violet, com medo de que Jerome parasse de dar lances. “Por favor, Jerome, por favor, compre o Lote 50 para nós. Depois nós explicamos tudo.”

Jerome suspirou. “Muito bem”, disse ele. “Acho natural que vocês queiram algumas coisas in depois de conviver com Esmé. Meu lance é cento e oito.”

“Duzentos”, disse o homem de óculos escuros. Os Baudelaire esticaram o pescoço para tentar dar uma olhada melhor, mas o homem de óculos escuros não lhes pareceu mais familiar por isso.

“Duzentos e quatro”, disse Jerome, e então olhou para as crianças. “Não vou dar nenhum lance mais alto, crianças. Isto está ficando caro demais, e dar lances é uma coisa que se parece demais com uma discussão para que eu a aprecie.”

“Trezentos”, disse o homem de óculos escuros, e as crianças Baudelaire se entreolharam horrorizadas. O que poderiam fazer? Seus amigos estavam prestes a escorregar-lhes por entre os dedos.

“Por favor, Jerome”, disse Violet, “eu imploro, por favor, compre isso para nós.” Jerome sacudiu a cabeça. “Um dia vocês vão entender”, disse ele. “Não compensa gastar dinheiro em bobagens in.”

Klaus voltou-se para o sr. Poe. “Sr. Poe”, disse ele, “o senhor poderia nos emprestar algum dinheiro do banco?”

“Para comprar uma caixa de papelão?”, disse o sr. Poe. “Eu diria que não. Decorações praianas são decorações praianas, mas não quero que vocês crianças fiquem desperdiçando dinheiro em uma caixa de uma coisa qualquer, seja lá o que for.”

“Ultimo lance trezentos, faz favor”, disse Gunther, virando-se para Esmé com uma piscadela monocular. “Faz favor, senhor, se...”

“Mil!”

Gunther interrompeu-se ao ouvir a voz de um novo pretendente ao Lote 50. Os olhos de Esmé se arregalaram, e ela sorriu pensando em pôr uma quantia tão enorme na sua bolsa risca-de-giz. A multidão in olhou em volta tentando descobrir de onde viera aquela nova voz, mas ninguém suspeitou que uma palavra tão curtinha e valiosa pudesse ter se originado na boca de um bebezinho que não era maior que um salame.

“Mil!”, gritou Sunny outra vez, e os seus irmãos prenderam a respiração. Sabiam, é óbvio, que a irmã não possuía tamanha soma de dinheiro, mas esperavam que Gunther não pudesse ver de onde viera aquele lance, e estivesse cobiçoso demais para descobrir. O leiloeiro ersatz olhou para Esmé e depois de novo para a multidão.

“Onde diabos Sunny foi arrumar esse tipo de dinheiro?”, perguntou Jerome ao sr. Poe.

“Bem, quando as crianças estavam no colégio interno”, respondeu o sr. Poe,

“Sunny trabalhou como recepcionista, mas eu não fazia idéia de que o salário fosse tão alto.”

“Mil!”, insistiu Sunny e, por fim, Gunther deu-se por vencido.

“O maior lance agora é de mil”, disse ele, e então lembrou-se de fingir que não era fluente em inglês. “Faz favor”, acrescentou.

“Bom Deus!”, disse o homem de óculos escuros. “Não vou pagar mais de mil por uma caixa de C.S.C. Ela não vale tanto assim.”

“Agora é conosco”, disse Violet impetuosamente, e as três crianças se dirigiram ao palco. Todos os olhares na multidão caíram sobre os irmãos enquanto eles se encaminhavam para a caixa de papelão, deixando uma trilha de cinzas atrás de si. Jerome ficou olhando, confuso. O sr. Poe parecia estupefato, uma palavra que aqui significa “tão confuso quanto Jerome”. Esmé parecia enfurecida. O homem de óculos escuros parecia alguém que acabou de perder em um leilão. E Gunther continuava sorrindo, como se uma piada que ele tivesse contado estivesse ficando cada vez mais engraçada. Violet e Klaus subiram ao palco e depois puxaram Sunny para cima, ao lado deles, e os três órfãos encararam ferozmente o homem horrível que aprisionara os seus amigos.

“Entregar seus mil, faz favor, para sra. Squalor”, disse Gunther com um sorriso malévolo para as crianças. “Depois, leilão acabou.”

“A única coisa que acabou”, disse Klaus, “é o seu plano horroroso.”

“Silko!”, concordou Sunny, e então, usando seus dentes apesar de ainda estarem doloridos da escalada pelo poço do elevador, a mais jovem dos Baudelaire mordeu a caixa de papelão e começou a rasgá-la, na esperança de que não estivesse machucando Duncan e Isadora Quagmire no processo.

“Um momento, crianças!”, rosnou Esmé levantando-se da sua cadeira sofisticada, e foi pisando duro até a caixa de papelão. “Vocês não podem abrir a caixa enquanto não me derem o dinheiro. Isto é ilegal!”

“Ilegal”, disse Klaus, “é leiloar crianças. E logo todos neste salão vão ver que você violou a lei!”

“O que é isto?”, perguntou o sr. Poe, marchando para o palco. Jerome foi atrás dele, olhando ora para os órfãos, ora para a mulher, em total confusão.

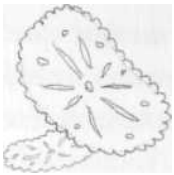
“Os trigêmeos Quagmire estão nesta caixa”, explicou Violet, ajudando a irmã a rasgá-la. “Gunther e Esmé estão tentando levá-los clandestinamente para fora do país.”

“O quê?”, exclamou Jerome. “Esmé, isto é verdade?” Esmé não respondeu, mas dentro de um instante todo mundo iria ver se era verdade ou não. As crianças tinham arrancado um grande pedaço da caixa de papelão e puderam ver uma camada de papel branco dentro dela, como se Gunther tivesse embrulhado os Quagmire do mesmo modo como você mandaria o açougueiro embrulhar um par de peitos de frango.

“Agüente firme, Duncan!”, gritou Violet para o papel. “Só mais alguns segundos, Isadora! Estamos tirando vocês daí!”

O sr. Poe franziu o cenho e tossiu no seu lenço branco. “Agora escutem, jovens Baudelaire”, disse ele severamente, depois que passou o ataque de tosse. “Eu tenho informações confiáveis de que os Quagmire estão em uma fábrica de cola, e não dentro de uma caixa de papelão.”

“Isto é o que nós vamos ver”, disse Klaus, e Sunny deu mais uma grande dentada na caixa. Com um ruído forte de papelão rasgado, ela se dividiu bem no meio, e o seu conteúdo derramou-se pelo palco inteiro. Será preciso usar uma expressão em inglês, “a red herring’, para descrever o que havia dentro da caixa de papelão. “A red herring” significa “um arenque vermelho”, o que, naturalmente, é um tipo de peixe. Porém, em inglês, “a red herring” é também uma expressão que significa “uma pista falsa para confundir e enganar”. Gunther usara as iniciais C.S.C. na caixa para enganar os Baudelaire, fazendo-os pensar que seus amigos estavam presos lá dentro e, lamento dizer, os Baudelaire não perceberam que era um red herring até que olharam em volta do palco e viram o que a caixa continha.



CAPITULO TREZE

"Aquilo são toalhinhas de papel", exclamou Violet. "Esta caixa está cheia de toalhinhas de papéis" E era verdade. Espalhadas por todo o palco,

derramando-se do que restava da caixa de papelão, havia centenas e centenas de toalhinhas de papel redondas, rendadas em volta, do tipo que você poderia usar para enfeitar um pratinho de biscoitos, ou para pôr embaixo do copo em uma festa sofisticada.

"É claro", disse o homem de óculos escuros. Ele se aproximou do palco e tirou os óculos escuros, e os Baudelaire puderam ver que ele não era um dos asseclas de Gunther, afinal. Era só um participante do leilão, usando terno risca-de-giz. "Eu ia dar ao meu irmão, de presente de aniversário. São Caprichosos Suportes de Copos. Que mais poderia significar C.S.C?"

"Sim", disse Gunther, sorrindo para as crianças. "Que mais poderia significar, faz favor?"

"Não sei", disse Violet, "mas o que os Quagmire descobriram não foi um segredo sobre toalhinhas de papel sofisticadas. Onde você os pôs, Olaf?"

"O que é Olaf, faz favor?", perguntou Gunther.

"Ora, Violet", disse Jerome. "Nós não combinamos que não íamos mais discutir com Gunther? Por favor, desculpe as crianças, Gunther. Acho que elas devem estar doentes."

"Não estamos doentes!", exclamou Klaus. "Nós fomos enganados! Esta caixa de suportes de copos era um red herring!"

"Mas o Lote 48 é que era um arenque vermelho", disse alguém na multidão.

"Crianças, estou muito perturbado com o seu comportamento", disse o sr. Poe.

"Parece que vocês não se lavam há uma semana. Vocês estão gastando o seu dinheiro em coisas ridículas. Vocês ficam acusando todo mundo de ser o conde Olaf disfarçado. E agora, vocês me fazem uma grande confusão de toalhinhas pelo chão. Alguém é capaz de levar um tombo, com todas essas toalhinhas de papel liso espalhadas por aí. Eu pensei que os Squalor estavam criando vocês melhor."

"Nós não vamos mais criá-los", disse Esmé. "Não depois de eles terem feito esse papelão. Sr. Poe, eu quero que essas crianças horríveis sejam tiradas da minha tutela. Não vale a pena ter órfãos, mesmo que sejam in."

"Esmé!", exclamou Jerome. "Elas perderam os pais! Aonde mais poderiam ir?"

“Não discuta comigo”, cortou Esmé. “E vou lhe dizer aonde elas podem ir. Elas podem ir...”

“Comigo, faz favor”, disse Gunther, e pôs uma das suas mãos ossudas no ombro de Violet. Violet lembrou-se de quando aquele vilão traiçoeiro arquitetara um plano de se casar com ela, e estremeceu debaixo daqueles dedos gananciosos. “Eu muito gosta crianças. Eu muito feliz, faz favor, de criar três crianças só meus.” Ele pôs a outra mão ossuda no ombro de Klaus, depois veio para a frente, como se fosse pôr uma das suas botas no ombro de Sunny, para que todos os três Baudelaire ficassem travados em um abraço sinistro. Mas o pé de Gunther não desceu no ombro de Sunny. Ele desceu em uma toalhinha, e um segundo depois a previsão do sr. Poe, de que alguém ia escorregar e cair, se realizou. Com um baque de tombo empapelado, Gunther foi ao chão de repente, os braços se agitando freneticamente no meio das toalhinhas e as pernas se agitando loucamente no chão do palco. “Faz favor!”, ele gritou ao cair, mas os braços e pernas se abanando só fizeram com que escorregasse ainda mais, e os caprichosos suportes de copos começaram a se espalhar para o outro lado do palco e a cair no piso do Veblen Hall. Os Baudelaire ficaram olhando as toalhinhas sofisticadas flutuarem em volta deles, produzindo leves ruídos sussurrantes ao cair, mas então ouviram dois sons ponderosos, um após o outro, como se a queda de Gunther tivesse feito cair alguma coisa mais pesada e, quando voltaram as cabeças na direção do som, viram as botas de Gunther caídas no chão, uma aos pés de Jerome e uma aos pés do sr. Poe.

“Faz favor!”, gritou Gunther de novo enquanto se debatia para se levantar, mas quando finalmente conseguiu se firmar em cima dos pés, todos no salão estavam olhando para eles.

“Olhem!”, disse o homem que antes estava de óculos escuros. “O leiloeiro estava sem meias! Isto não é muito educado!”

“E olhem!”, disse uma outra pessoa. “Ele está com um suporte de copo preso entre dois dedos do pé! Isto não é muito confortável!”

“E olhem!”, disse Jerome. “Ele tem um olho tatuado no tornozelo! Ele não é Gunther!”

“Ele não é um leiloeiro!”, gritou o sr. Poe. “Ele não é nem mesmo um estrangeiro!

Ele é o conde Olaf!”

“Ele é mais do que o conde Olaf”, disse Esmé, andando devagar até o terrível vilão. “Ele é um gênio! Ele é um maravilhoso mestre da arte

dramática! E ele é o homem mais lindo e mais in da cidade!”

“Não seja absurda!”, disse Jerome. “Impiedosos vilões seqüestradores não estão in!”

“Você está certo”, disse o conde Olaf, e que alívio é poder chamá-lo pelo seu verdadeiro nome! Olaf jogou fora o seu monóculo e passou um braço em volta de Esmé.

“Nós não estamos in. Nós estamos out, fora: fora da cidade! Vamos, Esmé!” Com uma gargalhada estridente, Olaf segurou a mão de Esmé e pulou para fora do palco, abrindo caminho a cotoveladas no meio da multidão in enquanto começava a correr para a saída.

“Eles estão escapando!”, gritou Violet, e pulou para fora do palco para ir ao encalço deles. Klaus e Sunny a seguiram o mais rápido que as suas pernas podiam levá-los, mas Olaf e Esmé tinham pernas mais compridas, o que neste caso era uma vantagem tão injusta quanto o elemento surpresa. No tempo que os Baudelaire levaram para correr até o estandarte com a cara de Gunther, Olaf e Esmé já tinham chegado ao estandarte com a palavra “Leilão”, e no tempo que as crianças levaram para chegar até aquele estandarte, os dois vilões já tinham passado correndo pelo estandarte “In” e atravessado a porta premiada do Veblen Hall.

“Ó Deus!”, exclamou o sr. Poe. “Não podemos deixar aquele homem monstruoso escapar pela sexta vez! Atrás dele, todo mundo! O homem é procurado por uma grande variedade de crimes violentos e financeiros!”

A multidão in entrou em ação e começou a perseguir Olaf e Esmé, e você pode optar por acreditar, agora que esta história se aproxima do seu desfecho, que com tanta gente no encalço daquele vilão miserável seria impossível ele escapar. Você pode querer fechar este livro sem terminar de ler, e imaginar que Olaf e Esmé foram capturados, e que os trigêmeos Quagmire foram resgatados, e que o verdadeiro significado de C.S.C. foi descoberto e que o mistério da passagem secreta para a mansão Baudelaire destruída foi resolvido e que todos fizeram um delicioso piquenique para comemorar toda esta boa sorte e que havia sanduíches de sorvete suficientes para todo mundo. Eu certamente não culparia você por imaginar essas coisas, pois eu mesmo as imagino o tempo todo. Tarde da noite, quando nem mesmo o mapa da cidade consegue me reconfortar, fecho os olhos e imagino todas essas coisas alegres e reconfortantes rodeando as crianças Baudelaire, em vez de todas aquelas toalhinhas de papel que as rodearam e trouxeram mais um golpe de infortúnio às suas vidas. Porque quando o conde Olaf e Esmé Squalor abriram impetuosamente a porta do Veblen Hall, deixaram entrar uma brisa vespertina

que fez todos os caprichosos suportes de copos esvoaçarem por cima das cabeças dos Baudelaire para depois caírem de novo no chão atrás deles e, em um escorregadiço momento, todos na multidão in estavam caindo uns por cima dos outros numa confusão de risca-de-giz empapelada. O sr. Poe caiu em cima de Jerome. Jerome caiu em cima do homem que estava antes usando óculos escuros e os seus óculos escuros caíram em cima da mulher que tinha dado o lance mais alto pelo Lote 47. Aquela mulher deixou cair as suas sapatilhas de balé feitas de chocolate e aquelas sapatilhas caíram em cima das botas do conde Olaf, e aquelas botas caíram em cima de mais três toalhinhas que fizeram mais quatro pessoas escorregarem e caírem em cima de uma outra pessoa, e logo a multidão inteira estava metida em um emaranhado sem saída.

Mas os Baudelaire nem relancearam para trás, para ver a última desgraça que as toalhinhas haviam causado. Mantiveram os olhos fixos na dupla de pessoas odiosas que corria pelos degraus do Veblen Hall abaixo na direção de uma grande caminhonete preta. Atrás do volante da caminhonete estava o porteiro, que por fim fizera a coisa sensata e enrolara as mangas exageradas; mas esta deve ter sido uma tarefa difícil, pois quando as crianças olharam para dentro da caminhonete, viram de relance que havia dois ganchos onde deveriam estar as duas mãos do porteiro.

“O homem de mãos de gancho!”, exclamou Klaus. “Ele estava bem debaixo dos nossos narizes o tempo todo!”

Assim que chegou à caminhonete, o conde Olaf voltou-se para zombar das crianças. “Ele pode ter estado bem debaixo dos seus narizes”, ele rosnou arreganhando os dentes, “mas logo estará nas suas gargantas. Eu voltarei, órfãos Baudelaire! Em breve as safiras Quagmire serão minhas, mas não esqueci da fortuna de vocês!”

“Gonope?”, gritou Sunny, e Violet apressou-se em traduzir.

“Onde estão Duncan e Isadora?”, disse ela. “Aonde você os levou?” Olaf e Esmé se entreolharam e desandaram a rir enquanto se esgueiravam para dentro da caminhonete preta. Esmé apontou um polegar de unha comprida para a carroceria, que é a palavra que se usa para a parte de trás de uma caminhonete, onde são colocadas as coisas a transportar. “Usamos dois red herrings para enganá-los”, disse ela quando o motor da caminhonete despertou rugindo para a vida. As crianças puderam ver, na parte de trás da caminhonete, o grande arenque vermelho que tinha sido o Lote 48 no Leilão In.

“Os Quagmire!”, exclamou Klaus. “Olaf os prendeu dentro da estátua!” Os órfãos desceram correndo as escadas do salão e, mais uma vez, você

poderá achar mais agradável pôr de lado este livro, fechar os olhos e imaginar para esta história um fim melhor do que o que tenho de escrever. Você poderia imaginar, por exemplo, que assim que os Baudelaire chegaram à caminhonete, eles ouviram o som do motor falhando em vez do toque de buzina quando o homem de mãos de gancho acelerou, levando embora os seus patrões. Você poderia imaginar que as crianças ouviram sons dos Quagmire escapando da estátua de arenque em vez do "Bai-bai!" saído da boca ignóbil de Esmé. E você poderia imaginar o som das sirenes da polícia enquanto o conde Olaf era por fim agarrado, em vez do choro dos órfãos Baudelaire enquanto a caminhonete preta dobrava a esquina e desaparecia de vista.

Porém a sua imaginação seria ersatz, como toda imaginação. Seria tão inverdade quanto o leiloeiro ersatz que encontrou os Baudelaire na cobertura dos Squalor, e o elevador ersatz do lado de fora da porta da frente, e a tutora ersatz que os empurrara para dentro do abismo profundo do poço do elevador. Esmé escondera o seu plano maligno debaixo da sua reputação como a sexta consultora financeira mais importante da cidade, e o conde Olaf escondera a sua identidade atrás de um monóculo e umas botas pretas, e a passagem secreta escondera seus segredos atrás de um par de portas deslizantes de elevador, mas por mais que me doa contar a vocês que os órfãos Baudelaire ficaram parados nos degraus do Veblen Hall chorando, cheios de angústia e frustração, enquanto o conde Olaf fugia com os trigêmeos Quagmire, não posso esconder as verdades desafortunadas das vidas dos Baudelaire atrás de um final feliz ersatz. Os órfãos Baudelaire ficaram parados nos degraus do Veblen Hall chorando, cheios de angústia e frustração, enquanto o conde Olaf fugia com os trigêmeos Quagmire, e a visão do sr. Poe emergindo da porta premiada com uma toalhinha de papel presa no cabelo e uma expressão de pânico nos olhos só serviu para fazê-los chorar ainda mais sentido.

"Vou chamar a polícia", disse o sr. Poe, "e eles vão capturar o conde Olaf sem mais tardar", mas os Baudelaire sabiam que esta afirmação era tão ersatz quanto o inglês imperfeito de Gunther. Eles sabiam que Olaf era esperto demais para ser capturado pela polícia, e lamento dizer que no momento em que dois detetives encontraram a grande caminhonete preta, abandonada na frente da Catedral de St. Carl com o motor ainda funcionando, Olaf já tinha transferido os Quagmire do arenque vermelho para um lustroso estojo preto de instrumento musical, que ele disse ao motorista do ônibus tratar-se de uma tuba que estava levando para a tia dele. Os três irmãos viram o sr. Poe voltar correndo para o Veblen Hall, para perguntar às pessoas na multidão in onde poderia encontrar um telefone público, e perceberam que o banqueiro não ia ser de nenhuma ajuda.

“Acho que o sr. Poe não vai ser de muita ajuda”, disse Jerome, que tinha saído do Veblen Hall e sentado nos degraus para tentar consolar as crianças. “Ele vai ligar para a polícia e dar a eles uma descrição de Olaf.”

“Mas Olaf anda sempre disfarçado”, disse Violet muito infeliz, enxugando os olhos. “Você não sabe qual vai ser a aparência dele até que o veja.”

“Bem, vou me certificar de que vocês jamais o vejam de novo”, prometeu Jerome.

“Esmé pode ter partido — e não vou discutir com ela — mas ainda sou o tutor de vocês e vou levá-los para muito, muito longe daqui, tão longe que vão esquecer tudo a respeito do conde Olaf, e dos Quagmire, e tudo o mais.”

“Esquecer Olaf?”, perguntou Klaus. “Como vamos esquecer dele? Nunca esqueceremos a sua traição, não importa onde estivermos vivendo.”

“E nós também nunca vamos esquecer os Quagmire”, disse Violet. “Eu não quero esquecê-los. Temos de descobrir aonde ele está levando os nossos amigos, e como salvá-los.”

“Tercul!”, disse Sunny, o que queria dizer “E nós também não vamos esquecer tudo o mais — como o corredor subterrâneo que nos levou à nossa mansão destruída, e o verdadeiro significado de C.S.C.!” ou algo no gênero.

“Minha irmã tem razão”, disse Klaus. “Temos de seguir a pista de Olaf e descobrir todos os segredos que ele está escondendo de nós.”

“Nós não vamos seguir a pista de Olaf”, disse Jerome estremecendo só de pensar. “Teremos sorte se ele não seguir a nossa pista. Como tutor de vocês, não posso permitir que tentem encontrar um homem tão perigoso. Vocês não preferem viver em segurança comigo?”

“Sim”, admitiu Violet, “mas os nossos amigos estão em sério perigo. Precisamos salvá-los.”

“Bem, não quero discutir”, disse Jerome. “Se vocês já decidiram, então decidiram. Vou dizer ao sr. Poe para encontrar um outro tutor.”

“Quer dizer que não vai nos ajudar?”, perguntou Klaus. Jerome suspirou e beijou cada um dos Baudelaire na testa. “Vocês crianças me são muito queridas”, disse ele, “mas não tenho a sua coragem. A sua mãe sempre disse que eu não era muito valente, e acho que ela estava certa. Boa sorte, jovens Baudelaire. Acho que vão precisar.”

As crianças ficaram olhando em total perplexidade enquanto Jerome se

afastava, sem sequer olhar para trás, para os três órfãos que estava abandonando. Elas sentiram os olhos marejando de lágrimas mais uma vez enquanto o viam se afastar e desaparecer de vista. Nunca mais tornariam a ver a cobertura dos Squalor, nem passariam mais uma noite em seus quartos, nem passariam um momento sequer usando os seus ternos risca-de-giz grandes demais. Embora ele não fosse tão infame quanto Esmé, ou o conde Olaf, ou o homem de mãos de gancho, Jerome continuava sendo um tutor ersatz, porque um tutor de verdade deve prover um lar, com um lugar para dormir e alguma coisa para vestir, e no fim tudo o que Jerome lhes dera fora um "Boa sorte". Jerome chegou ao fim do quarteirão, virou à esquerda, e os Baudelaire estavam sozinhos no mundo outra vez. Violet suspirou e ficou olhando ao longe na direção em que Olaf escapara.

"Espero que as minhas habilidades de inventora não me decepcionem", disse ela, "porque vamos precisar mais do que boa sorte para resgatar os trigêmeos Quagmire." Klaus suspirou e ficou olhando ao longe na direção dos remanescentes cinzentos do seu primeiro lar. "Espero que as minhas habilidades de pesquisador não me decepcionem", disse ele, "porque vamos precisar mais do que boa sorte para resolver o mistério do corredor e da mansão Baudelaire."

Sunny suspirou e ficou olhando para uma toalhinha de papel solitária que esvoaçava pelos degraus. "Morder", disse ela, e queria dizer com isso que esperava que os seus dentes não a decepcionassem, porque eles precisariam de mais do que boa sorte para descobrir o que realmente significava C.S.C.

Os Baudelaire se entreolharam com um leve sorriso nos lábios. Estavam sorrindo porque não achavam que as habilidades de inventora de Violet fossem decepcionar, assim como as habilidades de pesquisador de Klaus não iriam decepcionar, e os dentes de Sunny não iriam decepcionar. Mas as crianças também sabiam que não iriam decepcionar umas às outras, como Jerome as decepcionara e como o sr. Poe as estava decepcionando agora, enquanto discava um número errado e falava com um restaurante vietnamita em vez de falar com a polícia. Não importa por quantas desventuras tivessem passado, e não importa quantas coisas ersatz ainda fossem encontrar no futuro, os órfãos Baudelaire sabiam que podiam contar uns com os outros pelo resto de suas vidas, e isto, pelo menos, dava a sensação de ser a única coisa no mundo que era verdade.

Ao Meu Amável Editor,

Me desculpe por este papel estar completamente ensopado, mas estou escrevendo esta carta do lugar onde os Trigêmeos Quagmire estavam escondidos.

Na próxima vez em que você ficar sem leite, compre um litro na Caixa Registradora Nº 19 do Nem-Tão-Supermercado. Quando chegar em casa, irá encontrar a minha descrição da experiência recente que tiveram os Baudelaire nesta horrenda cidade, intitulada o VIL VILAREJO, enfiada na sua sacola de compras juntamente com uma tocha queimada, uma ponta de arpão e um mapa dos caminhos migratórios dos corvos c.s.c. Também encontrará uma cópia do retrato oficial do Conselho dos Anciãos, para ajudar o sr. Helquist com as suas ilustrações.

Lembre-se, o senhor é a minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket

Ao Meu Amável Editor,

Me desculpe por este papel estar completamente ensopado, mas estou escrevendo esta carta do lugar onde os Trigêmeos Quagmire estavam escondidos. Na próxima vez em que você ficar sem leite, compre um litro na Caixa Registradora Nº 19 do Nem-Tão-Supermercado. Quando chegar em casa, irá encontrar a minha descrição da experiência recente que tiveram os Baudelaire nesta horrenda cidade, intitulada o vil vilarejo, enfiada na sua sacola de compras juntamente com uma tocha queimada, uma ponta de arpão e um mapa dos caminhos migratórios dos corvos C.S.C. Também encontrará uma cópia do retrato oficial do Conselho dos Anciãos, para ajudar o sr. Helquist com as suas ilustrações.

Lembre-se, o senhor é a minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket